

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

Coletânea Interdisciplinar 10

Ano 20

Aroldo Magno de Oliveira
(Org./Ed.)

2024

2024

2024

2024

Niterói – RJ

Revista Querubim 2024 – Ano 20 – Coletânea Interdisciplinar – 104p. (maio – 2024)
Rio de Janeiro: Querubim, 2024 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos.
I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Bruno Gomes Pereira
Carla Mota Regis de Carvalho
Elanir França Carvalho
Enéias Farias Tavares
Francilane Eulália de Souza
Gladiston Alves da Silva
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
Joana Angélica da Silva de Souza
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luciana Marino Nascimento
Luiza Helena Oliveira da Silva
Mayara Ferreira de Farias
Pedro Alberice da Rocha
Regina Célia Padovan
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	Bruno Gomes Pereira e Clarice Vaz Peres Alves – Qualificação da escrita jurídica a partir da linguística textual e da semiótica francesa	05
02	Camila David Dalvi e Fabíola Simão Padilha Trefzger – <i>A moreninha</i> e <i>O que há de errado com a secretária Kim?</i> : reflexões sobre enredos da indústria cultural	11
03	Elisângela Gonçalves Taveira - Ensino de física na educação básica: utilização tecnológica para o desenvolvimento da aprendizagem	24
04	Eugenio Pacelli de Moraes Firmino – Israel e Hamas, prisioneiros do “inimaginável”?	29
05	Herivelton Martinelli dos Santos e Bruno Gomes Pereira – O NAPNE como instrumento de possibilidade de acesso e permanência para estudantes nos IFs	37
06	Isis Beatriz Santos Gomes e Pedro Alberice da Rocha – Explorando o amor em poemas de Barreiros Filho	43
07	Jessyca Silva Mota da Silva, Jeconias da Silva e Bruno Gomes Pereira Formação de professores a partir de uma perspectiva indisciplinar	49
08	Jessyca Silva Mota da Silva, Jeconias da Silva e Bruno Gomes Pereira – Letramento do professor em formação inicial: alguns apontamentos teóricos	55
09	Maicon Gomes Vilarinho et al – Educação corporativa e inovação na qualidade da prestação de serviços: um estudo de caso em uma autopeças em Porto Nacional-TO	61
10	Pedro Alberice da Rocha – Figuras de Linguagem e Distrações em uma Tradução Lobatiana	70
11	Rafael Pacheco Camargo et al – Educação empresarial e inovação no desenvolvimento de líderes no departamento pessoal de empresas do agronegócio: desafios e estratégias para o sucesso em Palmas –TO	78
12	Rafael Sarto Muller – O valor econômico da promiscuidade e abjeção em Liev Tolstói	87
13	Stefanny Suzerainny Lopes Souto Pereira et al – Neuromarketing e seus impactos na educação financeira de uma empresa em Porto Nacional-TO	96

Apresentação

A Coletânea Interdisciplinar constitui uma iniciativa da Revista Querubim que busca promover um diálogo entre os campos de investigação nas áreas de humanas e sociais. Um espaço onde o leitor poderá acompanhar os resultados de pesquisas e reflexões sobre as relações entre os seres humanos na vida social e como se constituem historicamente a organização da sociedade, de modo que possibilite estabelecer relações entre os conteúdos referenciais dos textos produzidos pelos autores das diversas áreas e campos de investigação das ciências humanas e sociais. Os resultados de pesquisas nas áreas de humanas e sociais apresentaram (e apresentam) um significativo e extraordinário avanço em nosso país, sobretudo em função dos novos e inusitados desafios deste início do século XXI tanto no campo discursivo quanto no da economia, da política, da ideologia, da cultura, da comunicação, do direito, da psicologia e etc. O referido avanço processa e expõe os conflitos sociais, políticos e culturais, e suas origens, do século XX. Espera-se que neste início de século XXI as áreas em questão possam fornecer possibilidades de superação dos conflitos e das contradições detectadas ao longo do século passado tanto no campo específico de investigação quanto na vida social. Entendemos que as áreas de pesquisa em ciências humanas/sociais/linguagem/educação se integram no processo de compreensão ininterrupta da relação entre os seres humanos na dinâmica da vida social, o que ressignifica, reorienta e reconfigura práticas sociais no sentido de qualificar a vida e o convívio entre os seres humanos

QUALIFICAÇÃO DA ESCRITA JURÍDICA A PARTIR DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E DA SEMIÓTICA FRANCESA

Bruno Gomes Pereira¹
Clarice Vaz Peres Alves²

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar evidências linguísticas que apontem para uma qualificação do processo redacional de acadêmicos do curso de Direito em uma instituição privada, no município de Santo André, estado de São Paulo. A fundamentação teórica parte das colaborações da Linguística Textual (LT) e da Semiótica Francesa (SF), correntes dos estudos da linguagem que problematizam o texto e seus aspectos semânticos. O estudo é de natureza intervencionista. Os dados aqui discutidos foram coletados por meio de um curso de extensão constituído por dez encontros duas horas de duração cada um. Os resultados revelam a qualificação da escrita jurídica dos participantes envolvidos no que se refere à estrutura argumentativa do texto. No entanto, aspectos léxico-gramaticais ainda se mostram frágeis nos textos analisados.

Palavras-chave: Argumentação. Discurso Jurídico. Semântica do Texto.

Abstract

This article aims to identify linguistic evidence that points to a qualification of the writing process of Law students at a private institution, in the municipality of Santo André, state of São Paulo. The theoretical foundation comes from the collaborations of Textual Linguistics (TL) and French Semiotics (FS), currents of language studies that problematize the text and its semantic aspects. The study is interventionist in nature. The data discussed here were collected through an extension course consisting of ten meetings lasting two hours each. The results reveal the qualification of the legal writing of the participants involved with regard to the argumentative structure of the text. However, lexico-grammatical aspects still appear to be fragile in the texts analyzed.

Keywords: Argumentation. Legal Discourse. Text Semantics.

Introdução

No mundo cada vez mais globalizado, a escrita, enquanto objeto de investigação acadêmica, tem se apresentado como um terreno fértil para as discussões científicas em todos os campos do conhecimento humano, especialmente aqueles situados no bojo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Isso porque, além de constituir o meio social, a modalidade redacional da língua detém grande prestígio social (Soares, 2000).

Nos cursos de Direito, a escrita jurídica tem sido problematizada a partir de diferentes enfoques, o que lhe garante ser vista de diversas maneiras. Assim, parece ser consensual que a escrita advinda do contexto jurídico deve ser observada como algo específico, já que é importante levar em consideração aspectos epistemológicos do Direito que são semiotizados na escrita, tais como construções gramaticais, por exemplo (Brondani; Pereira, 2019).

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente e Pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). Docente da Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN), do Centro Universitário Anhanguera de Santo André (AMPLI) e da Faculdade Ana Carolina Puga (FAPUGA). E-mail: b.gomes@kroton.com.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente do programa de pós-graduação *stricto sensu* em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Docente dos cursos de Direito e Psicologia da Faculdade Anhanguera de Pelotas (AESAPAR). Líder do Projeto de Pesquisa Multicêntrico na área de Direito Educacional. E-mail: clarice.alves@cogna.com.br.

De acordo com esse contexto, este artigo tem como objetivo identificar evidências linguísticas que apontem para uma qualificação do processo redacional de acadêmicos do curso de Direito em uma instituição privada, no município de Santo André, estado de São Paulo. Trata-se, portanto, de um recorte de uma investigação maior desenvolvida pelo projeto multicêntrico de pesquisa “A organização da escrita jurídica na petição inicial: uma proposta intervencionista” (Alves, 2023), do Grupo Cogna Educação.

A fundamentação teórica parte das colaborações da Linguística Textual (LT) e da Semiótica Francesa (SF), correntes dos estudos da linguagem que problematizam o texto e seus aspectos semânticos. Enquanto a LT nos ajuda a entender aspectos voltados à coerência e à coesão sob o olhar do texto (Koch, 2003; Koch; Travaglia, 1997), a SF nos auxilia a compreender o processo de mapeamento dos discursos contidos nos dados de pesquisa, pois entendemos que os significados que emergem dos dados são determinantes para o entendimento dos textos (Bertrand, 2003; Fiorin, 2011).

O estudo é de natureza intervencionista (Damiani, 2014), considerando os dados coletados a partir da aplicação de um curso de extensão constituído por 10 encontros de duas horas cada um. Assim, esta investigação de natureza intervencionista se enquadra dentro da abordagem qualitativa (Bauer; Gaskell, 2017; Flick, 2004).

Diante disso, torna-se pertinente a elucidar a problemática que norteou as reflexões aqui empreendidas: *quais as evidências linguísticas que apontam para uma qualificação do processo redacional de acadêmicos do curso de Direito em uma instituição privada, no município de Santo André, estado de São Paulo?*

Além desta *introdução*, este artigo é constituído pelas seguintes seções: *revisão teórica, metodologia da pesquisa, resultados e discussão. Considerações finais e referências.*

Revisão Teórica

Nesta seção, apresentamos o percurso teórico que mobilizamos neste trabalho. Trata-se da caracterização de alguns pontos importantes da LT e da SF, correntes que utilizamos para o tratamento dos dados.

No campo dos estudos da linguagem, muitas são as vertentes que procuram problematizar a relação entre escrita e discurso. Isso porque, apesar de serem manifestações diferentes da linguagem, não podem ser entendidas separadamente. Logo, a escrita, enquanto mecanismo vivo, existe porque estabelece interação. Esta, por sua vez, é moldada pelo discurso, que passa a exercer função semântica (Pereira, 2018).

Assim, a LT e a SF, embora tenham diferentes enfoques, mostram-se complementares, quando entendemos que o texto é instrumento de interesse por parte de ambas. Portanto, ambas as correntes teóricas ajudam diretamente no entendimento da relação entre escrita e discurso, operando do nível léxico-gramatical ou nível discursivo (Pereira, 2022).

Da LT nos interessamos mais de perto pelas suas contribuições voltadas ao texto enquanto instrumento comunicativo. Para isso, as construções sintagmáticas nos ajudam a perceber o universo textual, considerando o processo redacional como uma modalidade basilar à comunicação humana. Nesse sentido, torna-se salutar ao entendimento de que o texto escrito deve ter um olhar específico para sua elaboração, observando aspectos lógico-semânticos que se materializam a partir do uso de elementos gramaticais e, com isso, ajudam a tornar o texto mais inteligível (Koch, 2003; Koch; Travaglia, 1997).

A LT nos ajuda a captar evidências linguísticas que podem apontar para uma qualificação da escrita jurídica. Assim, o entendimento do progresso das redações tratadas como *corpus* pode ser entendida a partir das escolhas gramaticais mobilizadas pelos participantes da pesquisa.

Da SF nos interessamos mais de perto pelas suas discussões acerca dos sentidos da escrita, considerando os discursos vizinhos como fundamentais. Com isso, passamos a compreender a escrita como uma reunião de signos linguísticos capazes de gerar significados por intermédio de um percurso, o qual a semiótica opta por denominar como “percurso gerativo de sentidos”. À luz da SF, entendemos que este percurso prevê a evolução de sentidos de um determinado texto, o que garante observar sua evolução semântica (Bertrand, 2003; Fiorin, 2011).

O olhar da semiótica nos convida a pensar a escrita jurídica como um conjunto de signos que, ao serem submetidos ao tratamento científico, nos permite perceber os mecanismos de melhoramento. Em outros termos, ao considerarmos a produção redacional dos participantes de pesquisa como *corpus*, é possível entendermos que o percurso gerativo de sentido pode nos ajudar a identificar a qualificação desta escrita.

Em síntese, trata-se de duas teorias de natureza interdisciplinar e que dialogam entre si, já que a proposta é identificar indícios desta qualificação da escrita jurídica a partir da confluência entre LT e SF. Ambas teorias nos convidam a pensar o texto como organismo vivo, considerando-o célula central de análise (Pereira, 2022).

Metodologia da Pesquisa

A referida pesquisa é de natureza intervencionista e de abordagem qualitativa, em que os participantes de pesquisa são acadêmicos do curso de Direito que estavam, nesta ocasião, cursando do 6º ao 10º período deste bacharelado. Tais estudantes estão regularmente matriculados em um centro universitário privado, localizado no município de Santo André, região metropolitana de São Paulo.

O percurso metodológico da pesquisa intervencionista envolve planejamento, implementação e avaliação de seus efeitos, conforme explica Damiani *et al.* (2014). Esse tipo de pesquisa caracteriza-se pela descrição detalhada do processo interventivo e pela apresentação de seus possíveis efeitos, ambas fundamentadas em teorias pertinentes ao objeto de estudo. A avaliação é efetivada por meio de instrumentos diversos de coletas e análise de dados. A análise deve ser realizada mediante a um intenso processo de triangulação de dados a fim de propiciar confiabilidade aos achados da proposta interventiva (Bauer; Gaskell, 2017).

Já a abordagem qualitativa caracteriza-se pelo seu teor intersubjetivo e interpretativista, sendo, dessa forma, a semiotização do olhar crítico do investigador. Em outros termos, ao identificar discursos que contextualizam os dados de uma pesquisa de maneira abstrata, a abordagem qualitativa colabora para o entendimento interpretativo do entorno em que os dados foram coletados, sendo, pois, uma perspectiva social (Flick, 2004).

Este trabalho é um recorte de um projeto de pesquisa multicêntrica denominado “A organização da escrita jurídica na petição inicial: uma proposta intervencionista” (Alves, 2023), implementado no segundo semestre de 2023. O referido projeto prevê a coleta de dados a partir da aplicação de um curso de extensão constituído por 10 encontros de duas horas cada um.

Por fim, os dados que constituem o *corpus* desta investigação foram coletados durante a execução desta proposta de pesquisa, considerando que os textos analisados foram concebidos em três momentos distintos: i) o pré-teste; ii) o pós-teste; e iii) a reescrita do pré-teste.

Resultados e Discussão

Nesta seção, apresentamos e analisamos os dados deste trabalho. Interessa-nos aqui a triangulação entre as produções oriundas do pré-teste, do pós-teste e da reescrita do pré-teste. Vale lembrar que estas análises foram embasadas em um conjunto de critérios previstos na seguinte guia de revisão textual:

Quadro 1: Guia para escrita / revisão de textos

ASPECTOS LÓGICO-SEMÂNTICOS	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS
1 O texto é de natureza argumentativa?	6. Quanto à forma, o parágrafo está bem estruturado, isto é, apresenta uma ideia-núcleo e outras ideias secundárias para desenvolver a ideia principal?
2 A argumentação apresenta uma sequência lógica de ideias, ou seja, um fio condutor de raciocínio?	7 As frases dentro do parágrafo não estão excessivamente longas e/ou incompletas?
3 As ideias apresentam um encadeamento lógico por meio de elementos coesivos?	8 Há elementos coesivos para encadear as ideias entre as frases e entre os parágrafos?
4 O(s) argumento(s) apresentam poder de convencimento?	9 O vocabulário empregue está de acordo com o padrão culto da língua?
5 A argumentação está clara e possui força argumentativa?	10 O texto apresenta problemas relativos à norma culta como problemas de pontuação, de concordância e de regências, assim como erros gramaticais e ortográficos?

Fonte: Alves (2023).

O Quadro 1 é constituído por duas colunas, sendo que a primeira lista os aspectos lógico-semânticos e a segunda, os aspectos linguísticos. Em tempo, todos os textos produzidos durante o curso de extensão foram submetidos à análise textual a partir das recomendações da guia, o que nos levou a ter os resultados listados adiante.

Ao comparar os dados coletados nas três diferentes atividades de produção textuais, é possível ter o seguinte resultado:

Quadro 2: Comparando os resultados por atividade

PRÉ-TESTE		PÓS-TESTE		REESCRITA DO PRÉ-TESTE	
Sim	23	Sim	31	Sim	31
Parcial	17	Parcial	10	Parcial	14
Não	50	Não	19	Não	15
Total	90	Total	60	Total	60

Fonte: Autoria Própria

Na atividade de pré-teste, tínhamos um número superior de acadêmicos assíduos na oficina, o que proporcionou um número maior de textos analisados. Para as etapas posteriores, houve a desistência de três estudantes. Das microanálises, obtivemos 23 itens satisfatórios, 17 parciais e 50 insatisfatórios, sendo este a maioria.

De ponto de vista textual, foi possível perceber uma fragilidade maior nos itens da guia que apontam para aspectos lógico-semânticos. Nesse sentido, é possível dizer que, nesta fase da intervenção, os acadêmicos tiveram mais dificuldades em entender tomadas argumentativas nos textos a partir de elementos de coesão, por exemplo, o que dificultou a produção de um texto mais inteligível (Koch, 2003; Koch; Travaglia, 1997).

No entanto, foi possível ver o inverso na atividade de pós-teste, em que 31 análises foram satisfatórias, 10 parciais e 19 insatisfatórias, sendo o resultado positivo a maioria. Isso, por sua vez, evidencia uma melhor significativa nos textos produzidos, considerando que as análises positivas tem maior quantidade em detrimento da soma do parcial e do insatisfatório.

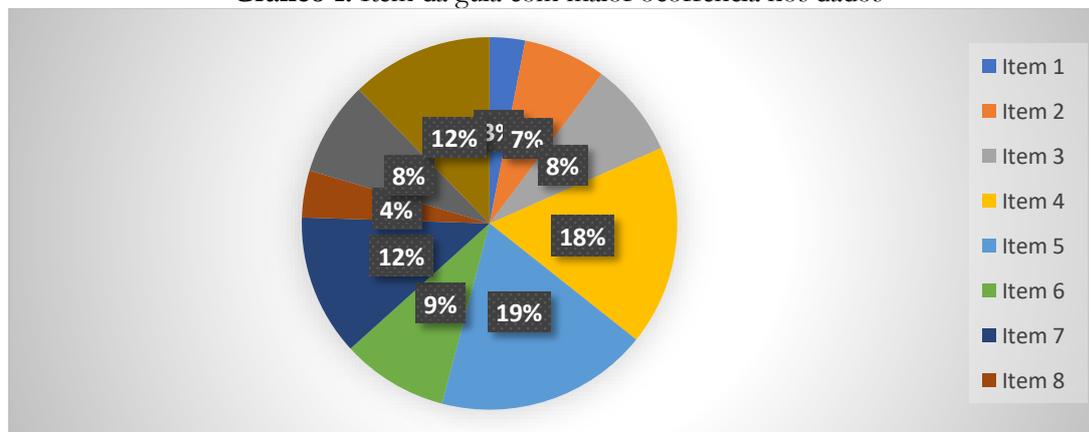
Semioticamente, há uma melhora na escrita jurídica, o que revela uma qualificação também discursiva. Em outras palavras, é necessário levar em consideração o desenvolvimento de pertencimento que o acadêmico desenvolveu em relação à própria dinâmica do curso de extensão, bem como à manipulação dos argumentos. Assim, é importante não perder de vista a ideia de que a construção de sentidos é algo processual e, como ocorreu de maneira concomitante à escrita, o processo redacional ilustra os movimentos de posse dos argumentos mobilizados (Bertrand, 2003; Fiorin, 2011).

Por fim, na atividade da reescrita do pré-teste, os números se apresentam ainda mais animadores, uma vez que 31 das microanálises realizadas apontam para um resultado satisfatório, 14 para parciais e 15 para insatisfatório. Ainda que os resultados satisfatórios tenham se mantido em relação à atividade anterior, é necessário levar em consideração a diminuição das microanálises insatisfatórias, que parecem ter migrado para microanálises parciais.

Do ponto de vista textual, houve uma melhora em aspectos semânticos, mas as questões linguísticas ainda precisam de atenção especial. Nesse sentido, compreender o discurso é fundamental, mas não podemos desconsiderar que o conhecimento léxico-gramatical do texto é também basilar para torná-lo um instrumento inteligível (Koch, 2003; Koch; Travaglia, 1997).

Com todos os dados tabulados, foi possível identificar o item da guia de elaboração de revisão de textos que teve a maior ocorrência de desempenho insatisfatório, tal como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1: Item da guia com maior ocorrência nos dados



Fonte: Autoria Própria

De acordo com o Gráfico 1, os itens que mais apresentaram ocorrência de desempenho satisfatório durante a intervenção da pesquisa foram: item 5 (A argumentação está clara e possui força argumentativa?) (19%), item 4 (O(s) argumento(s) apresentam poder de convencimento?) (18%) e itens 7 e 10 (As frases dentro do parágrafo não estão excessivamente longas e/ou incompletas? e O texto apresenta problemas relativos à norma culta como problemas de pontuação, de concordância e de regências, assim como erros gramaticais e ortográficos, respectivamente) (12% cada). Em tempo, os aspectos previstos pelos referidos itens servem como pontos a serem observados em futuras intervenções, já que esta investigação foi resultado de um projeto de pesquisa piloto, ou seja, sujeito a modificações e ajustes.

Considerações Finais

Os resultados apontam para um melhoramento da escrita jurídica dos participantes envolvidos no que se refere à estrutura argumentativa do texto. No entanto, aspectos léxico-gramaticais ainda se mostram frágeis nas redações analisadas.

Diante disso, vamos retornar a questão que norteou as reflexões aqui apresentadas: *quais as evidências linguísticas que apontam para uma qualificação do processo redacional de acadêmicos do curso de Direito em uma instituição privada, no município de Santo André, estado de São Paulo?*

O referido problema de pesquisa foi respondido no decorrer deste trabalho, especialmente na seção de tratamento dos dados, em que foi possível perceber que os itens da guia de revisão de textos que mais evidenciou a qualificação da escrita estão alojados nos aspectos lógico-semânticos. Isso, por sua vez, evidencia uma melhora significativa na escrita jurídica dos participantes da pesquisa apontando para resultados satisfatórios.

Referências

- ALVES, C. V. P. (coord). A organização da escrita jurídica na petição inicial: uma proposta intervencionista. **Grupo Cogna Educação**, São Paulo, 2023.
- BAUER, M.W.; GASKELL. G. Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: BAUER, M.W.; GASKELL. G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- BERTRAND, D. **Caminhos da Semiótica Literária**. Trad. Grupo CASA. Bauru: Edusc, 2003.
- BRONDANI, R. A.; PEREIRA, B. G. Linguagem e semiótica jurídica em confluência: abordagens teórico-metodológicas a partir do princípio da intencionalidade. **Revista Querubim**, v. 39, p. 20-25, 2019.
- DAMIANI, M.F (et. al.). Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, n.45, p.57- 67, 2014.
- FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- KOCH, I. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1997.
- PEREIRA, B. G. Semiótica Francesa e Linguagem Jurídica: Desdobramentos de Sentidos a partir de Aspectos Textuais. **Revista Querubim** (Online), v. 47, p. 05-10, 2022.
- PEREIRA, B. G. Texto e textualidade: considerações teórico-discursivas a partir dos princípios da Linguística Textual. **Revista Querubim**, v. 35, p. 71-78, 2018.
- SOARES, M. B. As Condições Sociais da Leitura: Uma reflexão em contraponto. In.: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. da. (org.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 2000. p. 18-29.

A MORENINHA E O QUE HÁ DE ERRADO COM A SECRETÁRIA KIM?: REFLEXÕES SOBRE ENREDOS DA INDÚSTRIA CULTURAL

**Camila David Dalvi³
Fabiola Simão Padilha Trefzger⁴**

Resumo

Neste artigo pretende-se realizar uma análise comparativa entre o romance oitocentista brasileiro *A Moreninha* [1844], de Joaquim Manuel de Macedo, e o dorama contemporâneo *O que há de errado com a secretária Kim?* [2018] – seriado pertencente à investida coreana na divulgação transnacional a partir do movimento, amparado pelo governo, denominado *Hallyu*. A comparação se dará a partir do enredo de cada uma das obras de ficção, em sua relação com o que se entende por Indústria Cultural – conceito cunhado por Adorno e Horkheimer e desenvolvido pelo brasileiro César Bolaño. Nota-se uma ligação entre essas produções, distantes geográfica e culturalmente, com ideologias caras ao sistema capitalista e ao modo de vida burguês, tais como patriarcalismo, monogamia, família nuclear, papéis de gênero etc.

Palavras-chave: *A Moreninha*; Secretária Kim; Indústria Cultural; Folhetim; Dorama.

Abstract

The aim of this article is to carry out a comparative analysis between the 19th century Brazilian novel *A Moreninha* [1844], by Joaquim Manuel de Macedo, and the contemporary drama *What's Wrong with Secretary Kim?* [2018] – a series that is part of Korea's foray into transnational promotion through the government-backed movement called *Hallyu*. The comparison will be based on the plot of each of the fictional works, in relation to what is meant by Cultural Industry – a concept coined by Adorno and Horkheimer and developed by the Brazilian César Bolaño. There is a connection between these productions, which are geographically and culturally distant, with ideologies dear to the capitalist system and the bourgeois way of life, such as patriarchy, monogamy, the nuclear family, gender roles, etc.

Keywords: *A Moreninha*; Secretary Kim; Cultural Industry; Paperback; Dorama.

Introdução

O despontar do século XIX trouxe consigo, como consequência de trajetórias ocorridas ao longo do século XVIII, transformações em campos da experiência humana, tais como economia, sociedade, ciências, literatura, dentre outros. Se pensamos no contexto especialmente de determinados países europeus, a transição de modos de vida aristocráticos para os burgueses, em virtude de eventos marcantes como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, engendrou mudanças e permanências no que concerne às relações sociais e aos hábitos de vida privada, bem como consolidou o modo capitalista e abriu para a percepção de “indivíduo” – e, assim, essas visões de mundo espalharam-se para outros países. Um dos apelos marcantes, dentro da produção literária compreendida como canônica da época, trata-se da difusão do modo de vida burguês com suas nuances a fim de, pouco a pouco, introjetá-lo como modelo (embora inalcançável em muitos sentidos) aos grupos sociais que tinham acesso aos livros, à leitura, aos jornais e aos folhetins⁵.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), e-mail: camiladalvi@gmail.com

⁴ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professora de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e-mail: fabiolapadilha27@gmail.com

⁵ Tanto ao fim do parágrafo, como mais acima na ocasião de mencionar “obras literárias canônicas”, considera-se aqui o espectro de pessoas a quem era possível inserir-se na vida intelectual e/ou econômica. Assim, as camadas excluídas da

Notam-se, assim, em produções literárias da estética romântica – inovadora também do ponto de vista estético –, elementos recorrentes que, abordados de maneira criativa e atenta às tendências da época, difundem novos modos de vida e de ler tanto o mundo quanto a literatura propriamente dita. Ainda que o movimento tenha sido de riqueza e vastidão inapreensíveis mesmo em longos e dedicados estudos, arrisca-se breve análise de recorrências temáticas. No caso brasileiro, obras brasileiras de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e outros exploram relacionamentos amorosos, constituições de família nuclear, vidas de estudantes oitocentistas, contatos entre culturas diferenciadas, vivências e crenças religiosas, elementos da natureza, hábitos da corte, vestimentas e outros produtos comercializáveis, temas nacionais, intensidades dramáticas etc. Em muitos dos casos, esses temas são tratados sob a ótica da idealização e, por vezes, com pinceladas de risos, ironias ou exacerbações sentimentais (dentre as quais se inclui o pessimismo). São inúmeros aspectos que podem ser observados à minúcia. O foco de análise aqui, no que se refere a uma obra oitocentista, será em especial elementos de constituição do amor romântico como tópica basilar do romance *A Moreninha*, de Macedo. Isso englobará diferentes aspectos envolvidos: a construção do amor romântico entre homens e mulheres; os papéis de gênero bem como suas performances delineados na obra; as condutas dos personagens; a relação de intensa dedicação leal entre os protagonistas; e a valorização da infância.

A intenção é compreender como as marcas ideológicas caras ao sistema político-econômico da época constituem a (e são instituídas pela) classe burguesa como detentora não só de meios financeiros/materiais mas também de elementos de dominação simbólica. Uma das evidências desse poder é a insurgência de uma estética, não só literária, que retratasse os costumes e fosse palatável ao repertório cultural burguês – e não mais elitista e restrito a academicismos – daí decorrendo a leitura de folhetins. Patriarcalismo, papéis de gênero e individualismo são temas frequentes, sendo que os dois primeiros são bem anteriores à existência da classe burguesa. Com a febre dos folhetins, intensificada no século XIX, veem-se possibilidades de difusão de maior alcance dos textos e, conseqüentemente, de um interesse mais “ouriçado” pelas narrativas com características específicas.

Tais questões complexas merecem estudos elaborados, uma vez que incontáveis desses padrões que já eram vistos em produções literárias no século XIX ainda se perpetuam, mesmo que transmutados em formas e cores diferenciadas, em nosso século XXI – seja na ficção, em bens culturais; seja em práticas cotidianas na sociedade. É por isso que se pretende uma análise comparada da obra considerada fundante do romance brasileiro com outro objeto cultural bem diverso, distante espaço-cultural-temporalmente e de divulgação transnacional cada vez mais alta: o dorama – produção audiovisual seriada de países do leste asiático. A possibilidade de aproximar dois textos de ficção de formatos e épocas tão distintas abre para a reflexão de que muitas das marcas ideológicas se mantiveram ao longo das décadas, dados os poderes de seus tentáculos convenientes. Isso se confirma, nos dias atuais, no que concerne aos doramas, nas numerosas produções que saem ano a ano e são acompanhadas por comunidades não só do Brasil, mas em outros tantos países do mundo. Logo, se há esforços para maior produção é porque há inegável demanda.

É fato que a proposta de aproximar uma obra brasileira (localizada na periferia do capitalismo, se usarmos a denominação de Schwarz, desde o seu achamento até os dias atuais, no século XXI) a obras de audiovisual de leste asiático (região que compreende países de dinâmicas históricas e políticas diferentes, sem falar nos aspectos culturais que os ocidentais nem chegam a compreender com clareza), tendo apontado acontecimentos históricos (como as revoluções mencionadas acima) marcantes em países europeus, pode parecer estapafúrdia. Isso, porque, afinal,

sociedade (pessoas pobres, escravizadas, muitas mulheres e outros grupos minoritários) podem não ser tratadas a contento; uma vez que, quando supomos leitura de folhetins ou mesmo publicação de obras para época, muitas vezes, não conseguimos incluir textos e pessoas a quem esse espaço não foi aberto. Portanto, obras consideradas canônicas assim o foram por conta de um conjunto de questões político-econômicas.

Brasil (na América do Sul), França e Inglaterra (na Europa) e Coréia, Japão e China (na Ásia), cada um deles em seu lugar ocupado na dinâmica mundial, parecem estar bem distantes e não só geograficamente. Acrescenta-se a isso o lapso temporal sugerido neste artigo: entre século XIX e XXI. Entretanto o se propõe é a reflexão sobre a pertinência dessas aproximações quando se pensam aspectos globalizantes e massificadores do sistema capitalista – criador de demandas, aplainador de complexidades e mascarador de suas próprias crises. Sendo assim, uma pergunta que pode ser feita é como – a despeito de todas as diferenças – o romance *A Moreninha* e o dorama *O que há de errado com a secretária Kim?* podem afinar nas vozes discursivas e, até mesmo, concordar, engrossando o coro de cantilenas através de décadas?

Indústria Cultural e Ficção: do século XIX para os dias atuais

Embora o exíguo espaço de estudo aqui não seja adequado para uma análise minuciosa do conceito de Indústria Cultural – em sua concepção inicial tal como Adorno e Horkheimer descreveram e em desdobramentos posteriores –, apontam-se algumas características como percurso para compreender, por exemplo, tamanho sucesso de doramas. A reflexão acerca de produções culturais seriadas, com processos massificados, inicia especialmente com o rádio e, posteriormente, o cinema, que permitem um acesso diferenciado à cultura (música, ficção etc.): tal acesso prescinde do contato direto e/ou presencial de quem a experiencia; ou seja, pelo rádio (tanto os aparelhos como as redes transmissoras) conteúdos produzidos alcançariam mais espaços, reproduções simultâneas e pessoas, o que já sinaliza sua diferença em relação ao espetáculo teatral ou ao concerto musical. E isso, em certa medida, pode ser interpretado como um sinal de democratização. É claro que essa reprodutibilidade de que já falara Walter Benjamin só se dá após desenvolvimento técnico-tecnológico – e para isso é necessário investimento, trabalho, industrialização e, inclusive, decisões tomadas a partir do capital de que se dispõe, conjugado com os interesses de quem detém os meios de produção. Com a televisão, esse processo se acentua: durante o período ocioso, a classe trabalhadora passou a dedicar sua atenção ao consumo do que lhes era disponibilizado pelas redes de transmissão – e estas em seu surgimento não eram reguladas.

A televisão agora não só alimenta o imaginário e preenche espaços de lazer, como o faz dentro dos lares, interferindo, paulatinamente, nas dinâmicas familiares. A esse respeito, inclusive, há duas interessantes observações a levantar. Primeiramente, César Bolaño nota que produtos desse tipo de indústria assumem lugares de formação humana, competindo com (ou quiçá substituindo) instituições anteriormente mais decisivas, tais como família e igreja. Em segundo lugar, temos a tese defendida por Eugênio Bucci a respeito da passagem das vivências em sociedade da “*instância da palavra impressa*” para a “*instância da imagem ao vivo*”, e isso está intimamente ligado às decorrentes transformações na dinâmica do que se entendia por esfera pública – conceito complexo, sobre o qual não se debruçará aqui a contento, cada vez mais aproximado de assuntos relativos à individualidade e à vida privada.

Inclusive, vale pontuar que ambos os autores, bem como Adorno, reconhecem que anteriormente ao rádio e à televisão, os folhetins e os romances já instigavam, guardadas as devidas proporções de difusão e alcance, o interesse dos leitores em determinados enredos e em acompanhamento dos fatos da narrativa. Para Bolaño, a produção literária, por exemplo, bem como outros gêneros textuais divulgados pela imprensa escrita, compõe os “setores mais antigos da Indústria Cultural” (2000, p. 256); já Bucci afirma que, desde fins do século XIX, “narrativas lacrimosas e irascíveis próprias das diversões privadas, [...] dominariam o debate público” (2021, p. 160), o que levou a relação com questões políticas, públicas e sociais ser mediada pelo o olhar da sociedade de consumo, interessada nas questões íntimas do sujeito (que se tornam quase que um diapasão orientador do olhar para a realidade).

Caso se queira endossar essa “origem” da indústria cultural, acrescenta-se que, em Adorno, há uma aproximação, em “O esquema na cultura de massas”, presente no compilado *Indústria cultural*

(2020): “Até mesmo como fenômeno ótico as imagens do cinema, que lampejam e desaparecem, se aproximam da escrita. Elas são percebidas, não observadas. A fita leva o olhar como a linha, e ao doce embalo das cenas flui o folhear das páginas” (p. 200). Em outro texto, “Prólogo à televisão”, Adorno afirma que os programas televisivos contam com pessoas que assimilaram esquemas da cultura de massas, “que datam da primeira época do romance inglês” (p. 217)⁶. Com o surgimento da tecnologia que oportunizou produtos culturais com sons e imagens, os livros, em alguma medida, passaram a assumir significações diferentes, todavia não deixaram de manter suas fortes influências. No que se refere à massificação, aponta-se a indústria de *best-sellers*, agora já em formatos de *e-book*, que baseiam suas infinitas possibilidades criativas em elementos repetidos do interesse do leitor médio e em fontes bebidas tanto na cultura popular quanto na dita “alta literatura”. Ainda na esteira dessa reflexão, pode-se consultar o riquíssimo e extenso estudo de Marlyse Meyer, *Folhetim: uma história* (1996), dedicado a traçar o despontar dos folhetins, suas origens, características, circulação, temas, escritores e muito mais. Ao fim do livro, ela dedica uma parte às telenovelas em que as aproxima ao folhetim e ao romance. Afirma ser a telenovela uma criação da América Latina a partir da “recepção do nos trópicos do produto ficcional europeu” (p. 386). E ainda:

Não seria a telenovela a “tradução” atualizada de um velho gênero que jornais, revistas [...], fascículos prolongaram pelo século XX, recontado através de novos veículos? Um produto novo, de refinada tecnologia, nem mais teatro, nem mais romance, nem mais cinema, no qual reencontramos o de sempre: a série, o fragmento, o tempo suspenso que reengata o tempo linear de uma narrativa estilizada em tramas múltiplas, enganchadas no tronco principal, compondo uma “urdidura aliciante”, aberta às mudanças segundo o gosto do “freguês” [...]. Precioso freguês que precisa ficar amarrado de todo jeito, amarrado por ganchos, chamadas, puxado por um suspense [...]. E sempre, no produto novo, os antigos temas [...].” (p. 387).

No que se refere em especial aos textos ficcionais (radionovelas, telenovelas, seriados etc., parentes, portanto, não tão distantes de folhetins e romances), é inevitável perceber que os temas escolhidos, bem como a perspectiva sob a qual são mostrados, para a difusão entre o público, são, em numerosos casos, convenientemente selecionados. Eles emergem da vida comum das pessoas, uma vez que a Indústria Cultural faz brotar seus produtos no seio de necessidades do público, como forma de penetrar em suas casas, em seu tempo de ócio, tomando sua audiência e garantindo aceitação e fidelização. Entranhadas na vida íntima das pessoas, tais produções assumem espaço, modificando condutas, influenciando o imaginário, fomentando que coadunem com o mundo simbólico representado. É claro que os espaços sociais e a vida real já carregam o peso de relações simbólicas de poder, dominação, preconceitos e regras instituídas ao longo da história, muito antes do advento da Indústria Cultural. Muitas dessas regras sociais são, portanto, basilares para a constituição do mundo tal como ele existe (e que viabilizou, inclusive, a Revolução Industrial), o que permite afirmar que não existe interesse – que não seja de setores revolucionários – em questionar sua manutenção. Ao contrário: a ideia é cada vez mais reforçá-la.

Assim, ao chegarem aos produtos culturais, as questões são trabalhadas de acordo com interesses de empresas da indústria do entretenimento. Há uma relação de reatualização entre a

⁶ Não se entrará neste artigo em questões centrais e recorrentes de pesquisas realizadas acerca do conceito de Bóvarismo e sua íntima relação com muitos fenômenos da Modernidade e da Contemporaneidade. Entretanto, cabe referenciar que esse conceito se relaciona – em cada um de seus usos, seja visto como um “sintoma” negativo ou positivo, individual ou coletivo – a comportamentos de desajustes ou insatisfação com a manifestação da realidade em face de idealizações provenientes de objetos da Indústria Cultural. Para citar um exemplo primeiro da questão, temos a personagem Emma Bovary, que, educada sentimentalmente pelas leituras compulsivas de textos de ficção (no geral, românticos), representa muitos outros leitores reais em suas dificuldades de lidar com a vida após insuflar expectativas diferentes a partir do acesso a determinados livros e leituras.

demanda do público e a demanda das empresas⁷ que, obviamente, não entregariam mercadorias a serem desprezadas pelo público nem levariam a sair discursos que depusessem – ao menos de maneira eficaz para a transformação social – contra a ordem estabelecida (favorável a dominações mais e mais enraizadas do sistema capitalista). Ademais, fórmulas narrativas que deram certo passam a ser, com mudanças aqui e acolá, reproduzidas, plasmadas em grandes quantidades de programas. Tais fórmulas podem até trazer transformações, porém estas serão lentas e não substanciais, servindo para atender demandas novas que irrompem na sociedade, especialmente, na cultura popular; tudo, porém, com interesses de cooptar o que surge de novo para a função de manutenção do sistema⁸. Na visão conhecidamente pessimista de Adorno e Horkheimer, lê-se:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. [...] O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. [...] Os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. (1985, p. 100)

Ao tratar sobre a televisão, em especial no Brasil, Maria Rita Kehl traz a questão da apropriação de temas que surgem como marcas genuínas de cultura em meio ao povo:

Para manter seu público atento, a televisão precisa saber preencher lacunas de insatisfação, dar nome ao que ainda não foi dito, dar forma ao inconsciente coletivo, ordenar o caos das chamadas “manifestações espontâneas”, conferindo-lhes um significado único antes que outro aventureiro lance mão da tarefa de compreendê-las. Precisa curto-circuitar processos sociais, ou seja: tomá-los sob sua tutela desde o embrião. [...] Para manter seu público fiel, a televisão precisa recriar o mito a cada dia, apropriar-se das falas marginais ou de vanguarda, enquadrar os malditos. Ela é o aparelho reproduzidor de ideologia por excelência, o mais ágil, o mais eficaz por suas próprias características, tanto como veículo quanto pela relação íntima que mantém com as tendências de consumo de bens materiais na sociedade, pois sobrevive e enriquece exclusivamente à custa da publicidade – e, portanto, do controle e conhecimento das tendências de seu mercado consumidor. (2018, p. 118)

Atualmente, no século XXI, com o refinamento das produções massivas – cujo alvo é a classe trabalhadora, da qual classes mais abastadas querem se diferenciar por signos de distinção – e das técnicas e práticas da Indústria Cultural, muitas variáveis devem ser levadas em conta: redes sociais, *influencers*, ídolos⁹, *fandom*, plataformas digitais de toda a sorte, conteúdo de televisão aberta ou paga,

⁷ Não se pode deixar de pontuar que a tendência percebida desde os estudos adornianos é de uma grande concentração da produção cultural de massa e das plataformas tecnológicas mais acessadas em poucos grupos empresariais. Bucci observa que, em 1998, apenas uma das cinco mais caras empresas do mundo não produzia coisas palpáveis. Em 2021, as empresas mais caras são *big techs*: Apple, Amazon, Alphabet, Microsoft e Facebook – que espreitam os desejos e o manejo dos usuários (2021, p. 17; 20).

⁸ Exemplos da captura de pautas que surgem genuínas no seio das demandas do povo são temas do feminismo (incluindo padrões de beleza e discussões sobre gênero) e ainda de questões raciais anteriormente excluídos (ou trabalhados com viés conservador) e atualmente passam a ser temas de filmes e seriados (levando a escolha de atores negros, inclusão de personagens principais femininas que não entram um padrão estético muito rígido dentre outros). Parece, a alguns olhares, que a indústria do entretenimento está comprometida com tais pautas. De fato, está até o momento em que elas podem ser lucrativas e absorver/aplacar potenciais revolucionários do público – que poderá, em alguns casos, sentir-se representado e, portanto, aparentemente satisfeito.

⁹ Sugere-se aqui pensar no conceito de *Star System*, mais antigo que os doramas – e no caso dos artistas asiáticos, os níveis de exigência sobre aparência ou questões pessoais também é altíssimo. Eles são mencionados tanto em Bolaño quando Bucci. Para além desses, sugere-se a leitura de “Da star à escritora diva: a dinâmica dos objetos na sociedade de consumo”

plataformas (tais como *Netflix*, *Rakuten Viki* etc.), pirataria, dentre outros, aos quais se somam os diversos suportes disponíveis – televisão, computador, rádio, *tablets* e celulares – e aplicativos/programas. O poder (econômico, político, simbólico) conferido pela presença marcante de objetos culturais, ídolos, narrativas amplamente difundidas, efeitos sonoros e visuais etc. não passa despercebido por grandes empresas ou governos, tanto que existe um nome para sua instrumentalização: *soft power*¹⁰. Portanto, não somente no Ocidente se explora esse capital simbólico (e econômico), mas também no Oriente, em países asiáticos entre os quais já ocorreram e ainda se mantêm tensões políticas e diplomáticas, sem falar nas complicadas relações com países ocidentais. Um exemplo desse interesse crescente é o movimento *Hallyu*, Onda Coreana, nomeado por críticos japoneses e chineses após os primeiros estrondosos sucessos de produções seriadas coreanas. Tais produções foram capazes de modificar, por exemplo, a forma como japoneses viam os coreanos e também como países do ocidente veem orientais de maneira geral¹¹. Segundo Santos (2022):

Esse poder de disseminar a imagem de um país foi, por muitos anos, utilizada pelos Estados Unidos, que desde a década de 1960 vendem o mítico Sonho Americano de sucesso e prosperidade [...], algo que se assemelha a estratégia empregada pela onda Hallyu que utiliza a cinematografia em dramas e em artistas [...] que promovem e vendem a imagem e cultura de seu país para o mundo, aumentando a moral da Coreia do Sul e transformando os hábitos dos fãs ao redor do mundo [...]. (p. 16)

Muito investimento foi feito, sobretudo pelo governo coreano, ciente da eficácia da Indústria Cultural, a fim de popularizar a Coreia do Sul pelo mundo – o que vem surtindo efeito, se consideramos o alcance dos k-dramas, do k-pop, de feiras *geek* etc. É perceptível nos últimos anos grande aumento de ocorrência e consumo dessas produções. Fica evidente a aproximação que a Coreia do Sul busca da potência mundial Estados Unidos da América, o que se nota seja por sua generosa abertura à cultura americana e às suas marcas, seja por sua recepção aos estrangeirismos, seja por sua frontal oposição à Coreia do Norte ou por outros indicativos. Esses doramas trazem, para ocidentais, novos padrões de beleza (os asiáticos), ainda que não se desvinculem de ideais globalizados (e por vezes opressores), como a magreza ou os papéis de gênero bem delimitados (o que também inclui misoginia). Consumindo esse tipo de produto, brasileiros, por exemplo, têm acesso a elementos culturais próprios a cada país retratado e aprendem mesmo a aceitar e gostar de – e alguns a sonhar com – muitas dessas peculiaridades. Assim, o contato maior com tais produções prepara um ambiente mais amigável aos costumes asiáticos que, talvez, fossem anteriormente vistos com desconfiança. E isso aponta para muitas hipóteses. Uma delas é que a Indústria Cultural, como na verdade já se sabe, pode realizar mudanças de grandes proporções na percepção das pessoas em todo o globo e na criação de demandas íntimas. Outra também é que existem questões de diferença cultural trabalhadas nessas produções, mas em consonância com a manutenção de sistemas político-econômico-sociais vigorosos na contemporaneidade – ou seja, como afirmaria Bolaño, a permanência e inovação convivem. Ainda que o apego cada vez maior aos doramas abra espaço para relações amistosas entre países e culturas distantes, viabilizando um olhar aparentemente mais democrático das diferenças, há sua indissociável relação com um tipo de Indústria que serve a padrões claros de

(Makendorf, 2010) e de “Vocês têm fogo, vocês têm paixão?: construção e análise sóciohistórica do perfil de fãs culturais transnacionais brasileiros” (Amado; Santos, 2020).

¹⁰ “Poder brando” diferencia-se do “poder bruto” (*hard power*) e pode indicar forças que atuam de maneira suaves, naturalizando-se e fazendo parte da realidade dos sujeitos, contrariamente ao que se entende por “poder bruto”, que se realiza pela violência, pelo militarismo e pela intervenção direta. Segundo Maira Ouriveis, em seu artigo “Soft power e Indústria Cultural: a política externa norte-americana presente no cotidiano do indivíduo”, “o soft power corre de modo indireto. Seduz e atrai por meio da venda de valores do país, de ideologias, fazendo com que outros o admirem por seu estilo de vida, produtos e cultura, conquistando mentes.” (2013, p. 171)

¹¹ Já existe uma denominação para o interesse afetado de fãs de K-pop e doramas: *yellow fever* (febre amarela), que designa a paixão por temas da cultura e especialmente por pessoas asiáticas em geral. Não coincidentemente, vale lembrar do termo *Werther Fieber* (Febre de Werther), também uma “febre” afetada que o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, causou em leitores nos séculos XVIII e XIX – isso impulsionou numerosos suicídios similares ao do personagem principal.

manutenção do meio de produção capitalista e de todo o conjunto de valores burgueses que dele decorre (patriarcalismo, violências de gênero, monogamia, idealizações amorosas e de casamento, meritocracia, romantização de exaustivas rotinas de trabalho etc.). Não é à toa, de fato, que a esses seriados (bem como filmes americanos ou telenovelas brasileiras) se abram espaços cada vez maiores, já que não combatem frontalmente os *status quo*.

Com vistas a entreter, ganhar o público, mantê-los fiéis a “novos velhos modelos”, essas produções se multiplicam, com investimentos cada vez maiores, associadas a marcas famosas e ancoradas no carisma forjado de ídolos prontos para cantar, dançar, atuar e participar de programas de variedades. Forma-se uma teia coesa capaz de ofertar lazer que continuamente se renova em mais do mesmo. Em uma primeira observação de produções contemporâneas e de textos críticos a esse respeito vislumbram-se muitos elementos de valorização da estética e da mentalidade capitalista, bem como de reforço a estereótipos. Percebem-se os costumes do país, conhecem-se os padrões, que muitas vezes não mudam de maneira mais essencial ou revolucionária. Há ares de multiculturalidade que, ao fim e ao cabo, estão a serviço de preferências constantemente construídas e reafirmadas pela Indústria Cultural – importantíssimo braço do capitalismo contemporâneo.

Século XIX e Século XXI: *A moreninha* [1844] e *O que há de errado com a secretária Kim?* [2018]

Nesta seção, pretende-se realizar um cotejo entre os dois textos ficcionais, aproximando-os, do ponto de vista de elementos do enredo e dos discursos nele supostos; ou seja, o tratamento será voltado para a constituição interna das narrativas e não em seus aspectos estruturais. Antes que se lance a tal e empreitada, vale apenas lembrar que ambos os textos, guardadas as proporções devidas, são considerados objetos culturais relacionados a momentos bem diferentes da Indústria Cultural, daí o alcance diferente de cada um deles, ainda que se percebam similaridades, talvez, nos ânimos que podem incitar nos leitores por meio dos enredos. Bosi, quando trata da ficção brasileira romântica, afirma sobre a relação com leitores:

O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual: eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; [...] eram, enfim, um tipo de leitor à procura de **entretenimento**, que não percebia muito bem a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano. Para esses **devoradores de folhetins franceses, divulgados em massa** a partir de 1830/40, uma trama rica de acidentes bastava como pedra de toque do bom romance. À medida que os nossos narradores iam **aclimando à paisagem e ao meio nacional os esquemas de surpresa e de fim feliz dos modelos europeus**, o mesmo público acrescia ao prazer da urdidura o do reconhecimento ou da **autoidealização** (2006, p. 125, grifos nossos).

A Moreninha, publicado em 1844, como se sabe, é considerado o primeiro romance brasileiro. É inaugural, embora as habilidades do escritor sejam questionadas. O próprio Bosi não poupa Macedo ao comentar sua produção apontando que “escreveu desde os anos de 40 aos de 70, nem por isso nota-se-lhe progresso na técnica literária ou na compreensão do que deveria ser um romance” (2006, p. 130). Reconhece-se que suas narrativas seguem uma espécie de cartilha ou esquema aceito pelos leitores (e, nisso, podemos perceber características de Indústria Cultural também presente nos doramas, cujos roteiros se repetem): “Macedo descobriu logo alguns esquemas de efeito novelesco, sentimental ou cômico, e aplicou-os assiduamente [...]” (p. 130). A mesma receita aplicada em *A Moreninha*, quando ainda parecia novidade, repete-se nos romances seguintes. Para Bosi,

Compõem o quadro desses expedientes: o namoro difícil ou impossível, o **mistério sobre a identidade de uma figura importante na intriga**, o **reconhecimento final**, o conflito entre o dever e a paixão (molasses romancescas e

sentimentais); os cacoetes de uma personagem secundária, as galhofas de estudantes vadios, as situações bufas (molas de comicidade) [...]. o **gosto do puro romanesco é importado** (Scott, Dumas, Sue...), mas **são nossos os ambientes**, as cenas, os costumes, os tipos, em suma, o documento. O que não quer dizer: realismo. (2006, p. 130, grifos nossos).

Ficam evidentes aqui duas semelhanças marcantes entre o romance e o dorama em análise. Primeiramente, existe uma espécie de ancoragem em padrões externos de narrativa, como forma de plasmar o que interessa ao público. As narrativas de muitos doramas claramente se assemelham a produções que anteriormente já forjaram o gosto da recepção até mesmo por serem de produtoras que alcançaram a alta difusão (e em geral esses modelos nasceram nos Estados Unidos da América); assim como é conhecido que os modelos para as escritas de folhetins vinham especialmente da Inglaterra e da França. Em qualquer um dos casos, via de regra, países centrais são modelares. Daí decorre a narrativa semelhante para ambientes diferentes. Os cenários tipicamente tropicais de Macedo seriam uma maneira de dar forma à proposta estética romântica do nacionalismo. Já os ambientes, sejam de fantasia, históricos ou de roteiros contemporâneos, da Coréia do Sul (no caso dos k-dramas), colaboram para a inserção desse pequeno país outrora quase desconhecido e hoje alvo de vivo interesse de pessoas ao redor do globo. Trata-se da exploração do texto ficcional para divulgar uma cultura ou uma identidade nacional – conceito complexo sobre o qual não se discorrerá nos limites deste artigo. O texto brasileiro, no entanto, volta-se para os limites do próprio país, nação a constituir-se de dentro, em sua formação social, política e literária. Já os doramas parecem voltar-se para a exportação e a divulgação transnacional dessa identidade – que acaba tendo os limites borrados, especialmente no Ocidente, em que não se dominam diferenças entre diferentes países asiáticos.

Antes de esmiuçar mais elementos, vale situar o seriado sul-coreano, plenamente inserido no contexto da onda coreana. Segundo Santos “[...] é um dos dramas mais vistos pelos brasileiros e é também um dos mais vistos de toda plataforma [Rakuten Viki]” (2022, p. 20). O seriado é de 2018 e apresenta 16 episódios de aproximadamente 60 minutos cada. É estrelado por Park Seo Joon (no papel do CEO Lee Young-Joon) e Park Min Young (no papel da secretária Kim Mi-So), dois atores de projeção, que formam o par romântico. Aquele, inclusive, em 2021 foi revelado como o terceiro ator sul-coreano a integrar o elenco de uma produção da franquia Marvel. O filme do qual participa é *The Marvels*¹², lançado em 2023. A narrativa gira em torno da personagem principal, Secretária Kim, que após nove anos de dedicação intensa ao seu chefe em seu posto na empresa decide pedir demissão de seu cargo. Na época de sua entrada na empresa, seu currículo e suas habilidades ainda eram rasos, o que mudou após muitas pressões do chefe e estímulos (inclusive de vieses meritocráticos e romantizando a entrega devocional ao trabalho, tema muito comum em dramas televisivos asiáticos). A secretária, devido à necessidade de sustentar a família, torna-se praticamente uma sumidade em sua área: sempre atenta, previdente, maquiada, bonita, poliglota, simpática e pronta para resolver quaisquer problemas (dos mais simples aos mais complexos, passando, inclusive, por cuidados pessoais de seu chefe, a saber: ajustar sua gravata ou suas vestimentas). Quando decide sair do trabalho, pensa em alcançar outros objetivos de vida, como conseguir um namorado, casar-se, ter filhos – um *script* comum para o que se espera de uma mulher na sociedade capitalista patriarcal. Lee Young-Joon se choca com o repentino pedido de demissão e inicia a partir daí sua investigação, cheia de momentos cômicos e dramáticos, para as motivações de Kim Mi-So – mote que se associa ao nome do seriado.

Por ser narcisista, vaidoso, rico e bonito (e frio, como muitos dos protagonistas de dorama são caracterizados), o chefe em primeiro momento imagina que a secretária estaria apaixonada por ele ou talvez insatisfeita com seu salário. Segue fazendo investidas e oferecendo algumas vantagens à

¹² Não se aprofundará neste ponto, porém é inevitável sinalizar: a indústria cultural sul-coreana é transnacional e tem laços estreitos com os Estados Unidos (atual potência global capitalista) até mesmo pelo interesse na projeção mundial e no descolamento da imagem da Coréia do Norte.

secretária, que, por um bom tempo, mantém-se irreduzível enquanto cumpre uma espécie de aviso prévio. O drama romântico de escritório (subgênero muito comum entre os doramas) vai desenvolvendo a relação entre os personagens em momentos de tensão, descontração, amizade etc. Assim, já enredada pela insistência do vice-presidente e vendo que sua vida fazia sentido estando em sua função, a secretária Kim acaba permanecendo no emprego. Seu chefe, nesse ínterim, apaixona-se por ela. Os protagonistas, cada um deles, têm um trauma de infância: ele, de abraçadeiras de plástico; ela, de aranhas – e em algumas cenas dramáticas um auxilia o outro a lidar com essas questões. Kim Mi-So também se recorda, com lembrança muito entrecortada e imprecisa, de um amor de infância a quem deseja reencontrar. Lee Young-Joon mostra-se estranho, dominador e esquisito; porém descobre-se, posteriormente, que ele teria sido o amor de infância da secretária e que a protegeu em momentos tensos de um sequestro. Ambos se apaixonaram na ocasião e perderam contato, entretanto quando a trama vai mostrando aos personagens seu laço do passado, há mais um entrave: o irmão do Sr. Lee acredita ser o menino que fora sequestrado e que amava a Srta Kim. Isso porque, na ocasião traumática familiar, o protagonista Lee Young-Joon, ainda criança e de muito senso de responsabilidade, para amenizar o sofrimento do irmão (com a questão do sequestro de seu familiar próximo), aceita “trocar” de lugar com ele. Assim, tanto o irmão do protagonista quanto a secretária, por um tempo, acreditavam formar juntos o par romântico da infância. A narrativa se desenrola, e Kim Mi-So aceita estar apaixonada, de fato, pelo seu chefe (ainda que ache que, nesse caso, estaria “traíndo” seu amor da infância). Resolve-se, assim, o triângulo amoroso¹³. Só depois de ter escolhido seu chefe, a verdade vem à tona, e secretária Kim descobre também que fora recrutada para trabalhar na empresa por influência de Lee Young-Joon. Ele, desde o início, lembrava-se dela; ou seja, embora pareça um pouco incoerente dentro dos elementos da narrativa, o chefe que aparentava ser calculista e egocêntrico, na verdade, não havia superado os traumas da infância e “cuidava” de Kim Mi-So desde o início – e esse cuidar a seu modo significava exigir a presença constante dela, bem como demandar muito estudo e dedicação ao trabalho. Nesse drama ainda pode-se destacar uma espécie de “avanço” no que concerne a cenas de cunho erótico. Isso se percebe porque apenas depois de muitos anos de divulgação mais massiva desses seriados é que aparecem cenas de beijos. Inicialmente, não havia cenas de beijos ou havia rápidos selinhos, que os atores davam de olhos abertos e assustadiços. Posteriormente os beijos começaram a ficar mais recorrentes e, por vezes, intensos, a cada vez que os seriados ultrapassavam as fronteiras da Ásia¹⁴.

Nos dois textos, o romance romântico e o drama coreano, existem características apontadas por Bosi como modelares. Tanto Augusto quanto Lee Young-Joon apresentam-se incessíveis no início da narrativa. O primeiro coloca-se como mulherengo incorrigível e inatingível; o segundo nunca teria se apaixonado e, focado no trabalho, jamais teria tido tempo para se dedicar a relações afetivas – e nem conseguia, devido ao trauma de infância, sequer beijar uma mulher. Mesmo que em posições diferenciadas – um conquistador e outro casto –, esses homens são tidos como fortes e influentes, impassíveis à entrega ao amor, fato que intriga os outros personagens. Reside entre eles uma diferença: nota-se um tom mais irônico em Augusto, o que se corrobora em muitas passagens, tais como a que mostra um diálogo entre ele e seus amigos também estudantes:

- E de qual gostará mais, da pálida, da loira ou da moreninha?...
- Creio que gostarei, principalmente, de todas.
- Ei-lo aí com sua mania.

¹³ Nos doramas de temática romântica é sempre esperado um triângulo amoroso, sendo que a protagonista – em geral pobre, por vezes desengonçada ou considerada feia – permanece por alguns capítulos entre dois pretendentes. Ambos são, via de regra, bonitos, interessantes, carinhosos e, dentro dos padrões de amor cortês, “ótimos partidos”.

¹⁴ Cenas mais centradas em beijos quentes e momentos íntimos são mais comuns nas produções da Tailândia, país aparentemente menos reservado na abordagem do tema. Os seriados de temática *gay*, chamados *boy lovers*, produzidos não somente pela Tailândia, giram em torno de um amor homossexual entre dois homens cis. Nesses casos há abertura para a sexualidade na trama; mesmo que se tenha muito o que questionar em termos de machismo (quase não há amor homossexual entre mulheres, nem representação de gêneros fluidos, além de, no casal de homens, haver um que representa uma posição “feminina”).

- Augusto é incorrigível.
- Não, é romântico.
- Nem uma coisa nem outra... é um grande velhaco.
- Não diz o que sente.
- Não sente o que diz. (MACEDO, 2011, p. 21)

Em Macedo, os rapazes são abastados, distanciados da realidade social, ainda que ocorram menções superficiais à existência subalterna de negros escravizados. Esses estudantes demonstram estar plenamente inseridos na socialização masculina, e o texto a todo o momento – sendo em muitos dos casos recheado de ironias e galhofas – reafirma os definidos papéis de gênero, que determinam o lugar de homens e mulheres: “– Pois cuida então que o amor de uma senhora deve ser a peteca com que se divertam dois estudantes?...” (p. 42); e

- Eu devo crer que o Sr. Augusto pensa de maneira absolutamente diversa daquela pela qual se explicou; e [...] finge não se curvar por muito tempo diante de beleza alguma, para plantar no amor-próprio das moças o desejo de triunfar de sua inconstância (p. 59).

Acrescenta-se a isso a clara diferença de assuntos entre rodas femininas e masculinas nos bailes: os homens tratam de política; e mulheres, de moda. Mesmo que esse tom não seja o mesmo no seriado, percebem-se os lugares definidos: os homens têm mais projeção, poder de decisão e domínio, enquanto as mulheres estão preocupadas com casamentos, relacionamentos ou cuidando de “detalhes”. Como forma de valorizar a mulher, o dorama aponta como o protagonista fica “perdido” quando a mulher deixa de dar suporte a ele. Só a assimetria entre os lugares dos personagens já deixa clara a diferença: o chefe e a secretária. Essa relação, inclusive, parece ser muito apreciada pelos leitores de romances da cultura de massa em que se insere os atuais romances *bot*¹⁵, até mesmo por povoar a mente das pessoas com a erotização da profissão de secretária.

Sobre esses pontos, frisam-se alguns elementos passíveis de serem subentendidos na exposição do dorama. Em primeira instância, o texto aponta para uma visão empresarial que divide muito claramente as classes sociais: existe um poderoso e capaz CEO – e, note-se, de um grande conglomerado –, com sua rica família abastada, e uma secretária que sofre muito com a rotina de trabalho para sustentar-se. Cada um desses personagens tem um núcleo social do qual faz parte, de acordo com suas posses. Os dois protagonistas, após encontrarem-se, como é comum de se esperar de ficções de viés romântico/romantizado, misturam-se nos dois mundos, com muita boa vontade de que venha a dar certo, o que não é de fato a praxe na vida real (inclusive, e por isso mesmo, muitos personagens secundários eventualmente questionam a solidez da relação). Sustenta-se na narrativa a inabilidade de ambos em lidar com questões afetivas e amorosas, que passam a ser centrais na história em contraponto com todos os quesitos já alcançados na esfera profissional (que parece, portanto, ser o foco primeiro deles). Em segundo lugar, percebem-se os valores confucionistas como base estrutural dessa sociedade: o respeito indiscutível aos mais velhos, uma miríade de costumes a serem considerados, os papéis de gênero bastante delimitados etc. Disso decorrem alguns conflitos na trama (dificuldades de aceitação entre famílias, por exemplo) ou momentos cômicos, bem como os românticos – como é o caso de o homem, gentil e cortês com a mulher, tomar atitudes de proteção em relação a ela (ceder o casaco em dia frio, segurá-la quando ela quase cai, entre outros – todos lugares-comuns de todo bom dorama de amor), o que reforça a ideia da mulher frágil. A secretária, embora seja colocada nessa condição cujos papéis não são verdadeiramente questionados, é exaltada em suas qualidades ao longo da narrativa, por isso ela se sobressai – o que serve também para dar sustentação ao romance. Ela é divertida, destemida e despachada, e *parece* ser o suporte para o sucesso

¹⁵ Uma rápida busca no site da Amazon (www.amazon.com.br) leva a muitos resultados para *e-books* da literatura de massa com o termo “CEO” no título: *Rejeitada e abandonada pelo CEO*; *Um CEO culpado*; *O segredo do CEO*; *Um namoro de mentirinha com o CEO*; *Um CEO para chamar de meu* etc.

do chefe. Essa perspectiva em algumas outras narrativas alavanca a disputa entre mulheres, o que reforça a conhecida rivalidade feminina tão favorável aos homens. Já Carolina, a moreninha, além de representar a brasilidade com sua aparência física, igualmente se sobressai às outras mulheres, por ser “Travessa menina!...” (Macedo, 2011, p. 86). Leiam-se algumas passagens sobre Carolina, presentes no capítulo “Travessuras de D. Carolina”, dedicado a ela: “tão ligeira como juramento de mulher”; “o diabinho da menina nos tem posto o coração em retalhos”; e “zomba de todos nós” (p. 86). E isso respeita o tom mais irônico do romance em face do dorama: Carolina está para Augusto, assim como Kim Mi-So está para Lee Young-Joon.

A última consonância entre os textos a ser apontada neste artigo é a lealdade extrema ao primeiro amor, elemento que se relaciona a um tema muito caro do romantismo oitocentista e que repercute em narrativas de cunho romântico da Indústria Cultural: a infância (idealizada, por vezes problemática e base para ações da trama). Ambos os casais se conheceram na infância, em situações memoráveis. No caso do texto literário, houve um momento idílico na praia e um encontro esquisito com um velho moribundo que profetizou o futuro casamento entre os personagens. É estranho pensar a conotação já amorosa entre duas crianças: a menina tinha apenas sete anos, enquanto o menino contava 13. Na ocasião em que narra o primeiro encontro com seu verdadeiro amor, Augusto ainda coloca: “É sempre digno de observar-se esta tendência que têm as calças para o vestido... Desde a mais nova idade e no mais inocente brinquedo parece o tal mútuo pendor dos sexos... e de mistura umas vergonhas muito engraçadas” (p. 62). Essa passagem reforça as determinações comportamentais que o sexo biológico, para muitos, impinge desde a mais tenra idade. Perdido o contato com sua futura esposa, só resta ao rapaz colocar-se como um zombeteiro das questões do coração. Quando se dobra a alguém, é à moreninha, única mulher que o fez deixar de lado seu primeiro amor; porém, como se espera de um romance romântico, só poderia ter sido ela, por ela ser a mesma pessoa que conheceu na infância. Ou seja: o amor resiste e é leal, superando todas as provas; tem um cunho quase espiritual e é capaz de encontrar-se até às cegas. O mesmo acontece com o casal coreano: só era possível amar a secretária Kim e mais ninguém. Os protagonistas passaram pela horrenda experiência de um sequestro na infância e se afeiçoaram desde então. A lembrança fica nublada para Kim Mi-So, porém o destino se encarregou de colocar os dois juntos novamente. Todos são fiéis a um amor que perdura e confia, corroborando a permanência de ideologias nos objetos culturais analisados.

Conclusão

Todo o percurso realizado no intento de promover análise comparada entre dois objetos distintos entre si por conta de suas numerosas peculiaridades demonstra o quanto os textos de ficção, especialmente da Indústria Cultural, seja qual for a linguagem e o suporte em que são veiculados, têm muito a dizer sobre as sociedades e os comportamentos humanos, uma vez que estão ligados de maneira muito próxima a demandas múltiplas: a dos produtores, a das empresas envolvidas em sua produção/veiculação, a do público etc. Soma-se a isso o universo relativo à dinâmica político-econômica que aloca, realoca, posiciona e reposiciona os indivíduos, as instituições e os países, em fronteiras geográficas, de classe, de gênero, dentre outras. Assim, perceber o funcionamento do que se entende por Indústria Cultural, em sua relação com os enredos de narrativa e com relações simbólicas de poder pré-existentes, em cotejo com os textos propriamente ditos, esclarece pontos de tensão que precisam ser cada vez mais espreitados. Parte disso é o que se buscou sinalizar neste artigo.

Referências

- ADORNO, T. **Indústria cultural**. Trad. Vinícius Marques Pastorelli. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- AMADO, A.; SANTOS, V. “Vocês têm fogo, vocês têm paixão”: construção e análise sócio-histórica do perfil de fãs culturais transnacionais brasileiros. **TROPOS: Comunicação, Sociedade e Cultura** (ISSN: 2358-212X), [S. l.], v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3734>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- BOLAÑO, C. **Indústria Cultural, informação e capitalismo**. São Paulo: Editora Hucitec; Editora Pólis, 2000.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, 43. ed.
- BUCCI, E. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo o que é visível**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- CALIXTO, A.V; MONTEIRO, D. S.; URBANO, K. C. **Fãs, mediação e cultura midiática: dramas asiáticos no Brasil**. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/332589400_FAS_MEDIACAO_E_CULTURA_MIDIATICA_dramas_asiatcos_no_Brasil. Acesso em: 30 ago. 2023.
- CAMPOS, T.; TEODORO, M.; GOBBI, M. Doramas: cenários da cultura asiática. **Iniciação Científica Cesumar**, v. 17, n. 5, 2015. Disponível em <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/4271>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- KEHL, M. R. **Bovarismo brasileiro**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MACEDO, J. M. de. **A Moreninha**. São Paulo: Martin Claret, 2011, 6. ed.
- MEYER, M. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- OURIVEIS, M. *Soft power* e indústria cultural: a política externa norte-americana presente no cotidiano do indivíduo. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais**: v. 2, n. 4, 2013. Disponível em <https://rari.paginas.ufsc.br/files/2013/10/RARI-N%C2%B04-Vol.-II-Artigo-7.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- PEIXOTO, M.; LOPES, N. **O amor sul-coreano: a conquista do Ocidente**. Disponível em https://www.academia.edu/38140802/O_Amor_Sul_Coreano_A_Conquista_do_Ocidente. Acesso em: 30 ago. 2023.
- ROSA, F. C. R. **O que os K-drama quer?** 2019. 94 f. TCC (Bacharelado em História da Arte) – Graduação em História da Arte, UFRGS, Porto Alegre, 2019.
- SANTOS, L. F. dos. **Onda Hallyu: análise da imagem social do secretariado executivo transmitida nos dramas sul-coreanos**. 2022. 55f. TCC – São Cristóvão (SE), 2022.
- URBANO, K. **Produções televisivas japonesas e sul-coreanas na Netflix Brasil: apontamentos iniciais**. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/345983342_Producoes_televisivas_japonesas_e_sul-coreanas_na_Netflix_Brasil_apontamentos_iniciais. Acesso em: 30 ago. 2023.

ENSINO DE FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UTILIZAÇÃO TECNOLÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Elisângela Gonçalves Taveira¹⁶

Resumo

Este trabalho tem como objetivo problematizar a relação entre ensino de Física, enquanto componente curricular da educação básica, e o uso de recursos tecnológicos como instrumentos pedagógicos capazes de viabilizar situações de aprendizagem. A fundamentação teórica é de natureza interdisciplinar, considerando a interface entre pesquisas que versam sobre ensino de Física e o uso da tecnologia em aulas de ciências. A metodologia é de cunho bibliográfico, uma vez que dialogamos com autores de diferentes áreas do saber científico, com o intuito de ressignificação da teoria mobilizada. Os resultados reforçam o caráter basilar da tecnologia junto a uma sala de aula do ensino formal, sobretudo no que compete ao ensino de Física, uma vez que colabora para uma minimização do teor abstrato do referido componente curricular para os estudantes.

Palavras-chave: Ciências. Didática. Tecnologia.

Abstract

This work aims to problematize the relationship between teaching Physics, as a curricular component of basic education, and the use of technological resources as pedagogical instruments capable of enabling learning situations. The theoretical foundation is interdisciplinary in nature, considering the interface between research that deals with Physics teaching and the use of technology in science classes. The methodology is bibliographic in nature, as we dialogue with authors from different areas of scientific knowledge, with the aim of redefining the mobilized theory. The results reinforce the fundamental nature of technology in a formal education classroom, especially when it comes to teaching Physics, as it helps to minimize the abstract content of the aforementioned curricular component for students.

Keywords: Sciences. Didactics. Technology.

Introdução

Não é de hoje que o ensino de Física na educação básica no Brasil tem ganhado espaço nos debates universitários. No entanto, ainda há muito a ser discutido, uma vez que, no decorrer das transformações sociais, a prática do magistério tem se firmado como campo movediço. Isso porque, em razão dos tempos ditos “líquidos”, nos termos de Bauman (2004; 2001), o ato de ensinar tem se mostrado cada vez mais um exercício que parece evidenciar diversas arestas que precisam ser aparadas.

Como exemplo, é possível mencionar aqui o uso da tecnologia como recurso pedagógico capaz de auxiliar no processo e catalisação da aprendizagem, considerando, pois, o perfil do nosso estudante emergente que tem se mostrado cada vez mais influenciado pelo meios tecnológicos. Portanto, pensar a tecnologia como alternativa para aprimoramento da didática do professor deve ser algo a ser pensado por profissionais do magistério em todas as suas formações (Amador, 2023).

¹⁶ Mestranda em Ensino em Ciência e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: elistaveira@mail.uft.edu.br.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo problematizar a relação entre ensino de Física, enquanto componente curricular da educação básica, e o uso de recursos tecnológicos como instrumentos pedagógicos capazes de viabilizar situações de aprendizagem. Isso, por sua vez, nos convida a pensar em estratégias ativas de ensino, considerando que a tecnologia em sala de aula propõe um olhar de protagonismo acerca da figura do estudante.

A fundamentação teórica é de natureza interdisciplinar, considerando a interface entre pesquisas que versam sobre ensino de Física (Mafra, 2011; Oliveira; Vianna; Gerbassi, 2007; Souza; Boruchovitch, 2010; Wolff, 2005) e o uso da tecnologia em aulas de ciências (Cordeiro; Gomes, 2012; França, 2010; Silveira; Bazzo, 2009; Teixeira, 2011). Esta confluência, por sua vez, proporciona um olhar interdisciplinar entre os saberes humanos, considerando-os como processo e não como produto.

A ideia de “interdisciplinaridade” que assumimos aqui é condizente com a proposta por Fazenda (2008) e Lima (2008), que defendem a ideia de saber interdisciplinar como aquele advindo das práticas dialógicas entre diferentes áreas do saber acadêmico. Logo, é importante que a Física seja entendida como saber naturalmente interdisciplinar, pois agrega entendimentos a partir de áreas correlatas.

A metodologia é de cunho bibliográfico, uma vez que dialogamos com autores de diferentes áreas do saber científico, com o intuito de ressignificação da teoria mobilizada. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, é de suma importância a um trabalho acadêmico, já que nos convida a mobilizar diferentes saberes a partir de uma sistematização de leituras da literatura especializada que nos ajuda a dialogar com o problema de pesquisa (Bortoni-Ricardo, 2008).

Em síntese, os resultados reforçam o caráter basilar da tecnologia junto a uma sala de aula do ensino formal, sobretudo no que compete ao ensino de Física, uma vez que colabora para uma minimização do teor abstrato do referido componente curricular para os estudantes. Isso, por sua vez, nos parece importante para o processo de formação do estudante emergente, o qual está envolvido em demandas específicas mediadas por saberes tecnológicos.

Ensino de Física e Uso da Tecnologia como Recurso Pedagógico

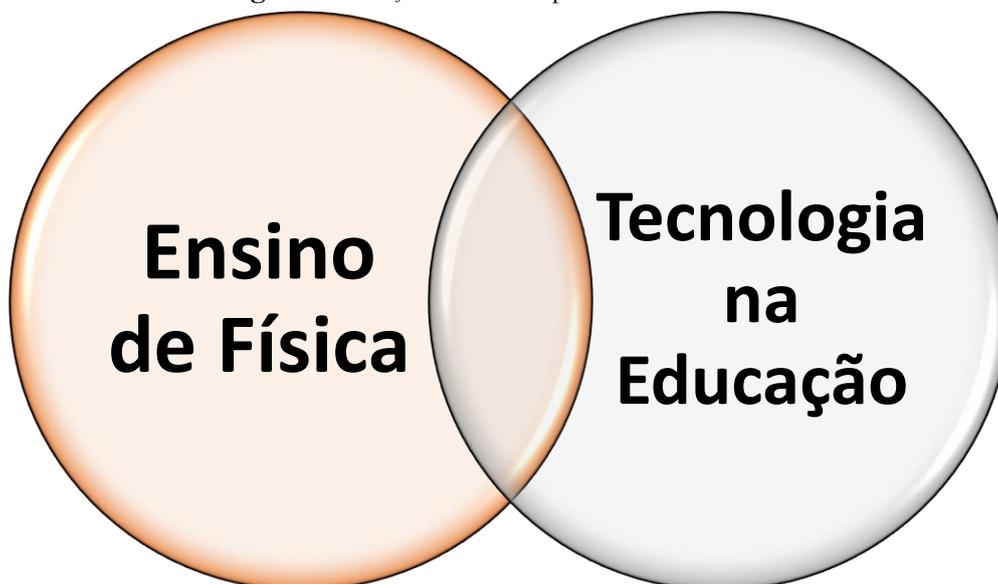
Nesta seção, apresentamos um percurso teórico interdisciplinar com o intuito de colocarmos em confluência visões científicas de diferentes autores. Nesse caso, procuramos identificar na leitura que fizemos pontos relevantes, os quais podem nos ajudar a pensar na questão do uso de ferramentas tecnológicas durante as aulas de Física na educação básica.

As pesquisas de caráter interdisciplinar, especialmente no campo das Ciências Exatas, nos ajudam a pensar o mundo sob prismas diferentes, de modo a colaborar na minimização de ideias abstratas que costumam povoar o imaginário do aluno. Isso se configura com uma certa frequência em componentes curriculares como Matemática, Química e Física, por exemplo. Esta última, por sua vez, não raramente, é vista pelas estudantes com pouca simpatia, já que estas costumam entendê-la como uma disciplina pouco associativa com a prática cotidiana (Mafra, 2011; Oliveira; Vianna; Gerbassi, 2007).

Nesse contexto, os recursos tecnológicos aplicados à educação ajudam a difundir a ideia de funcionalidade prática dos saberes teóricos, uma vez que a atual conjuntura social nos convida a pensar a partir do uso da tecnologia nas nossas vidas cotidianas. Isso, por sua vez, nos leva à uma apropriação tecnológica muitas vezes desconhecida pelo próprio professor (Amador, 2023).

Na Figura 1, é possível percebermos algumas articulações interdisciplinares entre “ensino de Física” e “tecnologia da educação”. Dessa forma, é necessário pensarmos a sala de aula como espaço em que esta confluência poderá ser promovida.

Figura 1: Relações interdisciplinares no trabalho



Fonte: Autoria Própria

A Figura 1 é constituída por duas esferas, as quais, por sua vez, são conectadas a partir de zonas fronteiriças. Estas, por sua vez, semiotizam nosso lugar de fala enquanto um trabalho de natureza interdisciplinar. Na esfera da cor laranja, é possível perceber saberes relacionados ao ensino de Física enquanto componente curricular genuinamente social. Já na esfera de cor verde, alocamos os saberes associado à tecnologia da educação, esta vista aqui como corrente emergente de práticas investigativas no meio acadêmico.

Sobre as discussões travadas no contexto de ensino de Física, nos interessamos mais de perto pelos debates em que o referido componente curricular é visto como saber humano e não como disciplina. Isso, por sua vez, nos ajuda a compreender a Física como vertente do conhecimento do homem naturalmente aberta ao diálogo com outras áreas. Assim, a Física passa a ser vista como um conjunto de saberes que foi disciplinarizado pelas políticas públicas de educação básica no país e não como uma disciplina isolada no currículo brasileiro (Mafra, 2011; Oliveira; Vianna; Gerbassi, 2007; Souza; Boruchovitch, 2010; Wolff, 2005).

Nesse caso, é possível repensar a didática do professor que precisa de remodelar junto à prática do magistério e, assim, conseguir executar o seu trabalho em sala de aula de maneira mais satisfatória. Logo, a prática pedagógica do professor de Física torna-se uma pauta de suma importância, já que evidencia-se como campo movediço, sujeito a adequações em relação ao tempo e ao espaço escolar (Souza; Boruchovitch, 2010; Wolff, 2005).

No que se refere à tecnologia na educação, nos interessamos mais de perto pelas discussões acerca das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), as quais nos ajudam a pensar questões voltadas ao letramento e apropriação tecnológica no contexto da sala de aula. Assim, a tecnologia passa a ser vista como ferramenta social, já que as práticas humanas vigentes são mediadas pela mobilização de saberes tecnológicos. Estes, por sua vez, devem contribuir para a problematização da escola enquanto espaço social, o que reforça a importância desta discussão no âmbito da investigação acadêmico-científica (Cordeiro; Gomes, 2012; França, 2010; Silveira; Bazzo, 2009; Teixeira, 2011).

Dessa forma, as TDICs nas aulas de Física podem se tornar grandes aliadas do professor, pois podem exercer papel de ferramentas catalisadoras. Isso porque a tecnologia em sala de aula pode impulsionar o desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes de maneira satisfatória (Silveira; Bazzo, 2009; Teixeira, 2011).

Em síntese, quando pensamos na relação entre prática pedagógica e tecnologia aplicada à educação devemos levar em consideração forças externas à sala de aula, pois nossos estudantes carregam consigo saberes e experiências que vão para além dos muros institucionais. Na prática social escolar, é comum a reprodução de pensamentos construídos em diferentes domínios sociais, o que torna a sala de aula um grande espaço de disputa de poder.

Considerações Finais

Compreender o ensino de Física nas escolas como algo complexo é reconhecer a sua importância na formação de um cidadão mais crítico e consciente do seu papel social. Nesse sentido, é importante levarmos em consideração as transformações sociais acarretadas por vários fatores externos à sala de aula no processo de uma aprendizagem ativa e satisfatória. Estes fatores, por sua vez, podem levar a uma pulverização do ensino de Física caso a escola se mostre alheia a estas dinâmicas sociais.

Nesse contexto, a tecnologia emerge como alternativa pertinente para uma aprendizagem mais ativa, considerando a sua relevância no que compete a aulas mais dinâmicas e atrativas. Com isso, a utilização de recursos tecnológicos nas aulas de Física torna-se uma estratégia possível para que haja uma redução da ideia abstrata que os estudantes costumam ter em relação ao referido componente curricular.

A tecnologia, dessa forma, pode proporcionar aulas mais interativas ao mesmo tempo em que incentiva o estudante a perceber a Física como parte constituinte do seu dia-a-dia. Em outros termos, com a ajuda tecnológica, o professor de Física pode ampliar seu repertório didático ao mesmo tempo em que torna mais evidente a necessidade de um ensino de Física mais direcionado à prática diária do homem em todos os domínios sociais em que atua.

Em síntese, esperamos que este trabalho possa render desdobramentos futuros que, conseqüentemente, nos ajudem a pensar em uma prática pedagógica mais reflexiva e socialmente engajada. Isso, por sua vez, está diretamente associado à formação de um estudante ativo, que seja capaz de estabelecer conexões entre a Física vista na escola e as suas próprias ações desenvolvidas para além dos muros institucionais.

Referências

- AMADOR, E. C. **Influência da Formação Inicial na Apropriação Tecnológica como Medida Catalisadora no Curso de Sistemas de Informação**. 2023. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Anhanguera, Campo Grande, 2023.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CORDEIRO, L. Z.; GOMES, E. Estudo sobre o uso e a apropriação das tecnologias da informação e comunicação na educação Latino-Americana: ensaio sobre um percurso de investigação. **Uberaba**, v. 5, n. 1, p. 15-29, jan. – jun. 2012.
- FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.
- FRANÇA, T. B. A gestão educacional e as novas TICs aplicadas à educação. **Armário da Produção Acadêmica Docente**, v. 4, n. 8, 2010.
- LIMA, S. R. A. de. Mais Reflexão, Menos Informação. In.: FAZENDA, I. (org). **O que é Interdisciplinaridade**. São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 185-199.
- MAFFRA, S. M. **Mapas Conceituais como Recurso Facilitador da Aprendizagem Significativa** – Uma Abordagem Prática. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ensino de Ciências) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Nilópolis, 2011.
- OLIVEIRA, F. F.; VIANNA, D. M.; GERBASSI, R. S. Física moderna no ensino médio: o que dizem os professores. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 29, n. 3, p. 447-454, 2007.
- SILVEIRA, R. M. C. F.; BAZZO, W. Ciência, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. **Ciência & Educação**, v. 15, n.3, p. 681-694. 2009.
- SOUZA, N. A.; BORUCHOVITCH, E. Mapas Conceituais: Estratégia de Ensino/Aprendizagem e Ferramenta Avaliativa. **Educação em Revista**, v.26, n.03, p. 195-218, 2010.
- TEIXEIRA, A. G. D. Um levantamento de percepções de professores sobre a tecnologia na prática docente. **Linguagens e Diálogos**, v. 2, n. 1, p. 159-174, 2011.
- WOLFF, J. F.S. **O Ensino da Teoria da Relatividade Especial no Nível Médio: Uma Abordagem Histórica e Conceitual**. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional em Ensino de Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ISRAEL E HAMAS, PRISIONEIRO DO “INIMAGINÁVEL”?¹⁷

Eugenio Pacelli de Morais Firmino¹⁸

Resumo

Em qualquer tempo e espaço, guerras produzem destruição, mortes, escombros, dores, sofrimentos e traumas; e deixam rastros da perplexidade que produzem lembranças, palavras e imagens que povoam ou alimentam sentimentos, percepções, “consciências”, esperanças e (pro)posições. Este artigo aborda alguns desses rastros, resgatando o que se lembra sobre as duas guerras mundiais; analisando o que se fala e o que se propõe para o conflito entre Israel e Hamas na primeira semana dos confrontos; estabelecendo um vínculo entre o presente e o passado; e, finalmente, apresentando algumas alternativas ou “saídas” para o fim das atrocidades, sobretudo na Faixa de Gaza. O texto conclui não existir outra “saída” que não seja uma mudança de rumo, construída por meio da democracia popular em ambos os lados e apoiada fortemente por um movimento educacional crítico e emancipador; do contrário, continuarão prisioneiros do “inimaginável”.

Palavras-chaves: Guerras; Inimaginável; Educação.

Abstract

At any time and place, wars produce destruction, deaths, rubble, pain, suffering and trauma; and leave tracks of the perplexity they cause memories, words and images that populate and feed feelings, perceptions, “consciences”, hopes and (pro) positions. This article addresses some of these tracks, recovering what we remember about the two world wars; analyzing what is said and what is proposed for the conflict between Israel and Hamas in the first week of the clashes; establishing a link between the present and the past; and, finally, presenting some alternatives or “way out” to end the atrocities, especially in the Gaza Strip. The text concludes that there is no other “way out” other than a change in direction, built through popular democracy on both sides and strongly supported by a critical and emancipatory educational movement; otherwise, they will remain prisoners of the “unthinkable”.

Keywords: Wars; Unthinkable; Education.

Nunca antes nosso futuro foi mais imprevisível, nunca dependemos tanto de forças políticas que podem a qualquer instante fugir às regras do bom senso e do interesse próprio — forças que pareceriam insanas se fossem medidas pelos padrões dos séculos anteriores. É como se a humanidade se houvesse dividido entre os que acreditam na onipotência humana (e que julgam ser tudo possível a partir da adequada organização das massas num determinado sentido), e os que conhecem a falta de qualquer poder como a principal experiência da vida.¹⁹

¹⁷ Este artigo é uma versão ampliada e alterada de um texto publicado em um *site* de notícias no Estado do Tocantins.

¹⁸ Bacharel em História (UFPB), mestre em Educação brasileira (UFG) e professor de História da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Centro de Ciências Integradas de Araguaína-TO. E-mail: pacelli437@gmail.com

¹⁹ ARENDT, 2013, p. 6.

Introdução

O conflito entre Israel e Hamas, iniciado no dia 7 de outubro deste ano, ensejou e fez explodir, nas redes sociais e pelo mundo afora, um imenso e intenso debate sobre a questão envolvendo judeus e palestinos no Oriente Médio. Quando comentam o conflito ora em curso, as pessoas exercitam a memória e põem para fora o que elas sabem acerca de questões complexas e sensíveis sobre o passado e o presente da história da humanidade naquela região. As notícias produzidas diariamente e a todo instante mostram os desdobramentos do conflito atual, fazendo-nos perceber que, no que diz respeito às guerras, o século XX continua presente, sob alguns aspectos, na história do século XXI.

A evocação do “inimaginável” que as guerras suscitam na sociedade, resulta da interação entre o que se lembra do passado e o que se noticia do presente. Doses de perplexidade e de preocupações se produzem em graus diversos a partir das imagens e das informações que circulam em ambientes e canais variados. Diante das imagens e das notícias que chegam, não há como escapar de lembrar e falar sobre elas.

Lembrar de uma guerra que aconteceu não é algo simples nem prazeroso, é complexo e angustiante, principalmente para quem dela participou; falar de um conflito que está acontecendo agora pode ser prazeroso para uns e aflitivo para outros. Conhecer o que se lembra de uma guerra passada e o que se fala de um conflito presente significa entrar em contato com: sofrimentos, aflições, traumas, prazeres e instintos sádicos-destrutivos; com medos do passado, repulsas do presente e esperança no futuro; os lugares e as posições de homens e mulheres no tempo e no espaço, permitindo-se assim enxergar o grau de consciência que os sujeitos tiveram acerca de suas ações na relação com o outro, consigo mesmo, com sua história.

Lembrando da primeira e segunda guerras mundiais

“Grandes” ou “pequenas”, geralmente as guerras trazem algo de “novo” no campo do horror, do “inimaginável”, o qual, uma vez conhecido, habita a memória e se perpetua no imaginário como experiência traumática e perturbadora²⁰. Na primeira guerra mundial, por exemplo, houve a utilização mais notória de gases tóxicos (gás de cloro, gás mostarda e o gás fosgênio) e do avião como arma de combate; contudo, a maior novidade no campo do “inimaginável” parece ter sido a violência de explosões até então desconhecidas ou, no mínimo, subestimadas no campo das batalhas reais. Testemunhos de militares alemães, obviamente preparados para o horror, evidenciam um pouco do “inimaginável” que se conheceu e se viveu nessa primeira grande guerra. Um deles, lembra assim: “De súbito, abrem-se portas e janelas, como que arrancadas de seus gonzos. Soldados, oficiais e até o general se precipitaram para a rua e ficaram petrificados. (...) O pânico arreganhava suas gengivas. (...) Todos ficaram de olhos arregalados com esse espetáculo como se a terra tivesse se aberto de repente (...)”²¹; um outro, lembra que: “O oficial alemão vem morrer a cerca de cinquenta metros de nossas linhas, com o braço direito estendido em nossa direção, e seus homens caem e se amontoam atrás dele. É inimaginável”²².

Não demorou muito, cerca de trinta anos depois o “inimaginável” da primeira grande guerra aparece redimensionado ou ampliado no que diz respeito ao tamanho das explosões provocadas pelas

²⁰ A afirmação de que “Os prédios podiam ser mais facilmente reconstruídos após essa guerra do que as vidas dos sobreviventes.” (HOBSBAWM, 1995, p. 51), infelizmente é válida tanto para a primeira guerra mundial como para as demais que ocorreram depois dela.

²¹ Testemunho F. von Unruh, *Verdun*, Apud, ARIÈS; DUBY, 1992, p. 206.

²² Testemunho do capitão Delvert, 101º Regimento de Infantaria, Apud, ARIÈS; DUBY, 1992, p. 206.

duas bombas atômicas, ambas jogadas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em 1945. Também até então ninguém conhecia o tamanho e o brilho de tais explosões²³:

Evidentemente, a tripulação do Enola Gay sabia que sua tarefa consistia em usar a bomba atômica como arma de guerra, pela primeira vez na História. O exército havia treinado cuidadosamente a equipe para o cumprimento da missão. Mas, ao que parece, ela não estava completamente preparada para assistir ao espetáculo que se seguiu. O impacto provocado pela detonação da bomba foi tão intenso que chegou a desestabilizar a trajetória do bombardeiro, que voava a uma altura de mais de dez mil metros. A bomba explodiu ainda no ar, a cerca de seiscentos metros do solo. Mesmo usando óculos escuros especiais, os tripulantes do Enola Gay tiveram a vista ofuscada pela intensa emissão de luz que vinha de baixo. Momentos depois, eles puderam ver a imensa onda de fogo e destruição que se espalhava pela cidade, a partir do núcleo da explosão. Costa que, perplexo com o que assistia, um deles deixou escapar o comentário dramático: “Meu Deus, o que foi que nós fizemos?”. (JÚNIOR; ROUBICEK, 1994, p. 45-46)

A segunda guerra mundial lançou mão de inúmeras “novidades” no campo do “inimaginável”, porém, a mais desumana, imortalizada na memória social, foram “As novas câmaras a gás” e os fornos crematórios, ambos construídos nos campos de concentração nazistas para se produzir a morte organizada por meio do extermínio em massa, principalmente de judeus. Dos vários campos de extermínio, construídos em diversas partes da Europa ocupada, o de *Auschwitz* na Polônia certamente foi o mais “produtivo”, ou melhor, imoral. Sobre esta realidade imoral e antiética, Hannah Arendt²⁴, a filósofa política alemã de origem judaica diz, “*Em as origens do totalitarismo*”, que nada é comparável à vida nos campos de concentração e que nenhum relato é capaz de descrevê-la plenamente.

Não há paralelos para comparar com algo a vida nos campos de concentração. O seu horror não pode ser inteiramente alcançado pela imaginação justamente por situar-se fora da vida e da morte. Jamais pode ser inteiramente narrado, justamente porque o sobrevivente retorna ao mundo dos vivos, o que lhe torna impossível acreditar completamente em suas próprias experiências passadas. É como se o que tivesse a contar fosse uma história de outro planeta, pois para o mundo dos vivos, onde ninguém deve saber se ele está vivo ou morto, é como se ele jamais houvesse nascido. Assim, todo paralelo cria confusão e desvia a atenção do que é essencial. (ARENDDT, 2013, p. 376-377)

[...]

[...] Vistos de fora, os campos e o que neles acontece só podem ser descritos com imagens extraterrenas, como se a vida fosse neles separada das finalidades deste mundo. Os campos de concentração podem ser classificados em três tipos correspondentes às três concepções ocidentais básicas de uma vida após a morte: o Limbo, o Purgatório e o Inferno. (ARENDDT, 2013, p. 376-378)

Em outro escrito, a filósofa considera perturbadora a consciência de normalidade do nazista *Eichmann*, pois, segundo ela, figura inconsciente, “distante da realidade” como ele sempre foi, jamais se deu conta do que fazia, estava cego, e isto representou, portanto, um fato relativamente novo. Ela

²³ Morreram mais de 200 mil pessoas (140 mil em Hiroshima e 74 mil em Nagasaki). Milhares de inocentes (crianças, jovens, adultos e idosos inválidos) foram mortos quando ainda dormiam. [...] as estimativas oficiais apontam para pelo menos 78 mil pessoas. Mas até o final de 1945 os efeitos continuados das queimaduras e da radiação elevaram esse número a 140 mil mortos. Calcula-se que, cinco anos depois, o número total de vítimas chegou duzentas mil pessoas – quase dois terços da população de Hiroshima no dia do bombardeio”.

[...] “Até o final de 1945, a explosão havia provocado setenta mil mortes em Nagasaki; cinco anos depois, o número se elevava a 140 mil vítimas fatais”. (JÚNIOR; ROUBICEK, 1994, p. 47-49)

²⁴ ARENDT, 2013.

ainda considera que a inconsciência, a banalidade do mal²⁵, ambos mais atrozes do que o sadismo, podem fazer mais mal do que todos os instintos destrutivos juntos. Nessa linha de raciocínio, pode-se considerar que isso foi o que ocorreu, sem dúvida nenhuma, de mais “inimaginável” no contexto da segunda guerra mundial.

Escutemos ainda o relato²⁶ do escritor judeu italiano Primo Levi (1919-1987), deportado para *Auschwitz*, no início de 1944, com mais de 600 italianos. Parte da vida deste escritor foi marcada pela experiência de prisioneiro em *Auschwitz-Monowitz* 547. Ao afirmar que os campos de extermínio são espaços de realização da desumanização total do outro, ele lembra:

[...] Vivemos durante meses ou mesmo anos num nível animalesco: nossos dias tinham sido assolados, desde a madrugada até a noite, pela fome, pelo cansaço, pelo frio, pelo medo, e o espaço para pensar, para raciocinar, para ter afeto, tinha sido anulado. Suportávamos a sujeira, a promiscuidade e a destituição, sofrendo com elas muito menos do que sofreríamos na vida normal, porque nosso metro moral havia mudado. Além disso, todos roubávamos: na cozinha, na fábrica, no campo, roubávamos 'dos outros', da contraparte, mas era furto do mesmo modo; alguns (poucos) se rebaixaram até o ponto de roubar o pão do próprio companheiro. Esquecemos não só nosso país e nossa cultura, mas a família, o passado, o futuro que nos havíamos proposto, porque, como animais, estávamos restritos ao momento presente. (LEVI, 1998, p. 42).

Que educação prevaleceu para os homens e mulheres que viveram na época das duas guerras mundiais e cujas lembranças do horror ficaram guardadas em suas memórias? Na época certamente prevaleceu não uma educação baseada no pensamento livre, questionador, emancipador²⁷, mas uma educação direcionada para o cultivo do amor, da lealdade, do respeito “cego” e obediente à nação, à pátria e às autoridades mais ou menos semelhante aos destinados aos pais. Portanto, a ausência de uma educação formal constituidora de sujeitos de sua história correspondeu, em linhas gerais, a efetivação de uma educação acrítica, formadora de amantes da nação, de fiéis defensores da pátria e de seus representantes máximos. Como indício válido para o período anterior à primeira guerra mundial, vejamos às instruções de um importante historiador da época para o ensino de História:

Ao ensinamento histórico incumbe o dever glorioso de fazer amar e compreender a pátria (...), todos os heróis do passado, mesmo envolvidos pela lenda...Se o estudante não trouxer com ele a lembrança viva de nossas glórias nacionais, se ele não souber que nossos ancestrais combateram em mil campos de batalha por nobres causas, se não aprender que para promover a união da pátria foi preciso muito sangue e esforço, (...) para retirar em seguida, do caos de nossas instituições envelhecidas, as leis sagradas que nos tornam livres, se ele não se tornar um

²⁵ Sobre a “banalidade do mal”, o que *Eichman* representava e o que ele fez como sujeito, Arendt (1999, p. 172) afirma: “Foi pura irreflexão — algo de maneira nenhuma idêntico à burrice — que o predis pôs a se tornar um dos grandes criminosos desta época”.

²⁶ Analisando a questão sobre “quem sabia e o que sabia?” Ferro (1995, p. 135) diz, “Entre 1945 e 1948 foi escrita uma grande quantidade de relatos e depoimentos; *Anette Wiewiorka* contabilizou cerca de 150. Em seguida, esse gênero de textos desapareceu quase completamente, para voltar a multiplicar-se mais ou menos a partir de 1980, e em velocidade crescente; quase uma centena entre 1987 e 1991. Este fluxo multiplica as informações, o que tem o efeito de tornar pouco plausível o testemunho dos que foram capazes de declarar que, entre 1940 e 1945, ‘não se sabia de nada’”.

²⁷ Conforme a visão de Adorno (1995), em uma educação fomentadora do pensamento livre e emancipado ensina-se pessoas a aprender lidar corretamente com sua própria liberdade e responsabilidade, evitando assim que elas renunciem aos seus interesses e se deixem levar com facilidade pelos ideais de autoridades externas, empenhadas em fomentar nas sociedades a “consciência” do ódio e da violência como instrumentos de ação política. Enfim, busca-se uma aprendizagem baseada na razão, na promoção do esclarecimento e capaz de contribuir para o não retorno à *Auschwitz*.

cidadão imbuído de seus deveres e um soldado que ama sua bandeira, então o educador terá perdido seu tempo.²⁸

Formar o “soldado”²⁹ ou “cidadão nacional”³⁰ fazia parte do ideal educacional formal desde o século XIX. Contudo, terá havido nessa época espaço ou possibilidade para outro “projeto”, para outro ideal educacional? Difícil dizer. Mas pode-se ressaltar que, no mínimo, houveram incômodos com tudo isto, conforme se pode evidenciar com a música “Eu não criei meu filho para ser soldado” (*I Didn't Raise My Boy To Be a Soldier*). Na última frase desta música está escrito: “Lembre-se que meu filho pertence a mim!”³¹.

A seguir, abordaremos o que se falou e o que se propôs, na primeira semana, acerca do conflito atual entre o estado de Israel e o Hamas.

Israel e Hamas: o conflito atual e a disputa pelo domínio das “consciências”

Dos combates travados atualmente entre judeus israelenses e palestinos do Hamas, chegam notícias todos os dias e a todo instante por meio dos noticiários midiáticos tradicionais e das redes sociais virtuais. Nestas mídias, trava-se uma disputa “nebulosa” pelo domínio das “consciências” acerca do conflito e de seus desdobramentos no momento atual. Neste outro combate, travado em diversos canais encontramos, grosso modo, a disputa entre dois grupos: o dos pacifistas, que clamam pelo estabelecimento da paz entre judeus e palestinos por meio da solução da existência de dois estados nacionais, ambos convivendo em paz e com segurança, e o grupo dos “obliteradores”, que se dividem em dois subgrupos: o que apoia a ideia irreal de aniquilação do estado de Israel e o que apela para a ideia, também irreal, de extinção do Hamas.

Nas mensagens produzidas e disseminadas, na primeira semana do conflito por estes dois grupos, através de imagens, da palavra verbal escrita e oral nas redes sociais, mobilizam-se argumentos de cunho religioso, político-ideológico e histórico-cultural. Contudo, a despeito do caráter perturbador de tais ideias, é fato que ao se exigir a obliteração um do outro, israelenses, palestinos e seus respectivos defensores atuais - espalhados no Oriente Médio e pelo mundo afora - se mostram suscetíveis aos apelos sedutores da consciência extremista, que só enxerga essa alternativa como a saída única e mais fácil para o conflito, indicando assim estarem aprisionados, posicionados, no lugar, na rota ou de volta à consciência que produziu *Auschwitz*; todos assim agindo, inconscientemente, para alçarem à posição de “obliteradores” nazistas.

No geral, e resumidamente, entre os pacifistas sobressai-se o apelo pelo cessar imediato das hostilidades; para que “Deus proteja” a vida de ambos os povos, diminuindo suas dores, seus sofrimentos e suas aflições, especialmente de crianças e pessoas mais idosas. Mas existe considerações críticas para ambos: com relação ao Hamas, considera-se que este é um movimento terrorista e fundamentalista que não representa nem deve ser confundido com os palestinos, sobretudo os que vivem na Cisjordânia; com relação a Israel, considera-se que desde 1967, quando se encerra a guerra dos seis dias, o estado judeu vem fazendo o mesmo que os nazistas fizeram com eles no passado, isto é, antes e durante a segunda guerra mundial (1939-1945), sobretudo nos campos de extermínio como o de *Auschwitz*. Olhando aflito para a câmara, um palestino assim se pronuncia: “Aconteceu com nossos avós e está acontecendo com nós agora, estamos sendo destruídos”. Verdade ou não na comparação, percebe-se que ao evocar o holocausto, estabelecendo um vínculo deste conteúdo passado com o do presente, ou seja, do holocausto nazista contra judeus com a opressão do estado de Israel contra os palestinos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, esses críticos enxergam, aprisionam

²⁸ Ernest Lavis, apud FERRO, 2010, p. 27.

²⁹ No dizer de Ferro, 2010.

³⁰ No dizer de Nadai, 2000.

³¹ BRYAN; PIANTADOSI. 1915.

ou colocam os israelenses no lugar, na rota ou de volta à *Auschwitz*, porém não na condição de presas da “obliteração”, mas na posição de carneiros, de “obliteradores” nazistas.

Entre os que apoiam Israel, existe a defesa da aniquilação do Hamas, acompanhados dos seguintes argumentos: que os Judeus representam o povo escolhido por Deus; que eles foram os primeiros a chegar na “Terra Santa” e que têm o direito de se defender. Por outro lado, com imagens, sons e os clarões das explosões que nos chegam por meio dos noticiários formais e informais, alguns até comemoram e aprovam, sadicamente e de forma banalizada, o poder de fogo ou o potencial destrutivo dos equipamentos militares utilizados nesta “guerra”. Em analogia ao ataque terrorista perpetrado contra o pentágono e as torres gêmeas dos Estados Unidos, em 2001, o ataque do Hamas é classificado como o 11 de setembro de Israel.

Entre os defensores do Hamas, existe o anseio pela “destruição” da nação judaica, argumentando-se que na Bíblia Israel é, na verdade, a Igreja de Jesus Cristo, não o estado sionista, criado pela ONU em 1948. Na esteira desse argumento, considera-se que abstendo-se de ouvir a voz e os apelos de Deus, os judeus seriam, na verdade, os condenados e não os “eleitos” por ele. Também se argumenta que Israel representa uma nação artificial, cuja existência serve apenas de força militar auxiliar do imperialismo neocolonialista norte-americano naquela região.

Notoriamente as imagens das operações do Hamas e de Israel produzidas, noticiadas e disseminadas pelo mundo afora na primeira semana do conflito enfatizam situações relativamente diferentes acerca das ações nos territórios israelense e palestino; valendo lembrar, entretanto, que nem todas que circulam nas redes sociais são verdadeiras, (são *Fake News*).

No que se refere à Israel, as imagens mostram: “terroristas” do Hamas penetrando no seu território e derrubando, com retroescavadeira, parte da cerca na fronteira com Gaza; correria de pessoas aflitas que participavam de uma festa *Rave* e fugiam para não serem mortas ou sequestradas; adultos fuzilados sumariamente; crianças enjauladas ou decapitadas nos *kibutz*; foguetes lançados aos milhares sendo interceptados pelo avançado sistema de defesa antiaérea de Israel; prédios atingidos; veículos danificados; pessoas aflitas e aos prantos dando entrevistas para os meios de comunicação; realização de funerais de brasileiros mortos com a presença de centenas de pessoas; pronunciamentos e telefonemas do primeiro ministro israelense Benjamin Netanyahu, que aparece encorajando a nação e prometendo, de maneira a mais banal e normal do mundo, eliminar por completo o Hamas: “Todo membro do Hamas é um homem morto”, diz ele no quinto dia do conflito, segundo matéria da Carta Capital, publicada em 11 de outubro deste ano. O ministro da defesa israelense também aparece, pronunciando-se e reforçando a promessa do primeiro ministro ao declarar que o objetivo das forças de Israel é “obliterar” o grupo palestino, varre-lo da face da terra.

Já sobre a Faixa de Gaza, as imagens mostram: cadáveres e escombros por todos os lados, fruto dos bombardeios da força aérea israelense a milhares de alvos, com edifícios inteiros vindo ao chão; agrupamentos de tanques de guerra se posicionando na fronteira e aguardando a ordem para avançar na “hora certa”; pessoas sentadas nos escombros (desesperadas, entristecidas, aos prantos); grandes estrondos, clarões e depois muita fumaça escurecendo o céu da região; funerais coletivos de pessoas mortas; escuridão na parte da noite e sofrimento da população na parte do dia, resultante do corte de energia elétrica, da falta de água tratada e de alimentos nos estabelecimentos comerciais; presença em Israel do maior porta aviões militar do mundo, mostrando o poder, a força do poio recebido e da aliança estratégica com os Estados Unidos; reféns de várias nacionalidades mortos pelos “terroristas” do Hamas, etc.

Apelos pedindo o fim das hostilidades são feitos e não cessam nos diversos cantos do mundo, porém, são desconsiderados diante de nossos olhos e passam como simples “palavras jogadas ao

vento”; a ONU e o seu Conselho de Segurança se mostram impotentes com este e outros conflitos espalhados pelo globo; ausência de apelos ao Tribunal Penal Internacional são visíveis....

“Obliterar” surge como um termo aparentemente novo, suave, técnico, edificante, inofensivo ou exemplar, porém, em qualquer dicionário a palavra significa: “fazer desaparecer”, “apagar”, “eliminar”, “suprimir”, “abolir por completo”. Estas palavras nos lembram outra, a de “exterminar”, palavra assustadora no nosso tempo. Muito comum no repertório verbal de extremistas e fundamentalistas da época atual, essas palavras quando enunciadas, parecem-nos dizer que na “consciência” extremista não existe outra saída para os problemas do mundo e dos homens que não seja o extermínio em massa. Nas redes sociais, o uso e o apelo ao sentido dessas palavras são abundantes e desavergonhados. Por exemplo, na sessão de comentários de um vídeo postado no YouTube, um perfil de caráter obliterador diz: “Que o Hamas seja dizimado!”³²; No aplicativo de mensagens Kwai, dois comentários impiedosos chamam a atenção, um clamando: “Ainda tem prédio de pé...Bora Israel senta o aço sem dó nem piedade”³³, o outro torcendo para “Que deste lugar só reste as cinzas”³⁴. Mas há contrapontos, e um questiona: "Terrorismo de Estado" normalizado graças a uma narrativa religiosa³⁵.

O pedido (“natural”, “normal”, “banal”) do extermínio como “solução final” para resolver conflitos com o outro, com o oposto sinaliza, como diria Hanna Arendt, que o solicitante escolheu o caminho errado, o caminho do “mal”. Sinaliza que ele está preso, condenado ou de volta ao lugar do “inimaginável” de outras guerras. Na memória popular do pós-segunda guerra mundial, esta palavra é sinônimo assombroso de *Amschwitz*. Portanto, sinaliza que ele está cego como cegos estavam os nazistas de *Amschwitz*.

Considerações finais

Saídas para o conflito entre Hamas e Israel devem ser pensadas e construídas. A primeira e mais urgente é o cessar imediato dos massacres e das hostilidades. Depois, pode-se colocar na mesa de negociação as seguintes alternativas: primeiro, a “antiga” proposta de criação do estado palestino, com reconhecimento oficial de Israel e da comunidade internacional das nações; segundo, de difícil e complexa implementação, a “improvável” criação de um estado único, nem palestino nem israelense, mas uma espécie de União Árabe-Sionista (árabe-israelense) legal, na qual os dois povos estariam: cada um, abrigados em uma respectiva região autônoma com sua respectiva capital; regulados por uma Constituição única e protegidos por uma única força armada. A representação do poder político dessa “União” seria compartilhada, levando-se em conta o tamanho da população de cada uma delas. Nesse estado único, Jerusalém ficaria como a capital simbólica do encontro mundial das “três religiões fundamentais” (judaísmo, islamismo e cristianismo).

Por fim, propostas ousadas, humanísticas ou civilizatórias são necessárias, porém torna-se necessária, em ambos os lados, a formação de um movimento popular democrático por parte da “sociedade civil” apoiada em uma educação formal e não formal de base emancipadora, visando se desvencilhar tanto de seus representantes políticos tradicionais como da hegemonia dos extremismos religiosos, ideológicos e histórico-cultural que colonizam suas “consciências”. Se não for assim, de outro jeito provavelmente não será, ambos estarão condenados ao "inferno", pois Gaza está cercada por Israel, e este pelos países Árabes.

³² O referido perfil se identifica como @josueferrer8349. Ver UOL, 2023.

³³ Este perfil se identifica como Rubson Silveira. Ver KWAI BONUS, 2023.

³⁴ Este perfil se identifica como dulciSilva099. Ver KWAI BONUS, 2023

³⁵ Perfil aparece identificado como @gustavokurfurst. Ver UOL, 2023.

Um movimento democrático emancipador precisa estar assentado em bases sólidas, sendo a principal delas um movimento educacional autêntico: fiel às necessidades humanas; baseada no bom senso; a favor da maioria dos cidadãos e cidadãs (infanto-juvenis, adultos e idosos), desejosos(as) de viver em paz e felizes consigo mesmo e com o outro; uma educação popular emancipadora, astuciosa e criativa, compromissada com a paz, com o bem, ou melhor, com a preservação da vida acima de qualquer egoísmo; com a descolonização das “consciências”; com o pensamento livre e a compreensão³⁶ da História; com a produção de um novo tempo, de novos homens e de novas mulheres; enfim, com a construção de um novo começo³⁷.

Referências

- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. 23ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.
- _____. **As origens do totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.
- ARIES, Philippe; DUBY, Georges. (Organizadores). **História da vida privada: da primeira Guerra a nossos dias**. vol. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. P. 203-230.
- BRYAN, Alfred; PIANTADOSI, Al. **Eu não criei meu filho para ser um soldado. [1915]**. In: **PÁGINA do Carlos Henrique Pimenta**. Músicas sobre a primeira guerra mundial. Disponível em: [Músicas sobre a Primeira Guerra Mundial | Página do Carlos Henrique Pimenta \(wordpress.com\)](#) Acesso em: 14 out. 2023
- CARTA Capital. **‘Todo membro do Hamas é um homem morto’**, diz Netanyahu no 5º dia do conflito. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/todo-membro-do-hamas-e-um-homem-morto-diz-netanyahu-no-5o-dia-do-conflito/> Acesso em: 11 out. 2023.
- COMENTÁRIOS. In: **Israel x Hamas: Vídeo mostra ataque aéreo israelense contra prédio ligado ao Hamas em Gaza**. UOL. 11 out. 2023. 1 Comentário no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qm6CHg6PyH8> Acesso em: 15 out. 2023
- COMENTÁRIOS. In: **Israel x Hamas: Vídeo mostra bombardeio e destruição em Gaza no 4º dia de guerra**. YouTube. UOL. 10 out. 2023. 1 comentário no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zXt7C1AsVRo> Acesso em: 12 out. 2023.
- COMENTÁRIOS. In: **Palestino mostra como está a faixa de Gaza nesse exato momento**. KWAI BONUS. 10 out. 2023. 1 comentário. Acesso em: 28 out. 2023
- FERRO, Marc. O extermínio dos judeus: quem sabia – e o que? In: **História da segunda guerra mundial**. São Paulo: Editora Ática, 1995. PP 132-153.
- _____. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. PP. 25-48.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991**. Companhia das letras, 1995.
- JUNIOR, José Augusto Dias; ROUBICEK, Rafael. **O brilho de mil sóis – História da bomba atômica**. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NADAI, Elza. O ensino de história e a “Pedagogia do Cidadão”. In: PINSKI, Jaime. (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2000. PP 23-30.

³⁶ Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós — sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela — qualquer que seja. (ARENDDT, 2013, p. 7).

³⁷ Um novo começo consciente “[...] de que todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. *Initium ut esset homo creatus est* — “o homem foi criado para que houvesse um começo”, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós”. (ARENDDT, 2013, p. 409).

O NAPNE COMO INSTRUMENTO DE POSSIBILIDADE DE ACESSO E PERMANÊNCIA PARA ESTUDANTES NOS IFs

Herivelton Martinelli dos Santos³⁸

Bruno Gomes Pereira³⁹

Resumo

Os Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) se configuram como núcleos importantes no processo de acolhimento, acompanhamento e término (conclusão do curso) dos estudantes com deficiência e com demais transtornos matriculados nos Institutos Federais. O objetivo deste trabalho é problematizar o papel do NAPNE a partir das colaborações da literatura acadêmica especializada, no que se refere a sua proposta de inclusão, garantida pelas políticas públicas que o regem. A fundamentação teórica está alojada no campo dos estudos sobre formação de professores, partindo do pressuposto de que o NAPNE tem relação estreita com o papel do professor junto à prática do magistério. A metodologia é do tipo bibliográfico, uma vez que mobilizamos um conjunto de textos acadêmicos de maneira sistematizada, os quais nos ajudam a pensar sobre o referido objeto de estudo. A pesquisa reforça que a função desses núcleos é desenvolver atividades que organizem o contexto escolar em uma perspectiva de inclusão. Portanto, torna-se fundamental desenvolver ações que influenciem positivamente e transforme o ambiente escolar.

Palavras-chave: Inclusão. Instituto Federal. NAPNE.

Resumen

Los Centros de Atención a Personas con Necesidades Educativas Específicas (CAPNEE) son centros importantes en el proceso de acogida, seguimiento y finalización de cursos de estudiantes con discapacidad y otros trastornos matriculados en Institutos Federales. El objetivo de este trabajo es problematizar el papel del CAPNEE a partir de las colaboraciones de la literatura académica especializada, en lo que respecta a su propuesta de inclusión, garantizada por las políticas públicas que lo rigen. La fundamentación teórica se ubica en el campo de los estudios sobre la formación docente, partiendo del supuesto de que la CAPNEE tiene una estrecha relación con el rol del docente en la práctica de la enseñanza. La metodología es bibliográfica, ya que movilizamos de manera sistemática un conjunto de textos académicos, que nos ayudan a pensar en el mencionado objeto de estudio. La investigación refuerza que la función de estos centros es desarrollar actividades que organicen el contexto escolar desde una perspectiva de inclusión. Por ello, es fundamental desarrollar acciones que influyan positivamente y transformen el ambiente escolar.

Palabras clave: Inclusión. Instituto Federal. CAPNEE.

³⁸ Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). E-mail: herivelton.mestrado@gmail.com.

³⁹ Doutor em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente e pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). E-mail: bruno.pereira@ibirapuera.edu.br.

Introdução

A inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Tem como objetivo acolher todos e cada estudante que estejam inseridos no espaço escolar, em relação a todas as atividades pedagógicas que fazem parte deste ambiente, de modo que não se estabeleça nenhum tipo de discriminação.

A educação inclusiva tem suas bases da declaração de Salamanca, em 1994, a saber:

o princípio da inclusão consiste no reconhecimento de necessidade de se caminhar rumo à escola para todos, um lugar que inclua todos os alunos celebre as diferenças, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais (UNESCO,1994, p.03).

No artigo 22, da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Lei nº 9394/96:

Entende-se por educação especial, para os efeitos dessa lei, a modalidade de educação escolar, oferecida na escola regular de ensino para educandos com necessidades especiais. (...) A oferta de educação especial dever educacional do Estado, tem início na faixa etária de 0 a seis anos, durante a educação infantil (Brasil, 1996, s/p).

Mesmo garantido via legislação, o direito à inclusão esteve sempre ligado a instituições especializadas. No entanto, isto mudou em 2015 com a promulgação da Lei da Inclusão nº 13.146, que estabeleceu normas e condutas a serem respeitadas por instituições públicas e privadas, no sentido da não recusa das matrículas de alunos especiais, tal normativa em respeito ao que estabelece a Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 208. Este, por sua vez, determina o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente, na rede regular de ensino” (Brasil, 1988, p. 95).

Os NAPNEs são criados no âmbito legal, por meio da Portaria nº 29, de 25 de fevereiro de 2010, em seu art. 3º, a qual define que:

os Grupos Gestores poderão contar com o assessoramento técnico dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais - NAPNEs e de outros especialistas necessários à construção de um Projeto Político Pedagógico embasado na ‘educação para a convivência’ nas Instituições Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Brasil, 2010, s/p).

Ocorre a partir da Ação TEC NEP – Tecnologia, Educação e Cidadania para Pessoas com Necessidades Especiais - que se constituiu em uma ação da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação. Com a expansão da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica, teve uma representatividade, visto que as políticas públicas e internas instituem uma perspectiva de formação técnica incorporada a uma formação humana, política e ética para além da formação técnica, no contexto de inclusão escolar voltada na educação profissional (Nunes, 2012). Esta normativa de implementação da política de inclusão tem por objetivo objetivo as ações inclusivas.

Por que devemos problematizar este assunto?

Atender aos alunos especiais colocou a escola formal em cheque, pela falta de recursos e de acessibilidade, mas também a falta de qualificação dos professores, a falta de recursos físicos, financeiros e humanos, deixa de fazer da escola um lugar atrativo. Temos por referência, portanto, o que sinalizam Aporta e Lacerda (2018), os quais, por meio de seus estudos, entendem que o aluno ao ser matriculado no ensino formal percebe as barreiras existentes no ambiente escolar e, ao se deparar com essas dificuldades, desiste de continuar os estudos, resultando em um aumento do número de evasão escolar.

A Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) pontua os moldes da acessibilidade na Educação. O documento trata de direitos e garantias em saúde, mobilidade, aparelhos, equipamentos e o acesso à cidadania de modo pleno e completo.

Entendemos que o processo de inclusão depende de toda a comunidade escolar, posição defendida por Aporta e Lacerda (2018), os quais afirmam que cada um, norteado por seu papel social, deve garantir essa inclusão, de modo a possibilitar a transformação de paradigmas em ações práticas e efetivas.

Portanto, incluir o aluno com alguma deficiência, ou mesmo alunos com dificuldades de aprendizagem, não é somente deixar que ele frequente as aulas e interaja de alguma forma com os colegas, não se preocupando com o aprendizado nem em estimular o desenvolvimento de competências que serão cobradas pela sociedade. Tendo por referência os aspectos aqui descritos, objetivamos, por meio da revisão bibliográfica, conhecer as produções sobre a temática no contexto dos Institutos Federais (IFs).

Materiais e métodos

Com vistas a nos aproximarmos das discussões acerca da regulamentação e criação dos NAPNEs nos IFs, buscamos realizar esta revisão bibliográfica, a qual se desenvolveu por artigos nas bases de dados do Periódicos da CAPES, da Scielo e do Connect Papers, por meio dos descritores: NAPNE, Inclusão e Instituto Federal. Utilizamos como marco temporal de 2012 a 2022.

Dessa busca, encontramos 59 produções acadêmica, considerando a leitura dos títulos e dos resumos, observando também as palavras-chaves, as quais deveriam se enquadrar ao assunto a ser pesquisado. Da leitura feita, foram excluídos 46 artigos científicos, visto que estavam fora da abrangência da região sudeste, *locus* escolhido para o desenvolvimento da pesquisa ainda em construção. É pertinente salientar que, na região nordeste, há uma quantidade relevante de publicações relacionadas aos descritores. Fizemos, então, a seleção de 13 artigos e realizamos a leitura mais detalhada dos mesmos.

A tabela 1 traz os números de artigos selecionados em cada base de dados.

Tabela 1 - Artigos científicos

Artigos científicos selecionados	
CAPES	02
CONNECT PAPERS	07
SCIELO	04

Fonte: Produzida pelos autores, com base nos dados dos periódicos CAPES, CONNECT PAPERS e SCIELLO

Foi necessário realizar um estudo com base nos 13 artigos científicos selecionados, com intuito de entender seu surgimento e funcionalidade, no qual os NAPNEs assumem viés articulador com objetivo de ações inclusivas nos IFs. Sabemos que a origem foi no programa Educação, Tecnologia Profissionalização para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (TECNEP), criado no ano de 2000.

O NAPNE é o órgão de execução de ações voltadas para políticas de inclusão no âmbito dos IFs, pois:

o Núcleo é um setor deliberativo da instituição que responde pelas ações de implantação e implementação do Programa TECNEP, tendo como função no âmbito interno articular os diversos setores da instituição nas diversas atividades relativas a inclusão dessa clientela na instituição, definindo prioridades e todo material didático-pedagógico a ser utilizado. No âmbito externo o núcleo tem a função de desenvolver parcerias com instituições e organizações que ministram educação profissional para pessoas com necessidades educacionais especiais, órgãos públicos e outros. O Núcleo tem como objetivo principal criar na instituição a cultura da educação para a convivência, aceitação da diversidade e, principalmente, buscar a quebra de barreiras arquitetônicas, educacionais e atitudinais (Anjos, 2006, p.19).

As escolas precisam fazer adaptações, para que cada aluno precisa ter suas necessidades específicas atendidas. É fundamental darmos possibilidades de permanência e aprendizagem, e instrumentos para eliminarmos os entraves para a aprendizagem (Glat; Blanco, 2009).

Resultados e discussões

Norteados pela leitura desses artigos, percebemos que as discussões enfatizam os NAPNEs. Os artigos científicos selecionados, conforme Tabela 1, apresentam discussão sobre a construção dos NAPNEs, assim como a criação dos IFs, iniciados no governo Luiz Inácio Lula da Silva, em 2008. Essa iniciativa abrangeu diversos estados brasileiros e tinha como objetivo ofertar curso de educação superior, básica e profissional. Os artigos científicos descrevem também práticas pedagógicas inclusivas, com a premissa da otimização de inclusão do estudante no processo ensino-aprendizagem.

Os IFs têm destaque nas cidades onde estão inseridos, por oferecer uma escolarização considerada de qualidade. A prática da inclusão necessita de atenção especial, precisa compreender e avançar no que já foi realizado relacionado à educação inclusiva nos IFs. Para atender às legislações e a diversidade de estudantes, criam-se os núcleos com objetivo promover ações de permanência e êxito dos alunos, para que estes se sintam acolhidos e que aconteça de verdade a inclusão social e educacional (IFSP, 2021).

Os elementos identificados na pesquisa trazem um recorte sobre esses núcleos, os quais visam assessorar a gestão de cada *campus*, nas questões relacionadas ao processo de inclusão, de acesso,

de permanência e conclusão com êxito nos cursos ofertados em cada IF. Também incentivam uma cultura na educação, com recorte voltado para o respeito a diversidade e que a convivência seja algo de forma natural, respeitando a pessoas com necessidades educacionais específicas.

Dialogando com esses autores abaixo, entendemos que, na visão de Paulo Freire, ao desenvolver a pedagogia política e analógica, sua filosofia é tão moderna que ainda tem o tocante de ser referência sobre o tema de inclusão. Em sua práxis libertadora, o autor não concorda com a igualdade no sistema escolar na época, visto que o capitalismo neoliberal deixa esse sistema educacional subordinado ao capitalismo. Freire defende uma educação sem barreiras e sem discriminação, além de não importa quem são esses atores envolvidos neste processo (Freire, 1996; Freire, 2001; Freire, 2005).

Para ele, “só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas” (Freire, 1996, p.30).

O processo de aprendizagem é uma via de mão dupla, pois o professor, ao ensinar, aprende e, nessa relação, o estudante que está aprendendo também ensina. São nessas trocas que acontece a relação dialógica. É importante frisar que a construção do conhecimento não acontece de maneira verticalizada (só professor que ensina) e autoritária. Na verdade, acontece na liberdade dos alunos e nesses saberes que eles trazem da sua origem. Desta forma, o espaço escolar se configura como um local de inclusão de todos.

De acordo com Saviani (2013, p.190), “a educação se configura ou não como um processo de formação humana, análise essa que poderia eleger como critério para se distinguir entre a educação formadora e a deformadora do homem”. No contexto escolar, as atitudes e as práticas docentes definem como serão os resultados encontrados dessa construção e perceber essa essência. O professor irá descobrir que a educação tem a responsabilidade e a função de formá-lo para o contexto escolar e são suas práticas e atitudes que definirão a “matéria-prima” e os resultados dessa construção e preparação do professor para trabalhar com a inclusão por meio de uma postura reflexiva.

A pesquisa propiciou um momento de reflexão a respeito das práticas docentes e da preparação do professor frente à inclusão. Com isso, podemos perceber que as alunas buscaram o estágio fora do magistério para que pudessem ter contato com a temática de inclusão, pois, se dependesse apenas de sua formação, não teriam toda a bagagem e prática que estão adquirindo.

Nóvoa (1995; 2019), por sua vez, entende que a formação do professor acontece em diferentes espaços. É no meio escolar que o profissional da educação irá dividir seu espaço com outros colegas e com os alunos. Desta relação de troca (professor/professor e professor /aluno), a aprendizagem se dá de diferentes maneiras. Há discussões na formação continuada, em detrimento de possibilidades relacionados à prática educativa.

A identidade do professor é construída por meio das práticas educativas, tendo suas formações com base inicial. É nesta situação que Nóvoa (1995, p. 43) relata que “a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma nova personalidade docente”. Dessa forma, o professor precisa dialogar, ter resistência, assumir uma postura e compartilhar suas práticas pedagógicas com os outros colegas, constituindo-se uma maneira sociável, humilde e que poderá contribuir na sua formação.

Considerações finais

Este trabalho procurou articular reflexões sobre a formação do professor ao surgimento dos NAPNEs, bem como sua funcionalidade e ações. O Programa do governo Federal TECNEP foi o grande precursor na criação dos núcleos.

Há muito caminho a ser percorrido e desafios que deverão ser enfrentados sobre inclusão escolar nas instituições da rede profissional e tecnológica, em especial acerca das dificuldades relatadas sobre a formação dos docentes. Com isso, a educação inclusiva deve ser pauta de discussões no contexto das políticas públicas, que têm a normativa de garantir, por meio das legislações vigentes, o atendimento educacional especializado.

Portanto, a inclusão é de suma importância para que o estudante se sinta pertencente ao espaço escolar em que está inserido. Nesse sentido, se faz necessária a continuidade acerca das discussões e reflexões, das práticas docentes e preparação dos professores sobre o tema inclusão de modo que resultem em mudanças significativas.

Referências

- APORTA, Ana Paula. LACERDA, Cristina B Feitosa. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Bauru: UNESP/FE, v.24, n1, 2018.
- BRASIL. **Lei 13.146/2015: Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** - Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília Congresso Nacional, 2015.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BRASIL. **Portaria MEC/SETEC nº 29, de 25 de fevereiro de 2010**. Disciplina a forma de operacionalização da Ação Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais – TEC NEP, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo Varela. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. In: Rosana Glat (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, p. 15-35, Rio de Janeiro, 2009.
- IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. **Ações Inclusivas**. 2021. Disponível em: <https://ifsp.edu.br/acoes-e-programas/42-ensino/1472-acoes-inclusivas>. Acesso em: 03 de novembro de 2023.
- LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 25 de outubro de 2023.
- NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e 84910, 2019.

NUNES, Sula Cristina Teixeira. **O Programa TEC NEP**: a educação profissional na perspectiva inclusiva. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Qv7jyMxYfGVLZftjWncGqMS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2023.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (UNESCO). **Declaração de Salamanca**: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO, 1994.

EXLORANDO O AMOR EM POEMAS DE BARREIROS FILHO

Isis Beatriz Santos Gomes⁴⁰
Pedro Alberice da Rocha⁴¹

Resumo

Este artigo aborda uma análise fragmentada da obra *Os Dias: A crônica e o poema de Barreiros Filho*, trazendo somente a segunda parte do livro, como principal referência. Dessa forma, o foco estará voltado para alguns poemas de Barreiros, em particular os que remetem à memória afetiva. Trata-se de sonetos e, como tais, são formados por quatorze versos, compostos por dois quartetos e dois tercetos, que introduzem e concluem diversos temas específicos. Os poemas escolhidos – *Maria, Mães e Árvores*, *Margarida* e *Ó Minha Companheira* – remetem à reflexão sobre a maternidade, ao amor filial e ao romantismo, explorando os sentimentos humanos e a importância das relações interpessoais.

Palavras-chave: *Os dias*; *Poemas*; *Sonetos*.

Resumen

Este artículo aborda un análisis fragmentado de la obra *Os Dias: A crônica e o Poema de Barreiros Filho*, teniendo sólo la segunda parte del libro como referencia principal. Así, la atención se centrará en algunos de los poemas de Barreiros, en particular aquellos que hacen referencia a la memoria afectiva. Se trata de sonetos y, como tales, se componen de catorce versos, compuestos por dos cuartetos y dos tercetos, que introducen y concluyen varios temas concretos. Los poemas elegidos – *Maria, Mães e Árvores*, *Margarida* y *Ó Minha Companheira* – hacen referencia a reflexiones sobre la maternidad, el amor filial y el romanticismo, explorando los sentimientos humanos y la importancia de las relaciones interpersonales.

Palabras-llave: *Os dias*; *Poemas*; *Sonetos*.

Introdução

O presente trabalho tem como propósito examinar a segunda parte da obra *Os Dias* de Barreiros Filho (1891/1977), que se divide em crônicas e poemas. Nos primeiros momentos da leitura, nota-se a ênfase na estrutura dos poemas, especialmente os sonetos, destacando-se pela forma fixa e pelas rimas.

Será discutido como esses poemas refletem a profundidade das conexões humanas e a forma de como Barreiros Filho explora a admiração, a proteção, a conexão emocional e a esperança, tornando a leitura uma experiência rica e envolvente para qualquer admirador de poesia.

As composições a serem analisadas são de forma fixa, *sonetos*, forma essa que, para a maioria dos estudiosos, foi inventada por Giacomo de Lentino (1180/1190?), de origem siciliana. (MOISÉS, 1988, p. 480).

As páginas que estão entre parênteses sem referência de autoria são do livro que contém a obra de Barreiros Filho (2021).

⁴⁰ Licencianda em Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins

⁴¹ Doutor em Teoria da Literatura, docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins

Análise dos Poemas Selecionados

Barreiros Filho foi membro da Sociedade Catarinense de Letras (Rocha, 2021, p. 51) A obra em questão é dividida em duas partes, cada qual correspondente a um gênero textual distinto: as crônicas e os poemas. A partir da observação do trabalho, decidiu-se por vivenciar a visão poética do autor e por esse motivo não se pode ignorar esta parte peculiar do livro.

De primeira mão, fiquei intrigada com o método estrutural que Barreiros utiliza em quase todos os seus poemas no decorrer da obra. Durante a leitura, encontramos diversos poemas de quatorze versos com uma forma fixa, os sonetos, que se estruturam em dois quartetos e dois tercetos. Estes sonetos nos levam a crer, que nos primeiros versos, introduzem um determinado assunto e nos dois tercetos seguintes eles finalizam, concluindo, assim, o pensamento inicial.

Na segunda parte do livro (p. 139), o poema *Maria* já nos leva a esse fato. Com uma estrutura elegante e simétrica, composta por quatro estrofes, duas de quatro versos e outras duas de três versos, que são decassílabos com rima regular (ABAB, ABAB, CDC, EDE), cria-se um ritmo harmonioso que envolve o leitor desde o começo:

Maria

Da minha filha os vívidos brancinhos,
Ligeiros, brancos poisam-me no pulso
- São como os pombos: virginais arminhos,
Asas volúveis para o aéreo impulso...

Alçados sempre, pedem-me carinhos,
Seja no riso ou no chorar convulso
Lembram alvuras dos areais marinhos,
Fariam anjo dum demônio expulso...

Quão poderoso, esses braços finos!
Como me travam com seus débeis dedos.
Tanto mais fortes quanto pequeninos!

Maria, filha a quem eu quero tanto,
Teus dois brancinhos são os meus enredos,
Silvas floridas deste meu recanto!

O Estado. 31 de março de 1923.

Por meio de uma linguagem poética rica em metáforas e imagens vívidas, o eu-lírico descreve os braços de sua filha como "vívidos", "brancos" e "ligeiros", evocando essa sensação de pureza e leveza que é notoriamente associada à infância. Pode-se notar uma comparação dos braços da criança com "pombos" e "arminhos", ressaltando a inocência e a beleza, enquanto uma imagem dos "areais marinhos" sugere uma conexão com a natureza e uma sensação relaxante de serenidade.

Dessa forma, o título do poema, "Maria", não apenas identifica a destinatária do amor do eu-lírico, mas também, nos leva a crer em associações simbólicas e religiosas, sugerindo a pureza de Maria no catolicismo e a proteção que a figura dela representa como uma mãe, santa e pura. Essa escolha de nome possibilitou ampliar o significado do poema de Barreiros Filho., pois nos leva a uma dimensão espiritual e universal que ressoa além do contexto pessoal do próprio poeta.

No último verso, o poema encerra com gratidão e admiração à filha expressando como os braços de Maria são "silvas floridas" que enfeitam e promovem sentido ao mundo do eu-lírico, como se a presença da criança fosse um bálsamo para a alma do poeta. Nele, podemos sentir uma conexão de amor entre uma mãe e a sua filha.

O segundo poema (p. 140), *Mães e Árvores*, também segue a mesma estrutura fixa de soneto, nos esquemas de rimas ABAB, ABAB, CDC, EDE:

Mãe e Árvores

Mães, sois no lar discreto as soberanas,
Árvores, sois artistas na devesa:
Teceis vestes de folhas com lianas,
Figurinos modelos de leveza...

Mães, sacrossantas árvores humanas!
Árvores, santas mães da natureza!
Árvores, posso eu dar-vos mais hosanas!
Mães, determino assim vossa grandeza!

Ó mães catarinenses, vossas filhas,
Rebentos estivais do vosso amor,
E desse amor nativas maravilhas,

-São por vindoiras árvores felizes,
Arvoretas que estão agora em flor,
Esperanças de mães reprodutrizes!

O Estado. 03 de abril de 1923.

Inicialmente, Barreiros traz novamente a questão das mães, descrevendo-as como "soberanas" no lar e comparando a sua importância no ambiente familiar com a função das árvores na floresta, onde elas são vistas como artistas que tecem "vestes de folhas" e "figurinos modelos de leveza". Essa comparação nos faz pensar em uma imagem preconcebida da habilidade das mães em criar um ambiente acolhedor e protetor para os seus filhos, assim como, as árvores fornecem o abrigo e o sustento para diversas formas de vida na natureza.

Ele prossegue, a partir dessa comparação, a exaltar tanto as mães, quanto as árvores, chamando as mães de "sacrossantas árvores humanas" e as árvores de "santas mães da natureza". Novamente nos encontramos com a linguagem religiosa que sugere uma reverência e admiração pela maternidade e pela natureza. O final é claramente direcionado às mães catarinenses e as suas filhas, fechando o poema ao destacar a continuidade e uma promessa de futuro representado pelas jovens comparadas às "arvoretas que estão agora em flor".

O próximo poema (p. 159), *Margarida*, é uma homenagem à poetisa e declamadora Margarida Lopes de Almeida. O poema possui três versões no livro. Comentaremos somente a respeito da primeira versão, que foi escrita em 1924. Este poema, assim como os demais, segue a estrutura fixa de soneto, nos esquemas de rimas ABAB, ABAB, CCD, EED.

Margarida

Margarida, és a estrofe alvissareira.
De uma canção de amor, feita, uma vez,
Da alma de Júlia Lopes, brasileira,
E da alma de Filinto, português.

Eles estão em ti, de tal maneira
Que ao falar tu em ambos te revês:
A prosa de cristal, deu-ta a primeira,
Os versos, do teu pai que um dia os fez.

Em ti cansaram força sobre-humana
A doçura da veiga lusitana
E a pomba tropical das nossas terras:

Que tens de Portugal? – As doces falas...
Que te deu o Brasil? – Vulto de palas
E a graça-de-dizer que tu encerras!

Republica. 20 de fevereiro de 1924.

Neste poema, Margarida não é apenas uma personagem, mas uma síntese das riquezas culturais de Portugal e do Brasil. Ela é celebrada neste poema como uma expressão viva de união e de harmonia entre essas duas nações. Pois, logo na primeira estrofe, a personagem "Margarida" é apresentada como uma "estrofe" promissora "de uma canção de amor", carregando consigo a essência de "Júlia Lopes" e "Filinto", que são representantes das respectivas culturas, brasileira e portuguesa. A segunda estrofe destaca muito bem a influência desses autores na personagem, enquanto a terceira demonstra suas contribuições individuais para a formação da personagem "Margarida".

Por fim, o soneto culmina em uma reflexão sobre a conexão cultural entre Portugal e Brasil, representada por meio da personagem. As perguntas retóricas no final refletem sobre o que cada país contribuiu para a formação de Margarida, ressaltando a riqueza e a complementaridade das tradições literárias de ambos os lados.

O último poema (p. 173) transborda a delicadeza demonstrada pelo próprio poeta Barreiros Filho ao falar de amor, pois este poema é uma ode ao amor em forma de soneto, trazendo uma personagem, a sua musa inspiradora, que revela os profundos sentimentos do eu-lírico em relação à sua amada.

Ó Minha Companheira

Escutei, por meu bem, a voz secreta,
Mas cristalina, desta intuição:
Por amor, só de amor, eu sou poeta,
Coração a cantar teu coração!

Sorte grande de amor! Mulher dileta,
Ao meu problema deste a solução,
Em me dando a riqueza mais completa
De corpo e d'alma, em plena comunhão...

Se breve passa uma ventura boa,
Se a mão do tempo ao sonho tira a cor,
Se a ventura tem prazo, e logo escoar:

-Tenhamos a coragem de supor
Que o tempo que passou, ainda revoa
Batendo as asas sobre o nosso amor!

República. 15 de setembro de 1930.

A voz da intuição, neste poema, é apresentada como “cristalina” e “secreta”, guiando o poeta na expressão de seu amor por meio da poesia. E essa voz acaba se tornando a fonte de sua inspiração, evidenciando a ligação íntima entre a emoção e a criação artística. O eu-lírico retrata a parceira como a solução para os seus problemas, completando-o tanto de forma física, quanto de forma espiritual.

A comunhão entre os dois é ressaltada como uma riqueza completa, demonstrando a profundidade da conexão entre eles. Ela pode ser voltada tanto no significado da relação em comum, quanto no próprio sentido religioso, do sacramento da eucaristia, que expressa uma união entre o indivíduo e Deus.

No desfecho do poema, o eu-lírico reflete sobre a efemeridade da felicidade e do tempo, reconhecendo que ambos são passageiros. No entanto, ele se encoraja a enfrentar essa realidade com coragem, sugerindo que o amor deles é capaz de resistir ao teste do próprio tempo.

Conclusão

A escolha desses quatro poemas que compõem a segunda parte da obra, *Os Dias*, reflete muito na forma de como o poeta aborda essas questões humanas, principalmente o amor, que se expressa de diversas maneiras em seus poemas: o amor filial, o maternal e o romântico. Barreiros destaca fielmente a importância dessas relações humanas, explorando os sentimentos profundos e universais como a admiração, a proteção, a conexão emocional e a esperança, tornando-os interessantes pela sua capacidade de tocar o coração do leitor e transmitir mensagens poderosas sobre os laços humanos.

Barreiros Filho, que segundo Sachet já era um “pioneiro da Arte” nos anos 1920 (1974, p. 64) destaca-se pela sua capacidade de explorar os temas universais, assim como a estrutura de seus sonetos, evidenciando o cuidado e a habilidade do autor na composição de seus versos, enquanto as metáforas e imagens vívidas utilizadas transmitem uma profundidade emocional que ressoa com o leitor.

Ao longo desta análise, foi possível perceber como Barreiros Filho mergulha nas nuances dos relacionamentos humanos, seja na relação entre pais e filhos, na reverência à natureza, na religiosidade ou na celebração do amor romântico. Cada poema oferece uma reflexão única sobre as diversas facetas do amor e da vida, convidando o leitor a se conectar com as emoções e experiências retratadas.

Referências

- BARREIROS FILHO, Francisco. **Os Dias: A crônica e o poema de Barreiros Filho**. Organização e notas por Pedro A. Rocha. 3ª Ed. Gurupi-TO: Editora Veloso, 2021.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 5ª. Edição. São Paulo, Cultrix, 1988.
- ROCHA, Pedro A. **Nas pegadas de Camilo**. Gurupi: Veloso, 2021.
- SACHET, Celestino. **As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina**. Florianópolis: UDESC/Edeme, 1974.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INDISCIPLINAR

Jessyca Silva Mota da Silva⁴²
Jecônias da Silva⁴³
Bruno Gomes Pereira⁴⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a formação inicial de professores a partir de uma perspectiva indisciplinar. Para isso, mobilizamos um aporte teórico alojado no campo dos estudos aplicados da linguagem, procurando problematizar o processo formativo docente a partir de diferentes prismas. A metodologia é de caráter bibliográfico, considerando que mobilizamos saberes teóricos de diferentes áreas do conhecimento. A pesquisa aponta a necessidade de se pensar a formação de professores como algo complexo, já que a profissão docente demanda a mobilização de múltiplos saberes, o que remonta a sua natureza indisciplinar.

Palavras-chave: Letramento do Professor. Licenciaturas. Linguística Aplicada.

Abstract

This article aims to discuss initial teacher training from an interdisciplinary perspective. To this end, we mobilize a theoretical contribution based in the field of applied language studies, seeking to problematize the teacher training process from different perspectives. The methodology is bibliographic in nature, considering that we mobilize theoretical knowledge from different areas of knowledge. The research highlights the need to think about teacher training as something complex, since the teaching profession demands the mobilization of multiple knowledge, which goes back to its interdisciplinary nature.

Keywords: Teacher Literacy. Degrees. Applied Linguistics.

Introdução

Sabemos que a formação de professores é um processo de suma importância na qualificação profissional em qualquer área de atuação. Quando pensamos no contexto das licenciaturas, entendemos que a formação em seu estágio inicial é, antes de tudo, um período de descobertas, já que o acadêmico está dando seus primeiros passos rumo ao seu engajamento na vida do magistério (Pinho; Suanno; Suanno, 2013; Magalhães, 2012).

⁴² Especialista em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). E-mail: j.svca@hotmail.com.

⁴³ Especialista em Gestão Escolar: Administração, Supervisão e Orientação Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). E-mail: jecônias.silva@hotmail.com.

⁴⁴ Pós-Doutorando pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente/Pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). Docente da Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN), do Centro Universitário Anhanguera de Santo André (AMPLI) e da Faculdade Ana Carolina Puga (FAPUGA). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

Partindo desse pressuposto, é pertinente considerarmos que a formação de professores, com foco aqui em seu estágio inicial, não deve ser vista com algo estanque. Assim, optamos pela noção de “indisciplinaridade” contida nas discussões em Linguística Aplicada, que muito nos ajuda a pensar nos impactos junto ao ensino e à aprendizagem (Silva, 2012; Tavares, 2011).

Com isso, este artigo tem como objetivo discutir a formação inicial de professores a partir de uma perspectiva indisciplinar. Em outros termos, procuramos problematizar o período de engajamento acadêmico no contexto das licenciaturas, entendendo-as como fase decisiva na formação identitária do futuro profissional da educação.

Este objetivo, por sua vez, demanda o seguinte problema de pesquisa: *O que revela a natureza indisciplinar da formação inicial de professores?* Isso, por sua vez, nos convida a pensar em diferentes propósitos teóricos, os quais devem culminar nas nossas considerações finais.

Para responder a esta indagação, mobilizamos um aporte teórico alojado no campo investigativo da Linguística Aplicada (LA), considerando suas discussões acerca do processo de ensino e aprendizagem como foco no contexto das licenciaturas (Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2006).

A metodologia é do tipo bibliográfico, pois procuramos mobilizar difentes saberes teóricos na busca de complexificação do objeto investigado (Lakatos; Marconi, 2013; Bortoni-Ricardo, 2008). Assim, entendemos que a manipulação da teoria é elementar para a compreensão da prática pedagógica, o que reforça a natureza indissociável entre teoria e prática na formação inicial do professor.

A pesquisa aponta a necessidade de se pensar a formação de professores como algo complexo, já que a profissão docente demanda a mobilização de múltiplos saberes, o que remonta a sua natureza indisciplinar. Logo, a formação inicial docente demanda diferentes perspectivas de saberes, os quais devem ser levados em consideração.

Indisciplinaridade na Formação do Professor

Nesta seção, apresentamos o percurso teórico deste artigo. Portanto, objetivamos colocar em conversação diferentes perspectivas de conhecimentos teóricos com o intuito de entendermos um pouco mais sobre a formação inicial do professor de diferentes pontos de vista.

A LA é uma perspectiva teórico-filosófica que procura complexificar aspectos ligados ao processo de ensino e aprendizagem em contextos formais e informais do uso da linguagem. Nesse caso, pensamos a LA como uma zona naturalmente fronteira, uma vez que, ao investigar aspectos pedagógicos do ensino de línguas, afasta-se da concepção de disciplina curricular, embora esta disciplinarização tenha ocorrido a partir das políticas públicas do ensino superior (Pereira, 2016; Pennycook, 2006)⁴⁵.

⁴⁵ Neste artigo, não é nossa intenção apresentar uma discussão exaustiva a respeito da disciplinarização curricular da LA. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Pereira (2017) e Kleiman e Cavalcante (2007).

Nesse sentido, nos interessamos por aquilo que Moita Lopes chamou de “Linguística Aplicada Indisciplinar”, nos termos do próprio autor (2006). Este caminho nos direciona a um pensamento mais libertador a respeito da linguagem com prática social, ou seja, como instrumento pedagógico.

Entendemos por “indisciplinaridade” a maneira de se pensar na construção de saberes como uma prática social constante, sem considerar linhas demarcatórias para a gênese do conhecimento humano. Portanto, extrapola o pensar interdisciplinar, já que a noção de indisciplinaridade está associada ao fato de deslocamento de ideias e da inexistência de um pensamento disciplinarizado (Pereira, 2016; Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2006).

A Figura 1 ilustra o movimento indisciplinar a que fazemos referência.

Figura 1: Movimento indisciplinar



Fonte: Autoria própria

A Figura 1 é constituída por 3 esferas que, de acordo com o movimento das setas, constituem-se a partir de uma ideia cíclica, de unidade. No centro da imagem, identificamos a LA como ponto basilar. Na parte superior, identificamos a Educação, enquanto na inferior, a Psicanálise. É importante destacar que estes círculos devem ser vistos como saberes fluidos na formação do professor, o que os distanciam da percepção disciplinar.

Da Educação, nos interessamos mais de perto pelas suas discussões já tradicionais acerca de aspectos voltados à perspectiva didática na formação docente, a partir da ideia freireana de professor reflexivo. Nesse caso, pensar a formação inicial como um período frutífero no que se refere ao exercício do pensamento crítico-reflexivo é fundamental ao exercício do magistério. Isso porque advogamos por um professor que tenha condições de avaliar o seu próprio desempenho enquanto mediador da aprendizagem, de modo a levá-lo a desenvolver um olhar crítico a partir de si mesmo,

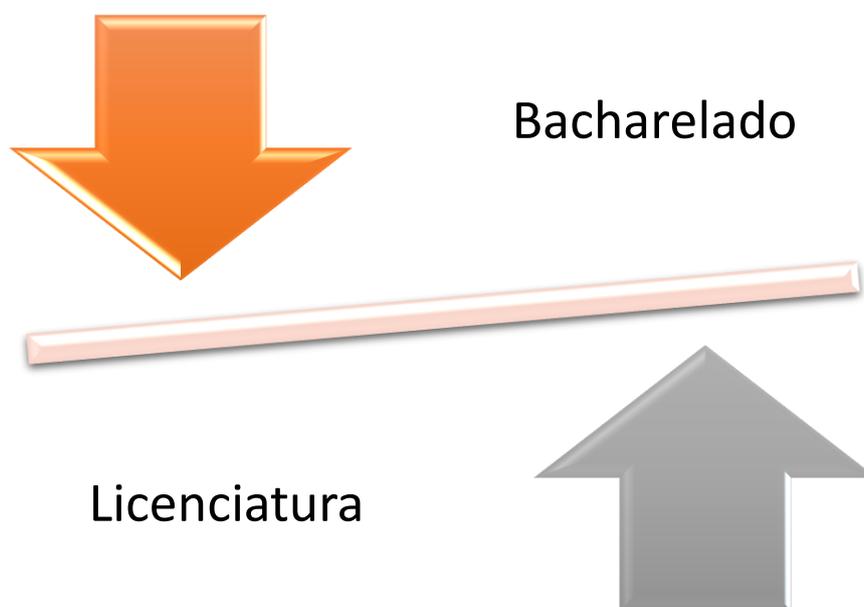
das suas escolhas didático-pedagógicas e das relações que estabelecem com outros atores sociais⁴⁶ no contexto da sala de aula (Diniz-Pereira, 2013; Zeichner, 2008; Freire, 1987).

Da Psicanálise, nos interessamos mais de perto pela maneira com a qual o conhecimento emerge como objeto de desejo do acadêmico das licenciaturas. Isso porque o desejo, nesse caso, está diretamente associado à maneira com que este ator social se percebe no mundo e nas relações que estabelece. Com o foco em si e no seu subconsciente, o acadêmico da licenciatura precisa identificar suas fragilidades junto ao exercício do magistério para que possa, com o tempo, tentar minimizá-las (Pereira, 2012; Cohen, 2006; Lopes, 1998).

Do ponto de vista formativo, há uma diferença entre o perfil dos acadêmicos da licenciatura em relação aos acadêmicos do bacharelado. Esta diferença, por sua vez, é direcionada por diferentes políticas públicas que tentam evidenciar o perfil de cada um desses profissionais.

A Figura 2, por sua vez, representa a referida dissonância.

Figura 2: Contrapontos entre licenciatura e bacharelado



Fonte: Autoria própria

⁴⁶ O termo “ator social” está sendo utilizado com o mesmo sentido atribuído por Latour (2012), quando compreende que o homem atua diretamente na construção do seu enredo, de maneira ativa, ainda que inconsciente.

A Figura 2 é constituída por dois polos, sendo o primeiro representado pela licenciatura e o segundo pelo bacharelado. Há, nesse sentido, uma indicação contrária ao caminho indicado pelas setas, o que sugere uma dissonância de formação.

No que compete ao acadêmico do bacharelado, é pertinente ressaltar a preocupação com o saber técnico da profissão com forte tendência associativa com domínios de atuação profissional de natureza não escolar. Com isso, o foco é na formação de um acadêmico com saberes mais voltados a domínios sociais fora da ótica do ensino e da aprendizagem educacional (Pereira; Silva, 2013).

Por outro lado, a licenciatura, também conhecida como curso de formação de professor, apresenta outras características. Entre elas, é possível mencionar a preocupação com a atuação em ambientes voltados à educação formal e informal, além de componentes curriculares que forte tendência didático-metodológica em diversas áreas do saber humano. Dessa maneira, as licenciaturas apresentam um perfil específico de formação inicial, a qual caracteriza-se pelo seu foco na problematização de situações voltadas ao contexto de ensino e aprendizagem, bem como à construção de objetos de ensino (Pereira, 2014).

Assim, as licenciaturas demandam um olhar específico ao acadêmico que deseja desenvolver uma carreira voltada ao magistério em diferentes níveis da educação. Com isso, devemos levar em consideração a formação de um profissional que tenha condições de mobilizar diferentes saberes humanos na compreensão de fenômenos ligados ao ensino e aprendizagem.

Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos uma discussão teórica acerca da natureza indisciplinar da formação inicial de professores, entendendo-a como um fenômeno contínuo. Para isso, entendemos que a LA pode nos ajudar a compreender este fenômeno dada a maneira com a qual concebe a construção do perfil profissional docente.

Diante disso, é pertinente retomar ao problema de pesquisa proposto na Introdução deste trabalho, o qual propõe a seguinte indagação: *O que revela a natureza indisciplinar da formação inicial de professores?*

A referida pergunta norteadora foi devidamente respondida no decorrer deste trabalho, o que nos leva a fazer as seguintes ponderações: i) a formação docente é um percurso e não um produto, o que colabora para a existência de um professor reflexivo; e ii) considerando a interface entre Educação e Psicanálise, a formação inicial do professor deve ser vista também como um momento que deve propiciar o exercício do autoconhecimento, pois saber identificar suas próprias limitações pode colaborar para que o profissional do magistério tenha condições de melhorar o seu trabalho constantemente.

Referências

- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- COHEN, R. H. P. **A Lógica do Fracasso Escolar**: psicanálise e educação. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.
- DINIZ-PEREIRA, J. E. A Construção do Campo da Pesquisa sobre Formação de Professores. **Revista da FAEBA**: Educação e contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 145-154, jul./dez. 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTE, M. (orgs). **Linguística Aplicada**: Suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2013.
- LATOURE, B. **Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador/BA: EDUSC, 2012.
- LOPES, E. M. T. (Org.). **A Psicanálise Escuta a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- MAGALHÃES, I. (org). **Discursos e Práticas de Letramento: Pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012.
- MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In.: MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.
- PEREIRA, B. G. Evolution of Applied Linguistics in Brazil. **Revista São Luis Orione**, v. 4, p. 5-15, 2017.
- PEREIRA, B. G. **Relocalização de Saberes Acadêmicos na Construção de Vozes de Professores em Formação Inicial na Escrita Acadêmica Convencional e Reflexiva**. 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.
- PEREIRA, B. G. **Autorrepresentações de Alunos-Mestre em Licenciaturas Paraenses: Um estudo sistêmico-funcional**. Pará de Minas: Editora Virtual Books, 2014.
- PEREIRA, B. G.; SILVA, W. R. Letramento Acadêmico no Estágio Supervisionado da Licenciatura. **Raído**, Dourados: Editora da UFGD, v.7, n.13, p. 37 - 60 jan./jun. 2013.
- PEREIRA, M. R. (Org.). **A Psicanálise Escuta a Educação 10 Anos Depois**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- PINHO, M. J.; SUANNO, M. V. R.; SUANNO, J. H. (orgs). **Formação de Professores e Interdisciplinaridade: Diálogo investigativo em construção**. Goiânia: América, 2013.
- SILVA, W. R. (org). **Letramento do Professor em Formação Inicial: Interdisciplinaridade no estágio supervisionado da licenciatura**. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2012.
- TAVARES, E. **Práticas de Escrita Escolar Propostas na Formação Inicial de Professores de Diferentes Licenciaturas: Investigando relatórios de estágio e diretrizes curriculares oficiais**. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2011.
- ZEICHNER, K. M. Uma Análise Crítica sobre a Reflexão como Conceito Estruturante na Formação Docente. **Revista Educação e Sociologia**, Nº 103, v. 29, p. 535-554. 2008.

LETRAMENTO DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO INICIAL: ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

Jessyca Silva Mota da Silva⁴⁷

Jeconias da Silva⁴⁸

Bruno Gomes Pereira⁴⁹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo problematizar aspectos teóricos que versam sobre o letramento do professor em formação inicial. A fundamentação teórica está alojada no campo indisciplinar dos estudos da linguagem, considerando a sua larga literatura acadêmica no que compete ao processo de ensino e aprendizagem, bem como aos aspectos formativos do docente. A metodologia é de natureza bibliográfica, considerando, portanto, diferentes olhares sobre os conceitos de letramento mobilizados neste artigo. A pesquisa revela a importância de se introduzir práticas de letramento na formação inicial do professor, uma vez que tal iniciativa pode colaborar diretamente para a formação de um profissional da educação mais crítico e reflexivo.

Palavras-chave: Educação. Linguística Aplicada. Professor reflexivo.

Abstract

This work aims to problematize theoretical aspects that deal with the literacy of teachers in initial training. The theoretical foundation is housed in the non-disciplinary field of language studies, considering its large academic literature regarding the teaching and learning process, as well as the teacher's training aspects. The methodology is bibliographic in nature, therefore considering different perspectives on the literacy concepts mobilized in this article. The research reveals the importance of introducing literacy practices in initial teacher training, since such an initiative can directly contribute to the formation of a more critical and reflective education professional.

Keywords: Education. Applied Linguistics. Reflective teacher.

Introdução

Falar sobre formação inicial do professor é, na verdade, um convite para se repensar vários aspectos presentes no percurso formativo das licenciaturas. Estas, por sua vez, devem ser compreendidas como fases específicas e essenciais ao profissional do magistério que terá a educação como ferramenta de transformação do mundo (Silva, 2014; Silva, 2012).

⁴⁷ Especialista em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). E-mail: j.svca@hotmail.com.

⁴⁸ Especialista em Gestão Escolar: Administração, Supervisão e Orientação Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). E-mail: jeconias.silva@hotmail.com.

⁴⁹ Pós-Doutorando pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente/Pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). Docente da Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN), do Centro Universitário Anhanguera de Santo André (AMPLI) e da Faculdade Ana Carolina Puga (FAPUGA). E-mail: brunogomespereira_30@hotmail.com.

Diante disso, emergem situações em que a prática do letramento na formação inicial do professor deve ser levada em consideração não como conteúdo, conforme é possível ver em grande parte das políticas curriculares, mas sim como exercício profissional. Assim, pensar os anos iniciais do professor em formação em um curso de licenciatura é, portanto, algo desafiador (Pereira; Santos; Rodrigues, 2023; Pereira; Santos; Rodrigues; Ferreira, 2023).

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é problematizar aspectos teóricos que versam sobre o letramento do professor em formação inicial. Isso porque é necessário redirecionar as discussões sobre formação inicial nas licenciaturas enquanto uma prática de letramento, já que tem relação direta com aspectos críticos do dito professor reflexivo (Pereira, 2023; Pereira, 2022).

A fundamentação teórica está alojada no campo indisciplinar dos estudos da linguagem, considerando a sua larga literatura acadêmica no que compete ao processo de ensino e aprendizagem, bem como aos aspectos formativos do docente. Assim, a Linguística Aplicada (LA) passa a ser vista como perspectiva filosófica para o entendimento dos mecanismos da linguagem no contexto da formação docente. Em outras palavras, a LA com articulação direta com os estudos da educação enquanto Ciências Humanas (Reichmann, 2012; Signorini, 1998).

A metodologia é de natureza bibliográfica, considerando, portanto, diferentes olhares sobre os conceitos de letramento mobilizados neste artigo. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica passa a ser pensada como algo sistematizado, partindo do princípio de que a escolha dos textos acadêmico-científicos não pode ser feita de maneira aleatória (Lakatos; Marconi, 2013).

A pesquisa revela a importância de se introduzir práticas de letramento na formação inicial do professor, uma vez que tal iniciativa pode colaborar diretamente para a formação de um profissional da educação mais crítico e reflexivo. Assim, esperamos novas discussões que possam nos ajudar a pensar nas especificidades desta fase do conhecimento profissional.

Além desta *Introdução* e das *Referências*, este artigo também é constituído pelas seguintes seções: *Letramento na formação inicial do professor* e as *Considerações Finais*.

Letramento na Formação Inicial do Professor

Nesta seção, apresentamos a construção do perfil teórico deste trabalho. Para tanto, manipulamos autores que atuam na interface entre LA e estudos da educação, com o intuito de problematizarmos as discussões no campo das investigações acadêmicas. Assim, optamos por uma revisão de literatura de natureza indisciplinar, considerando a necessidade de se observar o mesmo fenômeno social sob diferentes perspectivas.

A priori, é válido pontuarmos o sentido que estamos atribuindo ao termo “letramento”. Criado para diferenciar a alfabetização das demais práticas de leitura e escrita, a definição de letramento que assumimos aqui parte das colaborações de Street (1984), quando afirma que as práticas de letramento auxiliam no processo de entendimento e significação do mundo e das coisas que a ele se articulam. Nesse sentido, trata-se de um exercício da prática social em seus diversos contextos.

Dessa forma, estamos entendendo que o letramento é, na verdade, uma prática inerente ao ser humano, considerando que o homem, por excelência, constrói sentidos a partir da tentativa de interação. No entanto, há de se levar em consideração que é necessário pensar nas relações sociais como algo complexo, o que demanda conhecimentos diversos para a construção dos sentidos (Street, 2012; Street, 1984).

Assim, o letramento do professor em formação pode ser entendido como toda a rede de saberes que se articulam e, com isso, colaboram para a formação de um profissional da educação mais crítico e reflexivo. Assim, pensar no letramento enquanto prática no contexto das licenciaturas demanda uma visão indisciplinar, atuante na construção de um docente com capacidade de autoavaliação e recomposição da sua prática pedagógica. Disso, por exemplo, decorrem a construção de objetos de ensino, bem como a percepção analítica da sala de aula enquanto espaço de aprendizagem (Kleiman; Santos, 2012; Rojo, 1998).

A Figura 1 ilustra a evolução da prática pedagógica do professor como agente de letramento.

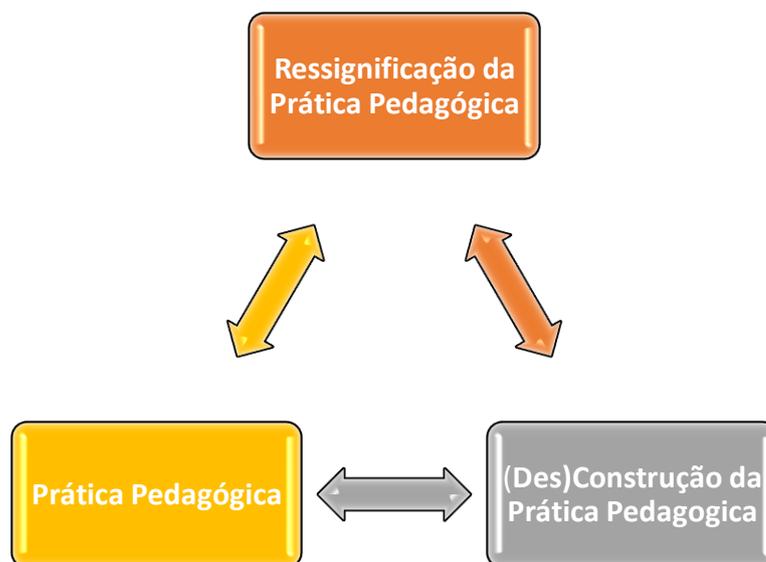


Figura 1: Evolução da prática pedagógica do professor como agente de letramento
Fonte: Pereira (2016, p. 131)

A Figura 1, retirada do trabalho de Pereira (2016), é constituída por três instâncias, a saber: resignificação da prática pedagógica, (des) construção da prática pedagógica e prática pedagógica. Tais partes, assim como indicam as setinhas, são indissociáveis, portanto, cíclicas.

Quando pensamos que o letramento na formação inicial do professor deve ser visto como algo contínuo, rompemos a ideia de letramento enquanto “coisa” ou “objeto” e passamos a identificá-lo como parte constituinte das práticas sociais. Logo, um exercício basilar à ampliação do pensamento crítico (Pereira, 2016; Signorini, 1998).

O aspecto pedagógico, previsto nas três instâncias da figura, nos remonta à necessidade de discussão de questões didáticas no contexto das licenciaturas. Isso porque estas, por sua vez, representam um agrupamento de cursos universitários em que o foco reside justamente na formação docente, ainda que não seja esta a pretensão de quem ingressa (Pereira, 2023; Pereira, 2016).

Nesse sentido, apresentamos a Figura 2, a qual ilustra os modelos de letramento mais frequentes na literatura especializada.

Figura 2: Modelos de Letramento



Fonte: Adaptado de Lea e Street (2014 apud Pereira, 2016, p. 132)

A Figura 2 é uma adaptação das teorias de Lea e Street (2014) proposta por Pereira (2016). Nesta representação, é possível perceber três esferas, que apontam para perspectivas de competências a serem desenvolvidas a partir do letramento, a saber: letramento acadêmico, socialização acadêmica e habilidades estudadas. Assim como a figura anterior, há um movimento de interdependência entre estas esferas, o que nos ajuda a retomar o olhar cíclico das práticas de letramento.

Dessa forma, os três modelos de letramento não podem ser entendidos como algo estanque, já que são, na verdade, complementares. Isso porque, quando pensamos em letramento, o processo de interação não deve ser suposto de maneira fragmentada, uma vez que as relações estabelecidas pelo homem são sistêmicas. Logo, os modelos previstos na figura devem representar também a relação com o professor em formação inicial de maneira sistematizada, o que revela diferentes perspectivas de investigação (Lea; Street, 2014).

Não é nossa intenção fazer neste trabalho uma explanação exaustiva acerca dos modelos de letramento previstos na Figura 2, embora isso seja importante para outros momentos da discussão acerca da referida temática. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Pereira, Santos e Rodrigues (2023), Lea e Street (2014) e Kleiman (2014).

Em síntese, o letramento na formação inicial do professor é um assunto latente nas rodas de debate acadêmico. No entanto, ainda falta bastante para avançarmos nesta discussão. É importante, nesse caso, que as práticas de letramento no contexto das licenciaturas possam ser mais frequentes e que a natureza crítica do universitário tenha maiores condições de ser efetivada.

Considerações Finais

Nesta seção, apresentamos as considerações finais deste artigo. Para tanto, retomamos ao objetivo de pesquisa, contido na Introdução deste trabalho, o qual faz o seguinte convite: *problematizar aspectos teóricos que versam sobre o letramento do professor em formação inicial*.

Entendemos que o objetivo acima mencionado foi devidamente contemplado neste artigo, considerando a discussão feita a partir da confluência teórica aqui proposta. Com isso, o sentido de letramento enquanto prática social foi fundido aos aspectos específicos da formação inicial docente, com vistas a identificar interfaces com a formação do professor reflexivo, bastante problematizada no campo da educação.

A pesquisa revelou que o acadêmico da licenciatura deve ter condições de exercitar seu pensamento crítico, partindo do princípio de que projeções autoavaliativas são fundamentais para o futuro profissional do magistério. Isso, por sua vez, é um dos principais fatores que diferenciam as licenciaturas dos bacharelados, por exemplo, conforme as políticas públicas curriculares no Brasil.

Em suma, esperamos que este trabalho incentive a discussão sobre letramento na formação inicial do professor, com vistas a formar um docente mais consciente das suas escolhas didáticas e pedagógicas.

Referências

- KLEIMAN, A. B. Letramento na Contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, Nº 9, v. 2, p. 72-91, Ago./Dez. 2014.
- KLEIMAN, A. B.; SANTOS, C. B. dos. Estudos de Letramento do Professor: Percursos metodológicos. In.: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (orgs). **Visibilizar a Linguística Aplicada: Abordagens teóricas e metodológicas**. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 183-204.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2013.
- LEA, M. R.; STREET, B. O Modelo de “Letramentos Acadêmicos”: Teoria e aplicações. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, n. 2, v. 16, p. 477-493, jul./dez. 2014.
- PEREIRA, B. G. Relocalização e Letramento na Produção da Escrita Acadêmica: Uma Pesquisa em Linguística Aplicada. **Temática** - Revista eletrônica de publicação mensal, v. 5, p. 106-120, 2023.
- PEREIRA, B. G. Vozes Sociais e Letramento na Escrita Acadêmica: Percepções Linguístico-Discursivas. **Ícone: Revista de Letras**, v. 22, p. 45-59, 2022.
- PEREIRA, B. G. **Relocalização de Saberes Acadêmicos na Construção de Vozes de Professores em Formação Inicial na Escrita Acadêmica Convencional e Reflexiva**. 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.

- PEREIRA, B. G.; SANTOS, D. M.; RODRIGUES, F. N. P. Letramento acadêmico na formação de professores de pedagogia: representação do perfil profissional do aluno-mestre. **Revista Querubim**, v. 45, p. 142-147, 2023.
- PEREIRA, B. G.; SANTOS, D. M.; RODRIGUES, F. N. P.; FERREIRA, I. S. Concepções sobre letramento acadêmico na formação do professor: algumas palavras. **Revista Querubim**, v. 45, p. 148-154, 2023.
- REICHMANN, C. L. Práticas de Letramento Docente no Estágio Supervisionado de Letras Estrangeiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, n. 4, p. 933-954, 2012.
- ROJO, R. Reflexões sobre o Processo de Aquisição da Escrita. In.: ROJO, R. (org). **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. P. 87-120.
- SIGNORINI, I. Do Residual ao Múltiplo e ao Complexo: O objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In.: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.
- SILVA, W. R. **Reflexão pela Escrita no Estágio Supervisionado da Licenciatura: Pesquisa em Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2014.
- SILVA, W. R. Estudos do Letramento do Professor em Formação Inicial nos Estágios Supervisionados das Licenciaturas. In.: SILVA, W. R. (org). **Letramento do Professor em Formação Inicial: Interdisciplinaridade no estágio supervisionado da licenciatura**. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2012, p. 27-52.
- STREET, B. V. Eventos de Letramento e Práticas de Letramento: Teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In.: MAGALHÃES, I. (org). **Discursos e Práticas de Letramento: Pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012, p. 69-93.
- STREET, B. V. **Literacy in the Theory and Practice**. Cambridge University Press, 1984.

EDUCAÇÃO CORPORATIVA E INOVAÇÃO NA QUALIDADE DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS: UM ESTUDO DE CASO EM UMA AUTOPEÇAS EM PORTO NACIONAL-TO

Maicon Gomes Vilarinho⁵⁰

Flavio Augustus da Mota Pacheco⁵¹

Stefanny Suzerainny Lopes Souto Pereira⁵²

Vanderli Mendonça Júnior⁵³

Bruno Gomes Pereira⁵⁴

Resumo

O trabalho tem por objetivo, investigar o nível de qualidade na prestação de serviços em uma empresa de autopeças na cidade de Porto Nacional - TO, explorando a presença e o impacto da inovação nos processos e práticas relacionadas aos serviços oferecidos. Para tanto a metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica em revistas, artigos, teses e trabalhos já publicados sobre a temática e uma pesquisa de campo quantitativa para através de um questionário verificar a percepção da qualidade de serviços. Neste estudo, as amostras de cada levantamento foram compostas de 60 clientes de serviços das autopeças. O desenvolvimento da fundamentação teórica possibilitou tornar os assuntos tratados mais claros, referentes à escala Servqual. Este modelo de pesquisa é utilizado para avaliar a qualidade dos serviços prestados por uma determinada empresa. Baseado nos resultados da pesquisa foi possível verificar o nível de satisfação de clientes e permitiu conhecer o perfil dos seus clientes.

Palavras-chave: Servqual. Inovação. Qualidade de Serviços. Atendimento. Autopeças.

Abstract

The objective of the work is to investigate the level of quality in the provision of services in an auto parts company in the city of Porto Nacional - TO, exploring the presence and impact of innovation in the processes and practices related to the services offered. For this purpose, the methodology used was a bibliographical research in magazines, articles, theses and works already published on the subject and a quantitative field research to, through a questionnaire, verify the perception of the quality of services. In this study, the samples for each survey were made up of 60 auto parts service customers. The development of the theoretical foundation made it possible to make the topics covered clearer, referring to the Servqual scale. This research model is used to evaluate the quality of services provided by a given company. Based on the survey results, it was possible to verify the level of customer satisfaction and allowed us to understand the profile of our customers.

Keywords: Servqual. Innovation. Quality of Services. Service. Auto parts.

⁵⁰ Bacharel em administração. maicon.vilarinho@gmail.com

⁵¹ Pós-Doutor em Inovação (UFT). Doutor em Administração (UPM), Mestre em Administração (FACECA). Docente e pesquisador na Universidade Federal do Tocantins no curso Bacharel em Administração, e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Administração Pública-PROFIAP. flavio.pacheco@uft.edu.br

⁵² Pós Graduação – MBA em Marketing Estratégico pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduação em Bacharel de Administração pelo Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto LTDA – Afya. E- mail: adm_stefysuzerainny@outlook.com

⁵³ Mestrando - Mestrando em Administração Pública pela Universidade Federal do Tocantins (PROFIAP) - UFT. Especialização- Gestão Fiscal e Tributária - Estácio. Graduação em Bacharel de Administração pelo Instituto Tocantinense Professor Antônio Carlos Porto LTDA- Afya. E-mail: vanderlimj@icloud.com

⁵⁴ Pós-Doutorando pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente e Pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). Docente da Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN) e do Centro Universitário Anhanguera de Santo André (AMPLI). E-mail: b.gomes@kroton.com.br

Introdução

Semanalmente milhões de veículos de diversas marcas são vendidos no mundo. Isso faz da indústria automobilística uma das principais engrenagens da economia mundial. Nesse mercado, as oficinas mecânicas desempenham um papel de grande importância.

Conforme Eleutério (2002), o crescimento do setor de serviços tem evidenciado a importância de as empresas dedicarem maior atenção à qualidade com que seus serviços são prestados. Nesse sentido pode-se entender que se faz necessário para uma empresa que presta serviços mecânicos se adaptar as mudanças impostas pelo mercado.

A prestação de serviços por ser uma atividade em que o produto principal é fruto de um contato direto com o cliente, haja vista que a venda de peças e demais subsídios seja também de grande relevância. A excelência no contato com esse cliente será sempre um fator crítico para o sucesso da empresa, que estando preparada de maneira técnica e principalmente cultural para aplicar novas ideias e ferramentas, que possibilitem um enfoque na qualidade total, poderá aumentar sua receita e fidelizar seus clientes.

A inovação na qualidade de serviços desempenha um papel central na estratégia competitiva das empresas modernas. A qualidade na prestação de serviços visa o alcance da satisfação do cliente através de um processo de melhoria contínua dos serviços gerados pela empresa. A qualidade total tem como necessidade a participação de todos os membros da empresa, incluindo supervisores, gerentes, trabalhadores e seus executivos, na busca do objetivo de melhoria contínua dos produtos e serviços.

Diante do exposto questiona-se: Como a inovação está influenciando o nível de qualidade na prestação de serviços em uma empresa de autopeças na cidade de Porto Nacional - TO?

Para responder tal questionamento, este trabalho tem por objetivo: Investigar o nível de qualidade na prestação de serviços em uma empresa de autopeças na cidade de Porto Nacional - TO, explorando especialmente a presença e o impacto da inovação nos processos e práticas relacionadas aos serviços oferecidos.

Relação entre Inovação e Gestão da Qualidade

A inovação, é um termo muito utilizado no meio das empresas e do meio acadêmico, tem sido alvo de diversas análises e discussões na atualidade. Em sua essência, a inovação está relacionada à criação ou à introdução de algo inédito ou consideravelmente aprimorado, seja em produtos, processos, serviços ou formas de negócios. No entanto, sua compreensão vai além dessa explicação simples e engloba uma diversidade de ideias interligadas que influenciam nossa percepção do ato inovador.

De acordo com Schumpeter (1984), renomado economista do século XX, a inovação é essencial para impulsionar o crescimento econômico, sendo definida como "a implementação de novos produtos, novas técnicas de fabricação e distribuição, novos mercados e novas estruturas organizacionais na indústria". Essa afirmação destaca o caráter revolucionário da inovação, que não apenas gera valor, mas também reorganiza e modifica os mercados já estabelecidos.

Dentro do ambiente corporativo, a busca pela excelência nos serviços envolve diferentes ações, que vão desde a otimização de procedimentos internos até a criação de abordagens inovadoras para a prestação de serviços, com foco na personalização (Sanjay, 2011).

Todavia, a inovação na prestação de serviços também requer o estabelecimento de uma cultura empresarial focada na excelência e no aprimoramento constante. Organizações que estimulam a inovação, o desenvolvimento de habilidades e a cooperação entre os times estão mais preparadas para se ajustar às transformações do mercado e vencer os obstáculos que surgem.

A gestão da qualidade passa a ser uma prática constante nas empresas que optam por esse modelo de organização, da produção. Como princípios básicos da gestão da qualidade há a filosofia da melhoria contínua, identificação e eliminação dos erros, focos nos processos, entendimento das necessidades dos clientes internos e externos, cooperação dos trabalhadores, cultura de aprendizagem, uso de métodos e técnicas estatísticas como instrumentos de mensuração de resultados.

Segundo Lacerda (2015), o avanço do transporte e do comércio trouxe a possibilidade de os clientes fazerem comparações e, foi a partir daí que o conceito de qualidade de produtos tangíveis e intangíveis começou a se firmar. Pois, antes não havia produtos e serviços substitutos, o que impossibilitava comparações.

Já nos anos de 1980, os clientes estavam tornando-se cada vez mais críticos e exigentes em relação aos produtos adquiridos, pois, nessa época, o mercado estava expandindo e tornando-se cada vez mais competitivo, proporcionando clientes mais seletivos. Então, essa década foi marcada pela preocupação das empresas em relação à qualidade de seus produtos (Duarte, 2008).

Lacerda (2015), diz que no século XX, para impedir que produtos defeituosos chegassem às mãos dos clientes, a qualidade começou a ser incorporada à produção industrial. Para atender de forma mais segura, os mercados em crescimento foram sendo introduzidas técnicas de controle estatístico de qualidade, de acordo com ampliação da produção em massa. Esta abordagem foi denominada Controle da Qualidade. E após a segunda guerra mundial a qualidade começou a ser aplicada nos processos de produção, englobando desde o projeto até o acabamento, visando a segurança e o alcance de zero defeito.

Segundo Juran e Gryna (1991), embora a palavra qualidade possua várias interpretações, é conveniente destacar dois significados importantes: a qualidade consiste nas características de produtos que atendem as necessidades dos clientes, proporcionando satisfação e a qualidade é a ausência de deficiências.

A qualidade como adequação ao uso deve ser conceituada a partir do usuário, e ser vista de maneira global e holística em todos os aspectos do gerenciamento em uma organização.

Segundo Las Casas (2010), relata que a qualidade de uma prestação de serviço é percebida através de um cliente satisfeito com os serviços oferecidos a ele, por isso a qualidade em serviço está ligada à satisfação. Então, a empresa deve ter o cuidado de planejar os serviços oferecidos, para disponibilizar um serviço bem feito e gerar satisfação dos clientes. Através disso, os clientes voltarão a comprar e ainda indicarão terceiros, fazendo com que a demanda e os lucros aumentem.

Metodologia

O tipo de pesquisa utilizado é pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica para criar um suporte teórico. De acordo com Gil (2009), a pesquisa bibliográfica é utilizada para a criação de opinião científica por parte do pesquisador. E segundo com Marconi e Lakatos (2013), a pesquisa quantitativa é aquela que supõe contato direto com o ambiente e situação que se está investigando e envolve a obtenção de dados descritivos.

Quanto a bibliográfica trata-se de pesquisas em bibliografias já publicadas em revistas, artigos na internet, livros, imprensa escrita. De acordo com Marconi e Lakatos (2013), a pesquisa bibliográfica é considerada o primeiro passo de uma pesquisa científica.

Referente aos objetivos a pesquisa se classificará como descritiva. O objetivo da pesquisa descritiva é obter informações sobre uma população. Para Vergara (2010) a pesquisa descritiva pode esclarecer relações entre variáveis e definir sua natureza. As pesquisas descritivas apresentam as características de determinada população ou fenômeno. Por exemplo, a distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental entre outras.

Quanto aos procedimentos técnicos o estudo se classificará como pesquisa de campo. A pesquisa de campo segundo Marconi e Lakatos (2013) é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e conhecimentos sobre um problema, para o qual se busca uma resposta.

É uma pesquisa de campo porque coleta dados primários na organização objeto de estudo. Para Gil (2009), o estudo de campo procura o aprofundamento das questões propostas, focalizando uma comunidade, que pode ser de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Na pesquisa de campo, é enfatizada a importância de o pesquisador ter uma experiência direta com a situação de estudo.

O instrumento para coleta de dados foi através de um questionário validado e previamente estruturado com perguntas claras e objetivas. Os questionários e resultados obtidos estão representados por números, quadros e gráficos, realizando-se uma interpretação com qualificação dos resultados.

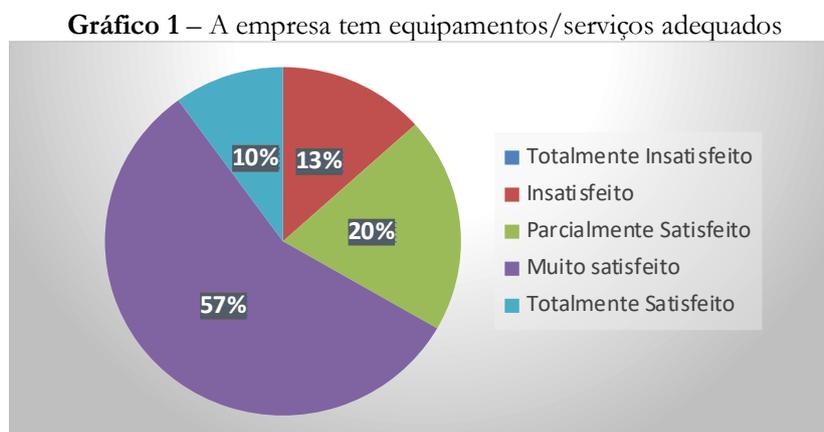
Aplicado o questionário e obtido os dados necessários para dar continuidade à pesquisa faz-se necessário a análise e compreensão desses dados de forma mais realista possível. Após a coleta dos dados, foi realizada a contagem das respostas para cada relação investigada, e os resultados foram representados em gráficos Excel, analisados e devidamente fundamentados.

Resultados e Discussão

Este capítulo apresenta os resultados obtidos na pesquisa que foi realizada junto aos clientes de uma empresa de autopeças na cidade de Porto Nacional, Tocantins sobre a qualidade de serviços prestados. O questionário foi aplicado usando a tabela SERVQUAL, sendo composto por cinco itens com alternativas perfazendo um total de 24 perguntas fechadas e o perfil do entrevistado para 60 (sessenta) clientes da autopeça, objeto de estudo.

➤ TANGIBILIDADE

No gráfico 1, apresenta se a empresa tem equipamentos e serviços adequados, 57% dos entrevistados estavam muito satisfeitos, 20% parcialmente satisfeito, 13% insatisfeitos e 10% totalmente satisfeito, não teve pontuação para totalmente insatisfeito.



Fonte: Da pesquisa (2020)

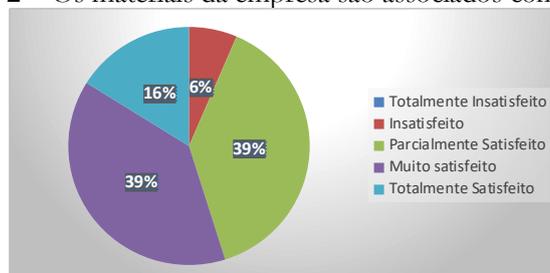
Para competir em tempo real é preciso dotar a empresa de meios que permitam conhecer e relacionar-se com seus clientes de forma mais produtiva, utilizando equipamentos e serviços adequados (Bretzke, 2010). Mesmo que os clientes não percebam a utilização desses equipamentos eles são necessários para agilizar o processo de atendimento.

Quando se trata de automóveis a maioria dos clientes praticamente tem uma necessidade quase emergencial para que o serviço seja prestado, pelo fato que muitos utilizam o veículo para trabalhar, transportar a família e na maioria das vezes essas ações não podem esperar muito tempo.

Logo a empresa deve ser ágil o suficiente para atingir essa expectativa, mas também levando em conta que o excesso de pressa para terminar o serviço pode causar mais erros e diminuir a segurança do cliente, o que seria identificado como um grande fator de risco.

Em relação ao gráfico 2, em relação aos materiais da empresa se são associados com o serviço, 39% estão muito satisfeitos, 39% parcialmente satisfeito, 16% totalmente satisfeito e 6% insatisfeito.

Gráfico 2 – Os materiais da empresa são associados com o serviço



Fonte: Da pesquisa (2020)

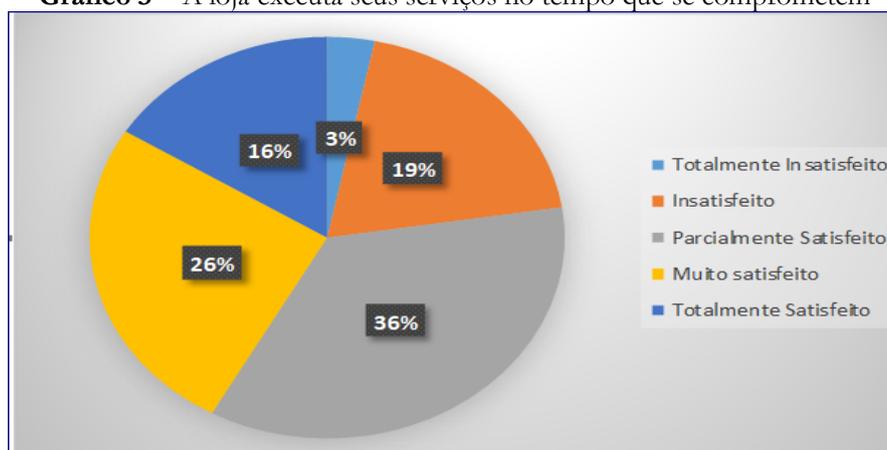
Segundo Zeithaml e Bitner (2013), os processos, mecanismos e o roteiro operacional dos serviços são os meios através do qual o serviço será executado. Como alguns serviços são mais complexos que outros naturalmente seguirão processos e mecanismos diferentes.

Para a realização dos serviços é necessário a utilização de ferramentas adequadas além da agilidade no serviço, essas ferramentas proporcionam maior segurança e confiabilidade.

➤ CONFIABILIDADE

Conforme o gráfico 3, apresenta 36% parcialmente satisfeito, 26% muito satisfeito, 19% insatisfeito, 16% totalmente satisfeito e 3% totalmente insatisfeito. Esses dados demonstram que os clientes que responderam o questionário estão satisfeitos.

Gráfico 3 – A loja executa seus serviços no tempo que se comprometem



Fonte: Da pesquisa (2020)

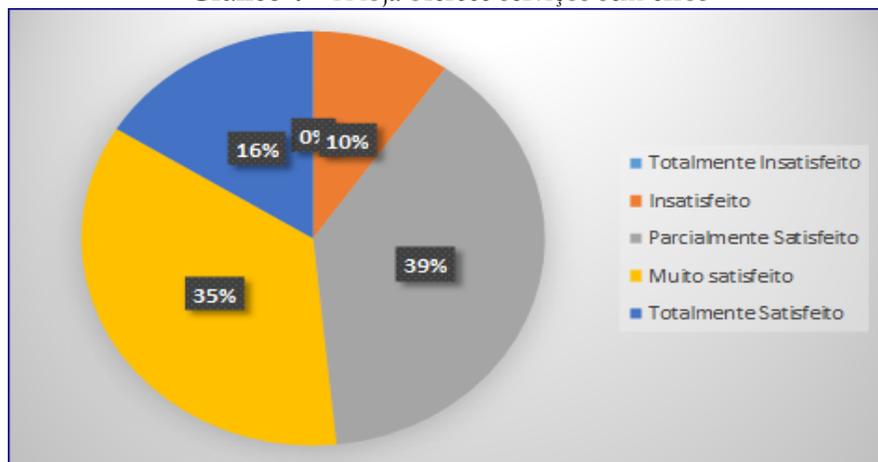
O resultado demonstra que a maioria dos respondentes teve uma boa experiência quanto ao tempo de espera para ser atendido no estabelecimento e aos serviços no tempo em que se comprometem visto que os quesitos muito satisfeito e parcialmente satisfeito totalizam 62% da avaliação total.

Nos dias atuais os consumidores estão preocupados com o tempo gasto na solução dos problemas. Limeira (2008), afirma que os fatores que influenciam o comportamento do consumidor são as condições circunstanciais e momentâneas como sua disponibilidade de tempo e as características do ambiente físico de loja.

O cumprimento com os prazos acordados faz com que o cliente se sinta satisfeito com a compra. Mas, o atraso pode ocasionar uma perda de clientes e denegrir a imagem da empresa.

Pode-se perceber no gráfico 4, os dados demonstram 39% parcialmente satisfeito, 35% muito satisfeito, 16% totalmente satisfeito e 10% insatisfeito em relação a oferecer serviços sem erros e resolver todos os problemas quanto aos produtos oferecidos satisfazendo assim seus clientes.

Gráfico 4 – A loja oferece serviços sem erros



Fonte: Da pesquisa (2020)

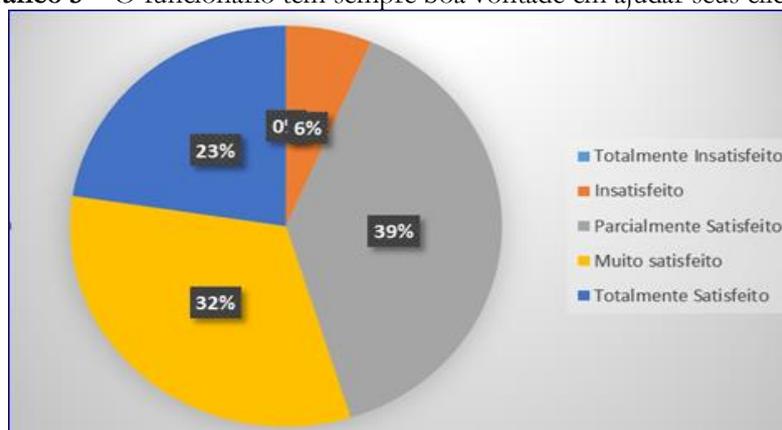
Segundo Lamb Júnior (2014), que a satisfação do cliente é a percepção de que o produto atende a todas as expectativas dos consumidores.

Mencionaram que a loja oferece serviço sem erros, e isso mantém o cliente satisfeito é tão importante quanto conquistar novos clientes e o custo para organização de manter um cliente é significativamente menor.

➤ RECEPTIVIDADE

Com relação a boa vontade em ajudar seus clientes. No gráfico 5, 39% parcialmente satisfeito, 32% muito satisfeito, 23% totalmente satisfeito, 6% insatisfeito.

Gráfico 5 – O funcionário tem sempre boa vontade em ajudar seus clientes



Fonte: Da pesquisa (2020)

Freemantle (2011) diz que o cliente é a pessoa com quem você está tratando no momento e a quem você está tentando ajudar. Por isso, deve-se dar maior atenção possível ao cliente. Os funcionários da empresa quando não estão disponíveis pedem por gentileza que aguardem caso possam atendê-lo em poucos minutos, mas se for demorar dizem que entram contato para sanar dúvidas.

O gráfico 6 representa dados sobre o tempo dos funcionários em esclarecer dúvidas dos seus clientes. Na pesquisa, os clientes 39% parcialmente satisfeito, 36% muito satisfeito, 19% totalmente satisfeito e 6% insatisfeito.

Na visão dos funcionários a loja atende as necessidades dos clientes prestando um serviço de qualidade, agilidade e sempre trabalhando de forma a entender os passos dos serviços até a conclusão.

Considerações Finais

A competitividade do mercado aumenta a cada instante, surgindo à necessidade das empresas em atrair e tentar manter a fidelidade dos seus clientes, e para alcançar estes objetivos, as empresas utilizam-se da qualidade do serviço.

O estudo teve por objetivo, investigar o nível de qualidade na prestação de serviços em uma empresa de autopeças na cidade de Porto Nacional - TO, explorando a presença e o impacto da inovação nos processos e práticas relacionadas aos serviços oferecidos. Percebe-se, portanto, a importância de se levantar as informações da qualidade de serviços prestados para tomada de decisões. O desenvolvimento da fundamentação teórica possibilitou tornar os assuntos tratados mais claros, referentes à escala SERVQUAL, como tangibilidade, confiabilidade, receptividade, segurança e empatia, sendo utilizadas citações em diversos momentos no trabalho para maior consistência no tema tratado.

Este modelo de pesquisa é utilizado para avaliar a qualidade dos serviços prestados por uma determinada empresa. Baseado nos resultados da pesquisa foi possível verificar o nível de satisfação de clientes e permitiu conhecer o perfil dos seus clientes. No total da escala, o nível de clientes satisfeitos alcançou o nível de 88% (oitenta e oito por cento).

Considerando os efeitos obtidos neste trabalho, sugere-se que a empresa mantenha a verificação constante do nível de satisfação de seus clientes com objetivo de acompanhar as eventuais mudanças em seu perfil.

Referências

- BRETZKE, M. **Marketing de Relacionamento e Competição em Tempo Real**. 1ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- DUARTE, C. C. C. P. **Avaliação da qualidade percebida em serviços: aplicação da escala SERVQUAL em uma empresa brasileira de telefonia**. Dissertação de Mestrado Profissionalizante. Rio de Janeiro: Curso de Administração Geral. Faculdade de Economia e Finanças IBMEC, 2008.
- FREEMANTLE, D. **Incrível atendimento ao cliente**. São Paulo: Makron Books, 2011
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- LACERDA, F. A. de B. **Gestão da qualidade: fundamentos da excelência**. Brasília: SEBRAE, 2015.
- LAMB JUNIOR, T. Y. M. Optimisation of performance management for housing services. **Journal of Facilities Management**, v. 6, n. 3, p. 226-240, 2014.
- LAS CASAS. **Marketing de Serviços**. 5. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.
- LIMEIRA, T. M. V. **Comportamento do consumidor brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2008.

- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.; **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013. 320 p., il.
- SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1984.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ZEITHAML, V.A.; BITNER, V.P. **Marketing de Serviços: a empresa com foco no cliente**. 2 eds. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013. 536 p.

FIGURAS DE LINGUAGEM E DISTRAÇÕES EM UMA TRADUÇÃO LOBATIANA

Pedro Albeirice da Rocha⁵⁵

Resumo

O escritor José Bento Monteiro Lobato é um tradutor muito importante, com uma abundante produção nesse campo. Ele traduziu cerca de cem livros a partir da língua inglesa, quase todos eles publicados pela Companhia Editora Nacional nos anos trinta do século passado. Lobato é um dos mais importantes escritores brasileiros. A maior parte de seus livros foi escrita para crianças. Este artigo tem por objetivo mostrar alguns exemplos do uso de figuras de linguagem e também algumas distrações observadas nos textos reescritos por Lobato em língua portuguesa a partir dos *Livros da Jângal* (1893-1894) e também do *Kim* (1901), ambas obras de Rudyard Kipling.

Palavras-chave: literatura; tradução; figuras de linguagem.

Abstract

The Brazilian writer José Bento Monteiro Lobato is a very important translator with an abundant production in this field. He translated about a hundred books from English language, almost all of them published by Companhia Editora Nacional in the thirties of last century. Lobato is one of the most important Brazilian writers. Most of his books were written for children. This article aims to show some examples of using figures of speech and also some distractions observed in Monteiro Lobato's texts rewritten in Portuguese Language from *The Jungle Books* (1893-1894) and also from *Kim* (1901), both Rudyard Kipling's books.

Keywords: literature; translation; figures of speech.

Resúmen

El escritor brasileño José Bento Monteiro Lobato es um traductor muy importante, con una abundante producción en esse oficio. Él ha traducido cerca de cien libros de la lengua inglesa, casi todos publicados por la Companhia Editora Nacional, en los años treinta del último siglo. Lobato es uno de los más importantes escritores brasileños. La más grande parte de sus libros fue escrita para niños. Este estudio tiene por ende mostrar algunos ejemplos del uso de figuras retóricas y también algunas distracciones observadas em los textos reescritos por Lobato em lengua portuguesa partiendo de los libros *The Jungle Books* (1893-1894) y *Kim* (1901), ambos obras de Rudyard Kipling.

Palabras clave: literatura; traducción; figuras del lenguaje.

⁵⁵ Prof. Dr. Em Letras - Universidade Federal do Norte do Tocantins

Introdução

O escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), além de escritor, empresário e publicista, também foi um fecundo tradutor. Ele, que frequentava a biblioteca do avô, o Visconde de Tremembé, desde menino, era grande adepto da leitura. Manteve, desde então, considerável contato com obras originais e em tradução, apreciando a leitura tanto em francês (obrigatório no ensino da época) quanto em inglês, idioma que seu espírito irrequieto logo o impeliu a aprender.

Neste breve artigo, serão apresentados comentários, em detalhe, de traduções realizadas por Lobato dos livros *The Jungle Book* (1893), *The Second Jungle Book* (1894) e *Kim* (1901). Essas traduções surgiram em volume pela Companhia Editora Nacional, nas seguintes datas: *O livro da jângal*, junção dos dois primeiros livros acima (1933) e *Kim* (1941).

Antes da apresentação dessas análises detalhadas, terá lugar um breve comentário sobre Monteiro Lobato tradutor.

Traduções lobatianas

O ofício, iniciou-o ele com intenção pecuniária já em Areias, onde foi promotor público, de 1907 a 1911. Nessa cidade, eternizada no livro *Cidades Mortas* (1919), o autor morou recém-casado e realizava traduções a partir de artigos do *Weekly Times*, trabalhos esses que, muitas vezes, ditava à esposa Purezinha. As traduções eram publicadas pelo jornal *O Estado de São Paulo*, como se percebe na carta a Rangel de 01/07/1909:

Tenho mandado uns artigos para *A Tribuna de Santos* e publicado n' *O Estado de São Paulo* umas traduções do *Weekly Times* – esse meu meio de neutralizar Areias. Leio o *Times* em Areias! Informo-me todas as semanas da saúde de Her Majesty. Quando encontro coisas muito interessante, traduzo-as e mando-as para o *Estado* e eles me pagam 10\$000. (LOBATO, 1972, p. 13)

As cartas a Godofredo Rangel, todas enfileiradas no livro *A barca de Gleyre* (inicialmente publicado em 1944), foram resultado de intensa correspondência que Lobato manteve com o escritor mineiro, seu colega na Faculdade de Direito em São Paulo, mas que se deslocou para o seu Estado natal, logo após a conclusão do curso. Foram quarenta anos de correspondência. Este livro é fundamental para conhecer fatos a respeito da atividade cultural que Lobato manteve durante toda sua vida adulta. Dentro dessa atividade, aparece o ofício de tradutor.

Lobato sempre defendeu a necessidade de traduções, pois era grande sua preocupação em trazer para o vernáculo a enorme quantidade de livros que somente uma elite intelectual conhecia. A população que não tinha acesso ao francês e ao inglês estava, nas primeiras décadas do século XX, condenada à ignorância. Quando muito, tinha acesso a obras traduzidas num português lusitano, de difícil entendimento. É o biógrafo de Lobato, Edgard Cavalheiro, quem cita excerto de Afonso Schmidt, em cujo texto uma criança pede aos pais o significado de diversas palavras que não compreende. Na história "infantil" que ela lê, aparecem palavras de difícil entendimento, como "palmatória", "caçoula" e "beldroegas". Ao colocar os óculos e observar um parágrafo do livro, o pai do menino se surpreende ao ler em voz alta o seguinte texto: "O bicho de cozinha deitou água fervente na caçoula atestada de beldroegas, e asinha partiu na treita dos três mariolas". Suspendendo o crochê, a mãe da criança pergunta, com muita propriedade: "Afinal, por que não traduzem esses livros portugueses para as crianças brasileiras?". (Cavalheiro, 1959, p. 145-6, também citado por Lajolo & Zilbermann, 1990, p. 30-31).

Num segundo momento, surgiram traduções realizadas por Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen, mas essas também eram consideradas por Lobato como apresentando, ainda, uma linguagem inadequada para as crianças.

A atividade tradutória do escritor manteve-se, mas reduziu-se drasticamente com a entrada dele, no mercado, como autor. Tendo comprado a *Revista do Brasil* em 1918, por ela lançou *Urupês* e *Cidades Mortas*, respectivamente em 1918 e 1919. Em 1921, surgiria *A menina do narizinho arrebitado*, com a qual inauguraria sua literatura para crianças. O livro obtém grande sucesso de público.

A atividade literária segue paralela à de empresário. Lobato funda a Editora Monteiro Lobato & Cia., depois a Companhia Editora Nacional. E, após um período como adido comercial do Brasil em Nova Iorque, lança-se à luta pelo petróleo, tendo mesmo investido consideráveis valores pecuniários nessa atividade.

Como Lobato perdeu muito dinheiro com o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, retornou ao Brasil sem dinheiro, passando a Companhia Editora Nacional para seu sócio, Octales Marcondes Ferreira, de quem se torna funcionário. É quando, para fazer caixa, lança-se com grande dedicação à atividade de tradutor, chegando a preparar cerca de cem obras, que foram publicadas por Octales com grande destaque ao seu nome, na capa, como tradutor, uma vez que ele já era nacionalmente respeitado com sua produção autoral.

São dessa fase as traduções realizadas das obras mais conhecidas de Kipling. Passa-se a seguir aos comentários a respeito de dois aspectos das traduções lobatianas, em microanálise: o uso de figuras de linguagem e alguns “cochilos” de tradução.

Uso de figuras

Passa-se a apresentar um breve comentário sobre o uso de figuras por Monteiro Lobato, em suas traduções de livros de Rudyard Kipling. Ao traduzir este autor, Monteiro Lobato não se entregou ao trabalho de reescrever os poemas dos *Jungle Books*, decidindo a Editora entregar a tarefa a Jamil Almansur Haddad. Por sua vez, os poemas introdutórios de cada capítulo do *Kim* não foram sequer entregues para tradução. Imagina-se (não há nenhum metatexto que o indique), que Lobato tenha sido o tradutor dos poucos versos que surgem no decorrer do texto.

Mesmo não se considerando um fazedor de versos, a poesia está presente na prosa lobatiana, através das figuras de linguagem. Como no caso seguinte, onde utiliza o recurso da aliteração:

An hour passed, and, with the best will in the world to keep awake all night, he slept deeply. Now and again a night train roared along the metals within twenty feet of him; but he had all the Orientals indifferent to mere noise, and it did not even weave a dream through his slumber. (K, p. 188)

Uma hora se passou, e apesar do esforço para conservar-se acordado, Kim dormiu profundamente. De quando em quando passava um trem a poucos metros dali, mas como o menino tinha a indiferença oriental pelos barulhos comuns, nem seus sonhos eram influenciados pelo **estrépito da ferralha**. (K, p. 144)

Se ele se utiliza do recurso aliterativo por conta própria, criando uma situação não realizada no texto de Kipling, também sabe reconstruir, em português, o efeito criado pelo escritor anglo-indiano, como nos casos abaixo, respectivamente, de polissíndeto e de onomatopeia:

Then, perhaps, a little rain falls, and all the trees and the bushes and the bamboos and the mosses and the juicy-leaved plants wake with a noise of growing that you can almost hear

Se a pequena chuva cai, todos os arbustos e árvores e bambus e musgos e plantas de folhas carnudas despertam com um rumor de crescimento de quase

and under this noise runs, day and night, a deep hum. (JB, p. 326)

ouvir-se, e esse rumor faz-se dia e noite, zoadá contínua. (LJ, p. 166)

*(...) It was the end of the cold weather, the leaves and trees looked worn and faded, and there was a dry ticking rustle when the wind blew. A little leaf **tap-tap-tapped** furiously against a twig as a single leaf caught in a current will.* (JB, p. 324)

(...) Era pelo fim do inverno; árvores e folhas cochilavam, cansadas e mortiças, e onde quer que o vento perpassasse, sons de coisas secas se erguiam. Uma folhinha colhida isolada em corrente de ar **tap-tap-tapeava** furiosa contra um galho resseco. (LJ, p. 264)

Quanto às onomatopéias que imitam vozes de animais, elas geralmente são repetidas na reescritura, com alguma modificação:

*(...) **Augrh!** said Father Wolf, 'it is time to hunt again'; and he was going to spring down hill when a little shadow with a bushy tail crossed the threshold and whined: (...)* (JB, p. 35)

- **Ogreh!** É tempo de sair de novo à caça - murmurou Pai Lobo, e já ida deixando a caverna quando um vulto de cauda peluda assomou à entrada. (LJ, p. 6)

*We must remind them to speak well of their master. **Aaassp!** We must help their wandering memories. Now, whither went they with the cub?' (JB, p. 66)*

Precisamos ensiná-los a ter melhor língua. **Aaa-sssh!** Precisamos ajudá-los a se educar. E para onde conduziram esse filhote? (LJ, p. 40)

Outra figura utilizada por Kipling e reescrita por Lobato é a ironia. Ele se utiliza desse mecanismo de forma tão contundente quanto a expressa no original. Observe o seguinte excerto do romance *Kim*, em que o protagonista, irritado com a intromissão de um nativo no seu trabalho, faz uma indagação irritadiça:

*Kim rubbed a finger-tip of bitterness on the child's trusting little lips. 'I have asked for nothing, 'be said sternly to the father, 'except food. Dost thou grudge me that? I go to heal another man. **Have I thy leave - Prince?**' (K, p. 250)*

Kim pôs uma pitada de pó amargo na boca da criança., enquanto dizia severamente: - Não pedi nada, só comida. Está arrenegando disso? Tenho de curar o outro doente. **Vossa Excelência mo permite?** (K, p. 206)

Apesar da desvantagem, em relação a Kipling, de não ser poeta, Monteiro Lobato se esforçou por manter o lirismo de algumas imagens do original, conseguindo efeitos interessantes:

*He had slipped down the tree trunk, and headed **like the wind in bare feet** for the Bee Rocks, before the dholes saw what he would do.* (JB, p. 313)

Disse e escorregou da árvore abaixo, lançando-se numa corrida doida, **como um vento de pés descalços** em direção à Roca das Abelhas, antes que os dholes compreendessem o que estava fazendo. (LJ, p. 154)

*(...) Yet on the other hand'- he loosed his rosary - 'I have acquired merit by saving two lives - the lives of those that wronged me. Now I must see into the Cause of Things. **The boat of my soul staggers.*** (K, p. 302)

(...) Por outro lado, disse apalpando as contas do rosário, granjeei mérito com a salvação de duas vidas - as dos homens que me ofenderam. Agora, preciso ver dentro da Causa das Coisas. **O bote da minha alma flutua incerto.** (K, p. 259)

Lobato consegue, por vezes, efeitos até mesmo aparentemente mais conotativos do que os do original:

***By daylight** Kotick's name was standing on end and his temper was gone where the dead crabs go.* (JB, p. 111)

Ao romper da aurora a crina de Kotick estava eriçada e a sua paciência, no fim. (LJ, p. 218)

The first thing he did was to assure himself that the fishing was good, and then he swam along the beaches and counted up the delightful low sandy islands half hidden in the beautiful rolling fog. (LJ, p. 112)

Kotick tratou de assegurar-se se a zona era rica em peixe; depois nadou ao longo da praia e contou as ilhotas existentes, de boa área, semi-ocultas na **movediça bruma**. (LJ, p. 219)

Ao reescrever um provérbio citado por Kipling, ele também cria uma imagem peculiar. Note-se, ainda, como Lobato deixa de colocar o travessão, sugerido pelas aspas em inglês, e opta pela epígrafe:

*'Who goes to the hills goes to **his mother.**'* (K, p. 279)

"Quem vai para a Montanha vai para o **seio materno.**" (K, p.235)

Na esteira do mesmo trabalho recreativo, ele consegue uma bela imagem para o nome da aurora boreal:

*At night, just as **the Northern Lights** were winking and flashing through the fog, Kotick climbed a bare rock and looked down on the scattered nurseries and the torn and bleeding seals. 'Now,' he said, 'I've taught you your lesson.'* (JB, p. 114)

À noite, quando **os fogos boreais** principiaram a cintilar e dançar através da névoa, Kotick escalou um rochedo e correu os olhos pelos ninhos dispersos, onde focas sangrentas ou machucadas gemiam. (LJ, p. 222)

Entretanto, noutra passagem, Lobato faz a tradução literal "Luzes do Norte", nada usual em nosso idioma, que é mais afeito à expressão "aurora boreal", proveniente do latim:

From time to time a greenish wave of the Northern Lights would roll across the hollow of the high heavens, flick like a flag and disappear; or a meteor would crackle from darkness trailing a shower of sparks behind. (...) (JB, p. 286-7)

(...) De tempo em tempo uma vaga esverdeada das **Luzes do Norte** rolava pelo oco do céu, palpitava como um pendão e desaparecia; ou um meteoro brilhava nas trevas, deixando atrás de si um chuveiro de faúlhas. (LJ, p. 275)

Kipling, metodista e adepto das Sagradas Escrituras, concedeu diversas vezes um estatuto bíblico à escritura, especialmente dos *Jungle Books*. Esse fato está evidente em diversas passagens, e o tradutor tentou manter o mesmo estatuto na reescritura, como ocorre na redundância abaixo, comum, em especial, no Antigo Testamento:

*'What is this new folly, little **dreamer of dreams?**' said Bagheera.* (JB, p. 58)

- Que nova loucura é essa, **sonhador de sonhos?** - indagou Bagheera. (LJ, p. 31)

Em outra ocasião, Kipling faz, aparentemente, referência à condição do cristão de Laodicéia (Apocalipse 3:15), o que é respeitado na reescritura:

(...) Now, too, I am hot and now I am cold, and now I am neither hot nor cold, but angry with that which I cannot see. (...) (JB, p. 328)

(...) Ora me sinto quente, ora frio; ora **nem quente nem frio**, mas apenas furioso contra não sei o quê. (...) (LJ, p. 168)

O respeito pelo estatuto bíblico prossegue na reescritura do *Kim*, e com maior intensidade, talvez pelo fato de a religião ser tão enfocada. Como na seguinte citação messiânica:

*(...) Let me make the prayer!... Wake, **O fortunate above all born of women.** Wake! It is found!"* (K, p. 336)

(...) Oremos... Desperta, **ó afortunado entre todos os que nasceram de mulher!** Desperta! Achei o o que procurava. (K, p. 294)

DISTRAÇÕES

Quanto às decisões tomadas por Monteiro Lobato, algumas remetem ao que alguns considerariam equívocos de compreensão ou de juízo. Sem o objetivo de prescrever o que seria correto, parece interessante citar algumas dessas situações, em cada reescritura, a título de ilustração.

Em dado momento, Lobato se confunde, invertendo a direção dos *dholes*, no conto *Cães vermelhos*:

"The dhole, the dhole of the Dekkan - Red Dog, the Killer! They came north from the south saying the Dekkan was empty and killing out by the way." (...) (JB, p. 301)

- O dhole, o dhole do Dekkan: Cão Vermelho, o Matador! **Vem do norte para o sul dizendo que o Dekkan está vazio...** e vem matando pelo caminho. (...)

Ainda no mesmo conto, ocorre mais um exemplo da eventual desatenção do tradutor. Ele inverte a informação que dá conta da característica dos *dholes* de lutar mal à hora do pôr-do-sol:

(...) In half an hour, the Little People of the Rocks would be ending their labours, and, as you know, the dhole does not fight well in the twilight. (JB, p. 313)

(...) Dentro de meia hora o Povo Miúdo da Roca das Abelhas teria terminado o seu trabalho do dia. Também chegava **a hora que os dholes preferem para lutar.** (LJ, p. 153)

No início do conto *A embriaguez da primavera*, o reescritor enfatizou uma afirmação que, no texto de Kipling, havia sido declarada de modo apenas vago:

The second year after the great fight with Red Dog and the death of Akela, Mowgli must have been nearly seventeen years old. (...) (JB, p. 323)

Dois anos depois da morte de Akela, na grande luta com os dholes do Dekkan, **completou Mowgli dezessete anos.** (...) (LJ, p. 163)

No conto *Jacala, o crocodilo*, talvez traído pela constante remissão à Bíblia, o reescritor confundiu o sentido da palavra "envy", algo como "inveja", mudando-lhe totalmente o significado:

'I? said the Jackal. 'Shall na eater of old shoes, a bone-cracker, presume to doubt the word of the Envy of the River?' (...) (JB, P. 249)

- Eu? - exclamou o Chacal - Pode lá um roedor de sapatos velhos e ossos duvidar da palavra do **Enviado** do Rio? (...) (LJ, P. 257)

O reescritor, por vezes, oscila entre dois significados distintos para um vocábulo, utilizando ambos alternadamente. Como em relação à palavra "wood-cutter", que Lobato ora traduz por "madeireiro", ora por "lenhador". A primeira alternativa é comumente utilizada para o empresário de extração da madeira, enquanto que a última parece mais apropriada ao trabalhador braçal. Lobato, tanto no *Livro da jângal* quanto no *Kim*, opta pela palavra designativa do empresário, mesmo quando ela se refere a subalternos, o que é perceptível nos seguintes exemplos:

(...) And he met Tibetan herdsmen with their dogs and flocks of sheep, each sheep with a little bag of borax on his back and wandering wood-cutters, (...) (JB, p. 196)

(...) E Purun encontrou pastores tibetanos com seus cães e rebanhos de carneiros, cada qual com carga de bórax no lombo; e **madeireiros** errantes; (...) (LJ, p. 229)

(...) The men were wood-cutters when they were not farmers - meek, and of an incredible simplicity. (K, p. 282)

(...) Os homens eram **madeireiros** ou pequeninos lavradores - gente humilde e de espantosa simplicidade. (K, p. 237-8)

Lobato parece estar mesmo mais distraído na reescritura do *Kim*, talvez pela atmosfera de informalidade com que conduz o trabalho, ou então pelo fato de estar reescrevendo a obra na prisão. Evidência disso é a opção por "Sagrado Um", para substituir "Holy One", traduzido em outras ocasiões por "Santo Homem".

'Oh, **Holy One!** said Kim, bubbling with mirth at the lama's rueful face. (K, p. 263)

- Oh, o **Sagrado Um!** Exclamou Kim radiante de alegria irônica ao ver a cara que fazia o lama.

O tradutor parece cair na armadilha de um falso cognato, "delight", que ele confunde com "delicadeza" ou algum derivado:

(...) Kim caught his breath with **delight**, and reviewed the situation from a Sahib's point of view. (K, p. 302)

(...) **Delicadamente** Kim susteve o fôlego e com idéias de Sahib passou em revista a situação. (K, p. 259)

Em outra ocasião, o reescritor opta por traduzir "to smile", correspondente a "sorrir", (movimento labial) por "rir", aproximando a reação de Kim ao tom sarcástico.

'Then I curse thee - a little - not greatly, But enough to remember.' **He could not help smiling.** (K, p. 312)

- Eu a amaldiçoaria - um pouco só - não muito, só como lembrança. - e **Kim não pôde deixar de rir-se.** (K, p. 269)

Da mesma forma, ainda no início do romance, a reescritura de Lobato manifesta-se imprecisa quanto ao significado do vocábulo "sadly", alterando o efeito da afirmação do original:

'So it is written,' said the Curator **sadly.**' (K, p. 58)

- Assim está escrito, disse o zelador **com toda a gravidade.** (K, p. 13)

Em outra situação, sem haver nada que justificasse a decisão, Lobato resolveu trocar, por exemplo, o nome do porco-espinho Sahi, no *Livro da jângal*:

It was one very warm day that a new notion came to Bagheera - born of something that he had heard. Perhaps **Sahi**, the Porcupine had told him; (...) (JB, p. 45)

Certa tarde muito quente Bagheera veio com uma nova idéia, que talvez **Ikki**, o Porco-Espinho, lhe houvesse sugerido. (LJ, p. 45)

Considerações finais

O ofício de escritor (talentoso) de ficção facilitou o trabalho de Monteiro Lobato como tradutor. Fascinado por Kipling, traduziu com muito prazer tanto os livros chamados "da jângal" quanto o *Kim*.

Este artigo buscou contemplar a inserção exitosa de figuras de linguagem nas reescrituras, bem como tentou demonstrar algumas distrações ("cochilos") de tradução. Demonstra a competência do estilista e a distração do escritor, com certeza apressado pelo grande volume de traduções que lhe eram encomendadas pelo diretor da Companhia Editora Nacional, Octales Marcondes Ferreira.

Espera-se que este artigo incentive pesquisadores a preparar mais análises do trabalho de Lobato como tradutor, não só de obras de Rudyard Kipling, mas de outros autores, também.

Referências

- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. 2 volumes. São Paulo: Brasiliense: 1959.
- KIPLING, Rudyard. **Kim**. London: Penguin Books, 1987.
- _____. **Kim**. Trad. M. Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- _____. **O livro da jângal**. Trad. M. Lobato. Trad. dos poemas por Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- _____. **The Jungle Books**. London: Penguin Books, 1987.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMANN, Regina. *Literatura infantil brasileira*: história e histórias. São Paulo, Ática, 1990.
- MONTEIRO LOBATO. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1972.

EDUCAÇÃO EMPRESARIAL E INOVAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE LÍDERES NO DEPARTAMENTO PESSOAL DE EMPRESAS DO AGRONEGÓCIO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O SUCESSO EM PALMAS –TO

Rafael Pacheco Camargo⁵⁶
Stefanny Suzerainny Lopes Souto Pereira⁵⁷
Flávio Augustus da Mota Pacheco⁵⁸
Bruno Gomes Pereira⁵⁹

Resumo

Este estudo teve como objetivo, apresentar a importância da inovação na formação de líderes no departamento pessoal de empresas do Agronegócio de Palmas-TO perante os desafios, expondo sua relevância acadêmica e empresarial para este ramo. Tratou – se de um estudo bibliográfico, exploratório e campo; de caráter descritivo com abordagem quantitativa. Foi aplicado um questionário eletrônico e utilizado o Google Forms, para gerar os gráficos. O tipo de amostragem escolhida, foi a não probabilística por conveniência, contando com 35 colaboradores de empresas do agronegócio como respondentes da pesquisa. Os colaboradores do departamento pessoal das empresas de agronegócio estão atentos e cientes que uma boa liderança faz toda a diferença. Contudo é relevante ressaltar que há muitos desafios enfrentados no desenvolvimento de líderes no departamento pessoal do agronegócio.

Palavra Chaves: Inovação. Liderança. Departamento Pessoal. Agronegócio. Desafios.

Abstract

This study aimed to present the importance of innovation in the training of leaders in the personnel department of Agribusiness companies in Palmas-TO in the face of challenges, exposing its academic and business relevance for this sector. It was a bibliographic, exploratory and field study; descriptive in nature with a quantitative approach. An electronic questionnaire was administered and Google Forms was used to generate the graphics. The type of sampling chosen was non-probabilistic for convenience, with 35 employees from agribusiness companies as survey respondents. Employees in the personnel department of agribusiness companies are attentive and aware that good leadership makes all the difference. However, it is important to highlight that there are many challenges faced in the development of leaders in the agribusiness personnel department.

Keywords: Innovation. Leadership. Personal department. Agribusiness. Challenges.

⁵⁶ Bacharel de Ciências Contábeis, Pós Graduado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos pelo (ITOP), Especialista em Legislação Trabalhista e Direito Previdenciário pela (BSSP), e também Especialista em Liderança e Formação de Gestores pela (UFT). e-mail: rafaelpachecodp@gmail.com

⁵⁷ Pós Graduação – MBA em Marketing Estratégico pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduação em Bacharel de Administração pelo Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto LTDA – Afya. E- mail: adm_stefysuzerainny@outlook.com

⁵⁸ Pós-Doutor em Inovação (UFT). Doutor em Administração (UPM), Mestre em Administração (FACECA). Docente e pesquisador na Universidade Federal do Tocantins no curso Bacharel em Administração, e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Administração Pública-PROFIAP. flavio.pacheco@uft.edu.br

⁵⁹ Pós-Doutorando pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente e Pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). Docente da Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN) e do Centro Universitário Anhanguera de Santo André (AMPLI). E-mail: b.gomes@kroton.com.br

Introdução

O mercado brasileiro passa por mudanças rápidas estimuladas pela alta concorrência. A competitividade existente entre as organizações depende de um conjunto de recursos, processos, tecnologias, estratégias e estrutura, além do uso de políticas e rotinas de gestão que promovam o desenvolvimento da organização (Girardi; Girardi; Sant'anna; Lófti, 2012).

Partindo desse pressuposto, França (2012), assumiu que, as organizações são feitas de pessoas para pessoas, logo, torna-se fundamental sua gestão para a contribuição do desenvolvimento da organização. As atividades com foco em inovação passam a ser fundamentais para a manutenção do desenvolvimento econômico desse sistema, incluindo a transformação de padrões de vida e a criação de novas tecnologias.

A liderança tem papel primordial em qualquer tipo de organização. Em especial quando se trata do agronegócio e de sua constante expansão no País, se torna cada dia mais necessário que esse crescimento siga acontecendo de forma sustentável. Por ser um dos setores mais importante da economia brasileira, correspondente, pela maior parte do PIB do país, sendo uma das áreas onde a economia esteve passando por constantes mudanças.

O agronegócio brasileiro em si, compreende atividades econômicas ligadas, basicamente, a insumos para a agricultura, como fertilizantes, defensivos, corretivos, a produção agrícola, compreendendo lavouras, pecuária, florestas e extrativismo, a agro industrialização dos produtos primários, transporte e comercialização de produtos primários e processados (Mapa, 2011).

Nesse setor, os desafios são únicos, exigindo estratégias específicas para alcançar os objetivos organizacionais. Desde a contratação de profissionais qualificados, sazonalidade no setor, gestão de equipes remotas ou em locais distantes até a gestão de equipes, adaptação a inovação e tecnologias, gestão de conflitos entre colaboradores e produtores.

Considerando o exposto questiona-se: Quais são os desafios enfrentados para o processo de inovação na formação de líderes no departamento pessoal de empresas do Agronegócio na cidade de Palmas-TO?

Para responder a essa pergunta este estudo possuiu como objetivo: Apresentar a importância da inovação na formação de líderes no departamento pessoal de empresas do Agronegócio de Palmas-TO perante os desafios. Este estudo seguiu dividido em cinco partes. A primeira por meio desta introdução, a segunda por meio do referencial teórico, com discussões teóricas ligadas a temática, a terceira por meio da metodologia, a quarta por meio das análises dos dados e a quinta por meio da conclusão.

O Processo de Inovação e a Gestão de Pessoas

A inovação é a criação de novas realidades. Todavia, algumas literaturas em diversas áreas indicam que, a inovação é um elemento-chave na criação e manutenção de uma vantagem competitiva, mesmo como um elemento-chave na compreensão de muitos dos problemas da sociedade (Hage, 1999).

A definição do termo inovação é um processo organizacional que abrange desde a pesquisa básica e/ou aplicada até a comercialização nos mercados de bens e serviços, ou a implantação de empresas nas organizações. Inclui inovação e originalidade, a descoberta de novas tecnologias, mas também a gestão, difusão e adoção de novas tecnologias.

A palavra inovação tem sido utilizada de maneira indiscriminada. Isso porque inovação está relacionada ao ato de inovar, que corresponde a realizar algo novo. Assim, quando se considera ambientes que estão em constante mudança, a inovação acaba sendo utilizada sem muito cuidado, toda mudança passa a ser considerada uma inovação (Fuck; Vilha, 2011).

As empresas sempre se deparam com problemas relacionados à inovação. Entende-se, a importância da inovação como estratégia de sobrevivência, mas enfrentam obstáculos relacionados às soluções de codificação. Desta forma, práticas de gestão inovadoras podem proporcionar oportunidades para organizar experiências de investigação e desenvolvimento e contribuir para um melhor desempenho, criando novos processos, novas realidades.

A gestão de pessoas é um dos principais fatores que influenciam o sucesso de uma empresa. Permitindo que seja possível construir uma cultura organizacional forte, promovendo o envolvimento dos colaboradores e maximizando a produtividade da equipe. Porém, para que a gestão de pessoas seja eficaz, é necessário ser aplicada de forma estratégica e baseada em pilares sólidos que norteiam as ações de uma empresa.

Gerir pessoas é uma tarefa complexa, onde as pessoas devem ser tratadas como pessoas dotadas de características pessoais e profissionais. Elas podem ampliar ou limitar as forças e fraquezas de uma organização, dependendo da maneira como elas são tratadas (Chiavenato 1999).

Neste contexto, a gestão de pessoas não é apenas atividades que se desempenha, mas também pelos resultados que agrega à organização, através de uma visão analítica que incorpora os interesses da organização no desempenho dos seus colaboradores.

Neste viés, a relevância da gestão de pessoas tornou-se essencial, para um mapeamento eficaz entre máquinas e pessoas nos processos produtivos. Esta iniciativa trouxe uma nova visão para a organização que enfatiza treinamento e desenvolvimento, status e benefícios econômicos (Gil, 2019). Ao longo dos anos, o campo da gestão de pessoas, evoluiu e encontrou novas formas de se conectar, proeminentemente com outras áreas da organização.

Em um contexto social caracterizado pela implementação de mudanças e conquistas, as organizações têm grande necessidade de investir no capital humano para o bom desenvolvimento de competências que possam contribuir para o sucesso da empresa. Sendo assim, os colaboradores de uma organização são responsáveis pelo uso otimizado da tecnologia na execução de processos e na transformação de insumos em produtos e serviços que se alinhem à estratégia do negócio, tornando-os parte integrante do alcance dos objetivos.

Liderança no Agronegócio

A liderança desempenha um papel fundamental em qualquer organização. Especialmente quando se trata do agronegócio e da sua contínua expansão no país, é cada vez mais importante que, esse crescimento continue de forma sustentável. Nessa perspectiva, é de vital importância, ter líderes no mercado, que possam enfrentar novos desafios, que possam identificar a satisfação das pessoas que atuam neste segmento.

Para Charan (2013, p. 148) aponta que "exercer uma liderança global significa discernir os fundamentos em cada contexto e trazê-los para o contexto mais amplo da empresa como um todo e, em seguida, mobilizar as pessoas para realizar os objetivos do negócio".

Seguindo esse contexto, a liderança consiste principalmente em fazer com que a equipe tenha uma visão clara de futuro de forma desafiadora. Buscando enxergar possibilidades que outros não veem, alinhando e conectando pensamentos, ideias e sentimentos em direção a um objetivo comum. Este é um ideal norteador que a gestão se esforça por desenvolver em cada um dos seus líderes e, passo a passo, em cada um dos seus membros.

Nesse sentido, a liderança exige encontrar pessoas que possam preencher suas lacunas (Heifetz; Ronald, 2010). Os líderes das organizações do agronegócio estão, portanto, sempre preocupados em integrar processos que giram não apenas em torno deles, mas também em torno das pessoas que tornam possível a produtividade.

Portanto, os líderes são responsáveis pelos sucessos e fracassos de suas organizações. É responsabilidade do líder, liderar a equipe para alcançar resultados. Os líderes devem motivar e influenciar os envolvidos no processo, de maneira positiva e ética. Os gestores devem ter capacidade de liderança e, acima de tudo, capacidade de resolver problemas de forma proativa.

Metodologia

Para a elaboração deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, exploratória e de campo. Esse tipo de pesquisa envolveu, toda a bibliografia já tomada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos científicos impressos ou eletrônicos (Marconi; Lakatos, 2017).

A abordagem é quantitativa, pois levantou-se por meio de questionário eletrônico, desenvolver as estratégias para o sucesso da formação de líderes no departamento pessoal de uma empresa do Agronegócio em Palmas/TO. Na pesquisa quantitativa, foi utilizada a pesquisa de campo com utilização de questionário aplicado a população objeto da pesquisa. Gil (2009), considera que tudo pode ser quantificável, pois traduz em números opiniões e informações.

Esse tipo de abordagem priorizou apontar numericamente a frequência e a intensidade dos comportamentos dos indivíduos de um determinado grupo, ou população (Instituto PHD, 2015). Ou seja, considerou-se que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las.

O instrumento de coleta de dados, foi através de um questionário estruturado, onde, os resultados obtidos estiveram representados por números, quadros e gráficos, realizando-se uma interpretação com qualificação dos resultados. Foi um questionário eletrônico com perguntas objetivas, cujo conteúdo foi estruturado para melhor compreensão do respondente em relação a temática (Silva; Santos; Siqueira, 1997).

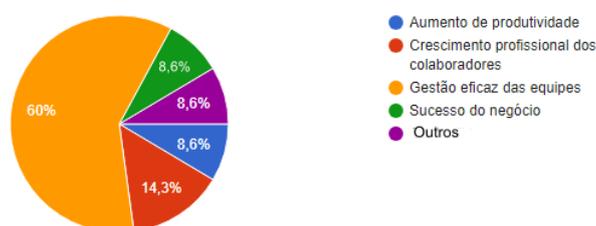
Análise dos Resultados

Pertinente a proposta do estudo e dos dados coletados por meio do questionário eletrônico, foi exibido os resultados e discussões da pesquisa, sendo possível apresentar a importância da inovação na formação de líderes no departamento pessoal de empresas do Agronegócio de Palmas-TO perante os desafios. Nesse setor, os desafios exigem estratégias específicas para alcançar os objetivos organizacionais. A liderança desempenha um papel fundamental em qualquer organização, especialmente quando se trata do agronegócio e da sua contínua expansão no país, é cada vez mais importante que, esse crescimento continue de forma sustentável. Nessa perspectiva, é de vital importância, ter líderes no mercado que possam enfrentar novos desafios e identificar a satisfação das pessoas que atuam neste segmento.

Neste viés, os gráficos desta segunda parte da análise dos resultados, foi de vital importância para este estudo, pois foi possível evidenciar sobre o desenvolvimento de líderes no departamento pessoal em empresas do agronegócio.

Sendo assim, o Gráfico 1, apresenta os percentuais de resposta dos participantes da pesquisa sobre, qual é a importância do desenvolvimento de líderes no departamento pessoal de uma empresa do agronegócio. Logo (8,6%) dos participantes disseram que é o aumento da produtividade, (14,3%) é o crescimento profissional dos colaboradores, já com maior percentual (60%), informaram que, é a gestão eficaz das equipes, (8,6%) disseram que é o sucesso do negócio e outros (8,6%) dizem ser outra coisa.

Gráfico 1: Qual é a importância do desenvolvimento de líderes no departamento pessoal de uma empresa do agronegócio?



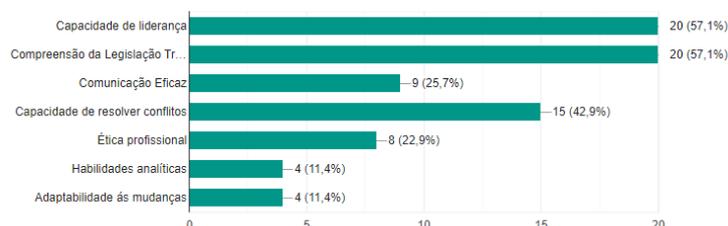
Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Mesmo que na empresa tenha um gerente de departamento pessoal, os funcionários ainda precisam contar com seu líder. Uma das principais tarefas do departamento de pessoas é, identificar lacunas na formação dos colaboradores da empresa e a partir daí desenvolver medidas de formação e desenvolvimento. Nesse ponto, isso se aplica inteiramente aos líderes (Concent, 2023; Gracietti, 2022).

Para que haja um crescimento no departamento pessoal nas empresas de agronegócio, é necessário que haja o desenvolvimento dos líderes, para assim ser capaz de ter todos os pontos apresentados no gráfico a cima; principalmente uma gestão eficaz das equipes, pois, líderes bem desenvolvidos são capazes de gerir eficazmente as pessoas, o que é essencial para manter a produtividade e a moral dos funcionários.

Todavia, no gráfico 2 é tratado sobre as habilidades e competências essenciais de um líder de departamento pessoal. Visto isso, cerca de (57,1%) dos colaboradores respondentes disseram que é a capacidade de liderança, outros (57,1%), afirmam ser a capacidade de compreender sobre legislação e as normas de RH. Já (42,9%), diz ser a capacidade de resolver conflitos (25,7%) ter uma comunicação eficaz, (22,9%) ter ética profissional. E com percentual repetido (11,4%), diz ser habilidades analíticas e adaptabilidade às mudanças.

Gráfico 2: Quais habilidades e competências são essenciais para um líder de departamento pessoal?



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

As habilidades de um líder devem ir muito além de cumprir um cronograma em poucos dias; as competências de liderança são habilidades e traços de personalidade que permitem aos líderes inspirar e orientar suas equipes para atingir metas. Desenvolver estas competências é essencial porque líderes eficazes têm um impacto direto no sucesso das suas equipes e organizações. Líderes fortes podem aumentar a produtividade, melhorar a satisfação dos funcionários e atingir metas difíceis (Half, 2023).

Ter habilidades e competências é essencial, pois lhes permite desenvolver e realizar com eficácia atividades relacionadas à gestão de pessoas, como recrutamento, treinamento, desenvolvimento, avaliação de desempenho, entre outros. Além disso, habilidades de comunicação, liderança e resolução de problemas são essenciais para resolver problemas complexos e promover um ambiente de trabalho saudável e produtivo.

Entretanto, no gráfico 3, é apresentado os principais desafios enfrentados no desenvolvimento de líderes no departamento pessoal do agronegócio. Neste sentido, (34,3%) dos colaboradores participantes da pesquisa, afirmaram ser por conta de profissionais qualificados. Outros (34,3%), diz ser gestão de equipes remotas ou em locais distantes. (8,6%), por conta da adaptação a inovação e tecnologias, e (20%), está relacionado a gestão de conflitos entre colaboradores e gestores.

Gráfico 3: Quais são os principais desafios enfrentados no desenvolvimento de líderes no departamento pessoal do agronegócio?

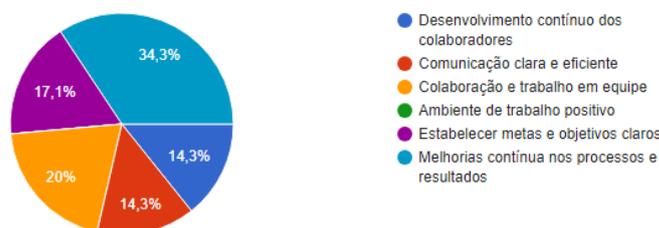


Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Para lidar com os desafios enfrentados no desenvolvimento de líderes no departamento pessoal do agronegócio, é importante investir em capacitação e treinamento específico para este setor, buscar parcerias com instituições e associações do agronegócio, promover a troca de experiências entre os líderes, acompanhar de perto as mudanças tecnológicas e legislativas do setor, e incentivar a formação de redes de apoio e compartilhamento de conhecimento entre os profissionais do departamento pessoal.

Concomitantemente, o gráfico 4, está relacionado as estratégias utilizadas para alcançar sucesso no papel de liderança. Para isso, os respondentes informaram que (14,3%), acontece com o desenvolvimento contínuo dos colaboradores, outro (14,3%), com comunicação clara e eficiente, (20%), com a colaboração e trabalho em equipe, (17,1%), com estabelecimento de metas e objetivos claros e por último, com maior percentual de resposta (34,3%), afirmam ser com melhorias contínuas nos processos e resultados.

Gráfico 4: Quais estratégias são utilizadas para alcançar o sucesso nesse papel de liderança?



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Uma gestão estratégica bem-sucedida exige capacidade de interagir com a equipe, por isso é fundamental que a liderança seja uma interação mais humana, influente e focada nas competências aplicadas. Neste contexto, o papel do líder é criar as condições que permitam à equipa atingir os objetivos identificados; os líderes são os principais responsáveis por monitorar o desempenho dos funcionários e comunicar a cultura organizacional a todos os envolvidos.

Sendo assim, utilizar estratégias é essencial para alcançar o sucesso em um papel de liderança, pois permite planejar, organizar e direcionar as ações de forma eficiente, maximizando o desempenho da equipe e alcançando os objetivos estabelecidos.

Destarte, no gráfico 5, é possível ver na legenda sobre, como os líderes do departamento pessoal lidam com a gestão de equipes multifuncionais e diversificadas. Neste viés, (22,9%) dos colaboradores do departamento pessoal de empresas de agronegócio, afirmaram que é a comunicação aberta e transparente, (22,9%), compartilhamento de conhecimentos, (31,4%), treinamento e capacitações, (8,6%) em metas claras e individualizadas e por último (14,3%), ambiente de trabalho respeitoso e acolhedor.

Um bom líder é aquele que valoriza o engajamento dos colaboradores e inspira a equipe a buscar sempre os melhores resultados. Para isso, a confiança é a base desta relação, que se traduz em respeito e cooperação no trabalho (SELPE, 2023).

Todavia, para Brito (2016), uma equipe multifuncional é um grupo de pessoas que resolvem problemas, esse tipo de equipe geralmente, escolhem líderes de equipe e se reportam aos seus departamentos funcionais. O seu papel na gestão dessas equipes, é de extrema importância, pois os valores em questão não serão apenas financeiros, mas também de atuação de caráter ativo e autônomo e não apenas de passividade e inércia dos colaboradores.

É importante ter estratégias para avaliar o impacto dos programas de desenvolvimento de liderança no departamento pessoal para garantir que os investimentos estejam sendo direcionados de forma eficaz e que os programas estejam realmente contribuindo para o crescimento e desenvolvimento dos líderes e da equipe. Além disso, a avaliação ajuda a identificar pontos fortes e áreas de melhoria, permitindo melhorias contínuas nos programas.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo, apresentar a importância da inovação na formação de líderes no departamento pessoal de empresas do Agronegócio de Palmas-TO perante os desafios. Diante disto, o objetivo foi pautado para entender todo o contexto que engloba o desenvolvimento de líderes no departamento pessoal.

Neste contexto, o poder transformacional de uma liderança eficaz é, a capacidade de converter fraquezas em forças e ter a tenacidade e coragem para nunca desistir. É surpreendente que uma parte significativa dos investimentos que as organizações fazem atualmente em formação visam precisamente o desenvolvimento de competências de liderança.

Dada a grande importância da gestão de pessoas para as organizações do ramo, foi visto que são poucos os estudos que se aprofundam a temática. Todavia, ficou evidente nas análises dos resultados que os colaboradores do departamento pessoal das empresas de agronegócio estão atentos e cientes que uma boa liderança faz toda a diferença. Contudo é relevante ressaltar que há muitos desafios enfrentados no desenvolvimento de líderes no departamento pessoal do agronegócio, por ser um departamento muito importante, as vezes as diretrizes não são claras e bem estabelecidas, sem falar no modo como as informações são passadas, e a capacitação e valorização dos colaboradores ainda não são bem trabalhadas.

É imprescindível que haja o desenvolvimento de líderes dentro das empresas do agronegócio, pois ele move o mundo e para que ocorra, todos os envolvidos precisam estar em um movimento bem direcionado e satisfatório. Neste viés, uma gestão inovadora e estratégica bem-sucedida exige, capacidade de interagir bem com a equipe; isso fundamental, a liderança precisa ter uma interação mais humana, mais influente e focada nas competências aplicadas.

Para que a liderança seja inovadora, a motivação é um dos fatores que criam valor melhorando significativamente o desempenho da empresa. O maior desafio das empresas do agronegócio é preparar melhor os cargos de liderança e garantir o funcionamento do departamento pessoal para que haja excelentes resultados.

Referências

- BRITO, Érica da Cunha. **Líderes de equipes multifuncionais**. Publicado em: 11/09/2016. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/lideres-de-equipes-multifuncionais>. Acesso em: 18/11/2023.
- CONCENT. **A importância do líder na gestão de pessoas**. 2023. Disponível em: <https://blog.concentsistemas.com.br/a-importancia-do-lider-na-gestao-de-pessoas/>. Acesso em: 22/11/2023.
- CHARAN, Ram. Ruptura Global - **Liderando seu Negócio Através da Grande Transformação do Poder Econômico Mundial**. São Paulo: HSM, 2013.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas o novo papel de recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- FUCK; VILHA. **Inovação Tecnológica: da definição à ação**. Revista Contemporâneos, 9, 1-21, 2011.
- FRANÇA, A. C. L. **Práticas de Recursos Humanos- PRH: conceitos, ferramentas e procedimentos**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- GIRARDI, D., SOUZA, I.M., & GIRARDI, J.F. (2012). O Processo de Liderança e a Gestão do Conhecimento Organizacional: As Práticas das Maiores Indústrias Catarinenses. **Revista De Ciências Da Administração**, 14(32), 65-76.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis estratégicos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GRACIETTI, Larissa. **Desenvolvimento de líderes: o que o RH pode fazer para ajudar?** Publicado em: 03/11/2023. Disponível em: <https://www.feedz.com.br/blog/desenvolvimento-de-lideres/>. Acesso em: 22/11/2023.
- HAGE, J. T. **Organizational innovation and organizational change**. Annual Review of Sociology, 1999

HALF, Robert. **18 atribuições de um líder que são essenciais**. Publicado em: 10/04/2023.

Disponível em: <https://www.roberthalf.com.br/blog/carreira/atribuicoes-de-um-lider-que-sao-essenciais-rc>. Acesso em: 15/11/2023.

HEIFETZ, R.; RONALD, A. **Leadership**. Cambridge, 1ª ed. 2010.

INSTITUTO PHD. **Pesquisa Quantitativa e Pesquisa Qualitativa**. (2015). Internet, disponível em: <http://www.institutophd.com.br/blog/pesquisa-quantitativa-e-pesquisa-qualitativa-entenda-a-diferenca/> Acesso em:05/07/2021.

MAPA. (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). **Plano Agrícola e Pecuário 2011-2012** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Política Agrícola. – Brasília: Mapa/SPA, pág. 92. ISSN 1982-4033, 2011.

MARCONI, Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SELPE. **Liderança e gestão de pessoas: qual o papel do líder?** Publicado em: 17/06/2023.

Disponível em: <https://www.gruposelpe.com.br/blog/lideranca-e-gestao-de-pessoas/>Acesso em: 15/11/2023.

SILVA, Sandro Márcio da; SANTOS, Cláudia Cristina Martins; SIQUEIRA, José de Oliveira. **O uso do questionário eletrônico na pesquisa acadêmica: um caso de uso na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo**. Anais. South Padre Island: BALAS/University of Texas, 1997.

O VALOR ECONÔMICO DA PROMISCUIDADE E ABJEÇÃO EM LIEV TOLSTÓI

Rafael Sarto Muller⁶⁰

Resumo

O presente artigo investiga as obras literárias de Tolstói como peças filosóficas e científicas, tendo por principal objeto de estudo a promiscuidade em *A Sonata a Kreutzer* [1889] e, por referenciais teóricos, obras literárias do tipo novela-filosófica de Fiódor Dostoiévski e Jean Genet. Demonstramos que, para Tolstói, a promiscuidade livre dos sexos opera como instrumento de luta contra a lógica econômica liberal, uma vez que impossibilita que a mulher-esposa casta e ornamentada seja usada como objeto de demonstração de poder econômico dos maridos e mantida como sua propriedade privada. Entretanto, a moralidade hegemônica entrega uma ojeriza tal à promiscuidade que Tolstói e outros autores recorrem à abjeção para criar contingências que permitam o seu emprego como postura filosófica e instrumento de luta legítimo.

Palavras-chave: Literatura russa; Ascetismo; Teoria da Abjeção; Recepção literária; Romance filosófico.

Abstract

This article investigates Tolstoy's literary works as philosophical and scientific pieces, having as its main object of study promiscuity in *Kreutzer Sonata* [1889] and, through theoretical references, philosophical novels by Fyodor Dostoevsky and Jean Genet. We demonstrate that, for Tolstoy, promiscuity operates as an instrument of struggle against liberal economic logic, since it makes it impossible for the chaste and decorated woman-wife to be used as an object to demonstrate her husband's economic power and to be maintained as their property. However, hegemonic morality gives such an aversion to promiscuity that Tolstoy and other authors resort to abjection to create contingencies that allow its use as a philosophical stance and a legitimate instrument of struggle.

Keywords: Russian literature; Asceticism; Abjection Theory; Literary reception; Philosophical novel.

Introdução

A paráfrase “a promiscuidade é uma obrigação moral” pode ser atribuída a Liev Tolstói. O autor russo, muito mais que um literato, desenvolveu perspectivas de abordagens em diversas áreas do saber, dentre as quais destacamos epistemologia e economia. Em todo caso, a aproximação de Tolstói aos diversos temas sobre os quais disserta segue o princípio da ação direta, um princípio anarquista, que acaba por situar os debates teóricos muito próximos à prática, à relevância pragmática como critério de legitimidade dos saberes, como é o caso de suas críticas aos modos de condução e aplicação da ciência moderna, as quais ele expõe em carta a Edward Carpenter (Tolstói, 2012).

No intermédio entre a escrita literária e outros textos (relatos pessoais, epístolas, ensaios etc.), não é estranho conceber que muito de sua filosofia foi inserida nos próprios comportamentos e discursos de seus personagens, permitindo que algumas de suas obras sejam categorizadas como novelas filosóficas. Esse estratagem para dar profusão às suas ideias é algo muito próprio da literatura, vez que ela é um modo narrativo e metafórico de descrever o comportamento e, liberta da sistematicidade científica, consegue atender a determinadas demandas de seu tempo de modo mais urgente (Skinner, 1978).

⁶⁰ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), e-mail: rafaelmuller776@gmail.com

A Sonata a Kreutzer [1889] é uma dessas obras. Construída após uma conversa que tivera o próprio Tolstói com um homem que assassinara a esposa e o caso ganhara repercussão na Rússia de sua época, o autor elabora a novela em um formato muito próximo de um monólogo em sua maior parte, dando voz a Pozdnychev, que narrará seus pensamentos e sua história tal qual ele compreende que fora encaminhado ao derradeiro e trágico final: o assassinato de sua esposa. Trata-se de uma obra que, na trama explícita, apresenta problemas conjugais, mas Tolstói vale-se da voz do assassino para estruturar importantes argumentos contrários às instituições e costumes igualmente opressores de sua época.

Para o presente artigo, recortamos a questão da promiscuidade como comportamento de emancipação da mulher e dos homens de modo geral e, apresentando-o, teceremos as devidas aproximações entre tais argumentos e as suas bases epistemológicas: na perspectiva teórica do próprio Tolstói, que elaborou uma teoria econômica do valor em seus escritos, e da Teoria da Abjeção de Dostoiévski, que dialoga diretamente com a abordagem econômica e funciona como elo comportamental entre a teoria e a postura sugerida pelos autores para a confrontação das instituições de nosso tempo.

A Teoria Econômica de Tolstói

De modo mais descritivo e contextualizado, a questão da promiscuidade na obra *A Sonata a Kreutzer* aparece durante um discurso de Pozdnychev em que ele narra o modo como os casamentos, assim como o seu, são arranjados. Em linhas gerais, na separação entre homens e mulheres, ao homem será dado o direito de divertir-se promiscuamente nos lupanares até que a pressão social seja suficiente para que se case, quando deverá escolher uma mulher casta, pura, para casar-se, configurando-se, assim, uma das várias hipocrisias da instituição do casamento criticada por Tolstói (2013). À mulher, doutro lado, são dados apenas dois destinos: a vida servil ou de prostituta desde sempre, àquelas cujas famílias não possuem rendas e dotes e não guardam a sua castidade; ou a se tornarem escravas sexuais de seus maridos após o casamento, devendo oferecerem-se nos bailes aos homens. Em todo caso, a mulher é tratada como objeto de valor econômico.

Tal é o seu valor econômico que os homens as utilizam, para além das suas figurações enquanto esposas e para a procriação, também como estandartes de exibição do poder econômico de seu marido-detentor: quão mais caros os apetrechos e as despesas com a esposa, maior é o seu poder (Tolstói, 2013). Esse poder, obviamente, é um poder baseado na escassez, uma das premissas das teorias econômicas clássicas, fundante inclusive das abordagens modernas da ciência econômica que Tolstói critica em sua carta a Carpenter (Tolstói, 2012). Assim sendo, ele só se constitui e funciona quando sustentado sobre a propriedade privada e a restrição de acesso, de modo que a mulher devidamente ornamentada, caso compartilhada, destitui definitivamente o seu marido de seu poder. Não à toa, a traição sexual no casamento monogâmico ganhará a centralidade da trama.

É nesse contexto que surge a promiscuidade como instrumental de luta política antiautoritarista. Pozdnychev dirá: “é para libertar-nos que pregamos o amor livre, que preconizamos uma reação a favor da promiscuidade dos sexos um regresso ao estado primitivo, à posse em comum da mulher” (Tolstói, 2013, [s.p.]). Em termos econômicos, algo valioso para a perspectiva pragmática adotada por anarquistas em geral – dentre os quais, Tolstói –, a posse em comum de qualquer bem é sinônimo da ausência de posse, do fim da propriedade privada. Isso porque as noções limítrofes “tudo” e “nada” funcionam como elementos mutuamente excludentes, sendo um a negação lógica do outro. A posse de todos, portanto, é a posse de ninguém em particular.

Do ponto de vista persuasivo, entretanto, a formulação “não posse de ninguém” (dupla negativa) deixa explícito o movimento em prol da derrocada geral da propriedade privada, algo por extremo aversivo àqueles que sequer consideram a hipótese por uma autorregra estabelecida em seu histórico de vida. A forma “posse de todos”, entretanto, deixa o fim da propriedade privada oculto perante o termo “posse”, dando a impressão de um movimento menos radical, menos abrupto, mais aceitável àquele que se dispõe à primeira escuta. Como *payoff* – para usar um termo econômico – a mulher segue mantida numa função sintática passiva na frase, o que pode dar a impressão de perda de autonomia. Essa perda de autonomia, entretanto, decorre do mesmo movimento de opção pela forma positiva “posse em comum” em vez de “não posse de ninguém”, causando menos estranhamento ao interlocutor da época, para quem, assim como a ausência da propriedade privada, era também inimaginável a autonomia da mulher. Mirar a uma pequena parcela de uma luta histórica garante ao observador o poder arbitrário de julgá-la, ao mesmo tempo, insuficiente no todo e suficiente na parcela, de modo que qualquer juízo (suficiente/insuficiente) sem contexto é destituído de valor.

Já o afirmamos a importância dada por Tolstói (2012) ao contexto quando expôs suas críticas à ciência moderna, em especial a econômica, ao colega Carpenter. O contexto, um termo englobante de tudo que circunda o texto, possui como centralidade a noção de referente – tudo que é dito é dito em relação a algo, ainda que não declarado – e uma espacialidade, de modo que os conceitos poderiam ser cartografados, dispostos graficamente no espaço conforme seus atributos (eixos de referência). Outro elemento de profunda importância para os anarquistas em geral – e também central na preocupação econômica de Tolstói – é a teleologia do saber, ou seja, o objetivo pelo qual o conhecimento será empregado e o seu caráter de utilidade para o comportamento humano. O mesmo conhecimento, a depender do seu contexto (referência) e sua teleologia (objetivo), podem ser julgados de forma inclusive oposta e não gerarem uma absurdidade. Toda reflexão ouvida é sempre exata caso apresentados transparentemente todos os atributos da assertiva (Muller, 2023a). O conhecimento em sua forma generalizada ou leiga, por vezes, satisfaz uma necessidade comunitária (por exemplo, apenas afirmar de modo booleano a importância do valor nutricional do leite ou da higiene das mãos para a saúde coletiva), mas pode ser insatisfatório para o mundo acadêmico-científico (em química de alimentos ou epidemiologia, para acompanhar nossos exemplos).

Essa discriminação é relevante para compreender o ascetismo tolstoiano como recurso de luta contra a posse privada da mulher, que é elemento fundante de sua afirmação sobre promiscuidade na trama d’*A Sonata a Kreutzer*. O ascetismo – a postura filosófica de recusar possuir qualquer coisa, valendo-se apenas do consumo daquilo estritamente necessário à sua vida – em sua forma degradingolada corresponde à imagem do sujeito que se isola em um retiro espiritual a jejuar, um modo leigo usado para fins de sua ridicularização. Diferentemente, o ascetismo tomado como uma volúpia (um ímpeto irrecusável que se implanta na vontade do sujeito) é um instrumento milenar de luta política (Muller, 2023a). Isso graças ao aspecto de espacialidade que é excluído arbitrariamente na forma leiga: inclusive para rejeitar a posse, o sujeito ocupa um espaço geográfico em que toda propriedade privada é recusada, tornando-se propriedade em comum (ainda que fosse o espaço do deserto usado como retiro). Um observador externo poderia, então, julgar tratar-se da posse privada em comum da terra por um grupo de ascéticos e, disso, decorrer uma contradição e uma hipocrisia, algo que – igualmente – se trata de um recurso de linguagem daqueles defensores da propriedade privada. Tomando por referência o particular (o grupo de ascéticos é equiparado a um indivíduo particular para entregar-lhe a propriedade), o argumento só pode ser recusado quando o grupo se equiparar ao universo amostral (todas as pessoas sem exceção), algo impossível de se realizar instantaneamente. Rejeita-se absolutamente um mundo melhor simplesmente pelo fato de ele não existir aqui e agora, uma expressão do imediatismo infantil que assola as ideologias liberais. Todo passo dado pode ser interpretado em relação a sua origem (avanço) ou a seu destino (aquém dele). É, justamente, da citação usualmente atribuída a Einstein: “Só há duas maneiras de viver a vida: a primeira é vivê-la como se os milagres não existissem. A segunda é vivê-la como se tudo fosse

milagre”. Esse juízo, entretanto, só é possível quando estão esclarecidos origem e destino, contexto atual e uma teleologia, donde se coadunam, em importância para Tolstói, ciência e religião, respectivamente. Uma vez feita a opção pelo avanço, a decisão por continuar a luta é outra decisão, de modo também que considerar “tudo um milagre” não precisa degradingolar em inação. O limite de ação constante ou inação absoluta é igualmente arbitrário opte-se pela possibilidade de conhecimento ou pela dúvida sistemática, algo que vem historicamente opondo epistemólogos em um conflito meramente sintático e topográfico (Muller, 2023a).

Dentre os problemas sintáticos que afetam a organização dos problemas de pensamento humanos é a influência da lógica cristã nas ciências. Em termos gerais, de um lado os defensores da laicidade da ciência têm ojeriza da hipótese, enquanto pensadores como Tolstói não podem deixar de observar a sua indissociabilidade, o que provém, inclusive, de um registro histórico: o cristianismo surge enquanto conceito de movimento religioso no século II pelos estudiosos do fenômeno que ficara conhecido como revolução cristã (Brandão, 2014). Fora formado, antes, pelas escolas helenísticas, em especial o estoicismo, mas despontou em duas acepções diversas conforme as influências secundárias de outras escolas. O problema sintático decorre da eclipse aplicada ao tipo de cristianismo de influência. Há uma lógica cristã popular, com um Cristo quase anarquista, que quebra com a concepção de família baseada na consanguinidade e amplia a irmandade a toda a humanidade, horizontalizando as relações de poder, visão da qual Tolstói (2012) compartilha; e há uma lógica cristã burguesa, com a prosperidade material usada como símbolo da expressão da graça divina e na qual apenas o rico é escolhido de Deus e a pobreza, ao mesmo tempo, um pecado e uma punição ao pecador, num ciclo de miséria impossível de se escapar (Muller, 2023a). Nas ciências econômicas, inclusive o objeto de estudo – a tomada de decisão para a convivência humana; ou a acumulação de riqueza material e sua distribuição – será escolhido conforme uma determinação religiosa (ou filosófica, para não arranhar os ouvidos dos cientistas mais ortodoxos) anterior.

Dessa monta, a religião é produtiva enquanto motor e direção para a aplicação da ciência (uma decisão humana), não se confundindo com a ciência pura (em que se opera um recorte de não-teleologia). Rejeitar toda religião sem critérios claros, deixando de compreendê-la, por exemplo, como um código cultural e um discurso com efeitos pragmáticos, ou considerar o seu uso como absolutamente negativo, é sinônimo, por complementariedade lógica, do desconhecimento dos próprios limites das ciências, notadamente em seu aspecto pura/aplicada (Muller, 2024).

Dostoiévski, fundador daquilo que chamamos aqui de Teoria da Abjeção (White, 1993), também empreende movimento de estudo econômico. A economia, em seu sentido amplo, estuda a tomada de decisão humana, donde são critérios recorrentes a ponderação entre disponibilidade/escassez, custo/benefício, valores e consequências. Em *Notas do Subsolo* [1864], Dostoiévski (2009) coloca em perspectiva uma teoria das vantagens, questionando como agirá o ser humano perante uma vantagem tal que não possa ser reconhecida como tal. Em termos filosóficos, retira um atributo essencial do conceito para extrapolar suas contingências e estudá-lo. Se a vantagem individual está arbitrariamente ausente, necessariamente o olhar do observador volta-se à sociedade, num movimento de valorização do coletivo, do comum, algo tipicamente dostoiévskiano, como seu discurso em *Irmãos Karamázov* [1879], parafraseável em “somos todos responsáveis por tudo e por todos, e eu mais que os outros” (Dostoiévski, 1970). Obviamente, a todo momento, um benefício comum, por definição e essência, traduz-se num benefício [também] individual, colocando a proposição inicial contraindutiva (a vantagem desvantajosa) em apuros e, com isso, mantendo constante o movimento de busca obsessiva pelo próximo atributo-argumento. A própria noção de vantagem individual, assim como a de propriedade privada, só se extingue no absoluto coletivo e, nem por isso, buscamos o individualismo radical ou a liberalização geral, conscientes dos seus excessos em desvantagens coletivas.

Assim também é o movimento de Tolstói com a promiscuidade. Apenas com a promiscuidade absoluta (conduzida enquanto filosofia de vida e, portanto, uma obrigação moral perante Deus) é que se atingirá o estágio em que todos são de todos ou ninguém é de ninguém ou todos possuem igualmente a mesma autonomia para optar por quem (ou quens) quiser contanto que seja recíproco (a mesma assertiva apresentada em suas formas positiva, negativa e ambígua, segundo os operadores lógicos escolhidos). Em todo caso, uma proposta de convivência religiosamente basilar. Esse ponto ideal é ensaiado em outro texto literário de Tolstói: *Felicidade Conjugal* [1859]. Não surpreendentemente, ele, aqui, usará a voz de uma mulher (nessa condição ideal a mulher tem voz) para formular sua proposta, chegando à resolução final: “o repouso, a natureza, os livros, a música, o amor a alguém próximo—eis a minha felicidade, acima da qual nada sonhei” (Tolstói, 2010, [s.p.]). A promiscuidade, portanto, é o ponto intermediário demarcador do trajeto à libertação, o ponto da revolta camusiana em que o sujeito rejeita que o corpo seu ou do outro seja tratado como propriedade privada. A revolta de Camus, enquanto postura filosófica, também guarda em si o importante aspecto da cartografia dos conceitos lógicos-filosóficos. É um ponto limítrofe, a partir do qual a recusa a determinado elemento (no caso, o tratamento como propriedade privada dado aos sexos, tratando-o como objeto de valor econômico) ocorre de modo automático, como uma autorregra, incondicionado por contingências outras que não a decisão autônoma do sujeito revoltado (Camus, 2017).

O ascetismo como postura econômica perante a vida confrontadora da lógica clássica de escassez também é ensaiada em *Das memórias do príncipe D. Nekhlíúdor*, quando Tolstói (2015) se questionará a respeito do bem de maior valor econômico no mundo e o seu potencial de condicionador do comportamento humano (economia como ciência da tomada de decisão). Na trama do conto, o dinheiro (lógica econômica clássica) e a poesia (filosofia ascética) são colocados lado a lado, opondo-se também os portadores de tais discursos: burgueses na cidade de Lucerna (um símbolo militar) e o Príncipe Nekhlíúdor (ou “ninguém”, do russo *нет люд*). Tolstói também é crítico do militarismo como motor da roda da violência, donde construirá seu discurso em prol da filosofia da não-violência (Tolstói, 2012), sendo os caracteres de sua obra literária por demais simbólicos de seu pensamento.

Retirado do dinheiro – algo que falta à maioria do povo – da posição absoluta de maior bem econômico, a possibilidade de autorrealização (nos moldes de *Felicidade Conjugal*) torna-se viável. O caráter de meio de troca dado à moeda (Costa, 1994) é um trunfo e um obstáculo quando generalizado indevidamente. A noção mais ou menos geral de que a moeda serve como meio de troca para todas as transações comerciais – como evolução tecnológica do escambo – ignora outras contingências não-monetárias que trazem prazer ao ser humano. A lida com os prazeres, uma pauta basilar das escolas helenísticas na antiguidade clássica, foi posta de lado com o avanço do dogmatismo jurídico romano, permitindo o avanço de um modo de vida que rejeita inclusive os prazeres que não estão lastreados textualmente, sem força da lei (soberana), ou, noutros termos, não é monetizável, lastreado em papel-moeda, títulos legais promissórios de armazenamento poder de troca. Como o absoluto (o todo) é um conceito lógico-filosófico impossível de realização material, tomar a existência de alguma falta em tudo no mundo material em que vivemos é, nada mais, que uma notação matemática sem sentido próprio (Muller, 2023a). O sentido pragmático, entretanto, que entregamos a ele arbitrariamente é o de legitimação do desprazer e da lógica clássica da escassez, hipervalorizando a falta e tornando o seu preenchimento obrigatório. O ascetismo, em vez de solidificar essa tríade falta-desprazer-necessidade, mantém a autonomia do sujeito em tudo além da satisfação das necessidades mais básicas. Se a vida terá sentido existencial ou não, por exemplo, não sendo isso uma questão essencial, estará a cargo do sujeito: ele pode conviver com a ausência de sentido, se assim lhe aprouver, ou forjar um sentido para si e eventualmente o ir alterando, conforme lhe for mais prazeroso.

Em última instância, até a noção de si, *self*, pode ser deixada de lado, uma vez que o sujeito é objeto de autoaperfeiçoamento constante e terá autonomia para optar por ser quem bem entenda, não sendo nunca ninguém (*нет моду*) em específico, mas é esse título (príncipe) de sujeito despersonalizado que lhe garantirá a liberdade desejada (Muller, 2023a). Profundamente anarquista, tal qual Proudhon (1998) em seu discurso *A Propriedade Privada é um Roubo*.

A Teoria da Abjeção em Tolstói

A despersonalização demarca a abjeção. É, ao mesmo tempo, uma condição pregressa e um instrumento de luta. Uma vez que os juízos de valor dependem, como vimos, de um referente (origem) e uma teleologia (destino); a adoção da abjeção permite toda sorte de juízos de valor, como for do interesse do intérprete, uma vez que, sendo sujeito sem personalidade, pode assumir, a cada momento, a personalidade que bem desejar. Sendo o homem a métrica do mundo, mudando-se o homem mudam-se as métricas e, com isso, os juízos.

Dostoiévski funda a abjeção na literatura moderna em *Recordações da casa dos mortos*, em que o protagonista, nobre encarcerado, reconhece que nunca será considerado um igual pelos outros presos em decorrência de sua origem nobre (Dostoiévski, 2015). Igualmente ocorre com Tolstói que, homem de origem nobre e boêmio na jovialidade, é recorrentemente julgado machista e moralista no mundo acadêmico contemporâneo que o lê. Jean Genet, que desenvolveu proficuamente a teoria da abjeção de Dostoiévski, tem origem diversa: órfão criado institucionalizado, é presumidamente um delinquente criminoso ao longo da vida, sendo julgado inclusive por seu biógrafo Edmund White (1993).

O segundo elemento da abjeção é o uso dessa despersonalização pela origem a favor do sujeito. Genet (2015, [s.p.]) colocará em palavras: “minha vida deve ser lenda, isto é, legível, e sua leitura dar vida a uma nova emoção que chamo de poesia. Sou apenas um pretexto”. Dostoiévski (2009) o faz em *Notas do Subsolo*, quando o homem do subsolo lança sobre si mesmo as críticas presumidas dos senhores seus interlocutores; ou na figura de Aliócha Karamázov, que se impacta com o discurso do *stáriets* Zósima de que somos todos responsáveis por todos, e eu [ele] mais que os outros, e sofre o peso da responsabilidade ao longo da trama (Dostoiévski, 1970).

Como visto na questão das vantagens do homem do subsolo, ao subtrair de um elemento o seu aspecto essencial num exercício retórico, abre-se espaço de manobra para um estudo mais generalista do mundo a seu redor. Retirando do sujeito o *self* e do sujeito social a sua principal função econômica (nobre ou delinquente), pode-se olhar além a sua condição contingencial. Não se trata de uma absolvição, o reconhecimento de que por detrás do nobre ou do delinquente há um sujeito complexo, exatamente porque também o sujeito e sua complexidade (*self*) foram retirados. Não havendo sujeito integral para ser julgado, entra em cena a figura do juiz. Dostoiévski (1970) dirá que o juiz é o mais responsável de todos pelos crimes, enquanto Genet (2015, [s.p.]) dirá que “quanto maior, aos olhos de vocês, fosse a minha culpa inteira, totalmente assumida, maior seria a minha liberdade. Mais perfeita a minha solidão e a minha unicidade. Com a minha culpa eu ainda ganhava direito à inteligência” e que “Assim também os juízes. As suas roupas são ridículas. Os seus hábitos, cômicos. Se os considero, julgo-os e me preocupo com a inteligência deles” (Genet, 2015, [s.p.]).

Assumida integralmente a culpa e não havendo mais nada que se dizer do sujeito culpado, ganha cena o próprio julgamento, [as faltas de] modos associativos que as autoridades usam para fazer caber o crime ao criminoso. Destituídos de fala e sendo a verdade proferida apenas pelos julgadores, sem direito a defesa ou apresentação de suas verdades, rejeitam à realidade e enveredam para a ficção.

Ainda que tenhamos adotado Tolstói como objeto da presente pesquisa (e Dostoiévski e Genet como sistematizadores da teoria), tal movimento ocorre também em outros autores com forte veio filosófico-literário, literaturas encharcadas de filosofia não reconhecida, como Franz Kafka (*Carta ao pai*) e Albert Camus (*O estrangeiro*) (Muller, 2023b). Tolstói entrega sua voz a uma mulher e a um assassino (Pozdnychev); Dostoiévski ao homem do subsolo e a um presidiário (Alexander Petrovitch). Genet faz de sua vida e biografia uma autoficção por completo em *Diário de um ladrão*.

Comum a todos é a crítica à verdade (dogma), seja ela oriunda das religiões (Tolstói é anarquista cristão, crítico da Igreja Ortodoxa Russa), das ciências (Tolstói, 2012; Carpenter, 1888; Dostoiévski, 2009; Freinet, 2004; Feyerabend, 1977; Proudhon, 1998), das autoridades judiciais (Dostoiévski, 1970; Genet, 2015), ou de outros modos de autoridade pontual, como no caso do leitor perante um texto literário, que o interpreta a seu bel prazer arbitrário (Muller, 2023b).

Um dos aspectos da relação entre autoridade e verdade é que o poder da autoridade serve de critério de legitimidade para a verdade, mas a verdade, em primeiro plano, protege a autoridade das críticas, sendo a verdade a questionada, e não a autoridade (Muller, 2023a). A verdade é, pois, em si própria, uma ficção, uma abstração interesseira, cortina de fumaça que afasta a reflexão do mundo material das coisas (Feyerabend, 2005). O movimento desses autores baseia-se em retirar de cena as verdades e trabalhar em seus textos o ser humano em ação no mundo, suas decisões e como se comportam a partir do embate entre as suas interpretações e as interpretações alheias dentro do contexto em que estão inseridos. Objeto central para eles é a tomada de decisão – dos outros sobre si e de si a partir de uma condenação –, o mesmo objeto de estudo da economia e das ciências comportamentais, que vão estudar as contingências que fazem com que determinados comportamentos sejam mais ou menos expressos em relação a outros.

Não surpreendentemente, Skinner também pode ser inserido nesse rol de abjetos, de modo que a nossa base epistemológica para o estudo da abjeção faz coincidir teoria de base e objetos de estudo. No Brasil, Skinner e o comportamentalismo foram prontamente associados à lógica capitalista (Saviani, 2008), ainda que sua proposta o aponte totalmente em contrário. O critério para a associação indevida que fora usado por Saviani (2008): o fato de a tradução de sua obra ocorrer no mesmo ano em que o mercado editorial brasileiro se pululava de publicações de viés pedagógico tradicional, sob influência do militarismo que aqui nos assolava – militarismo nosso historicamente associado ao conservadorismo e liberalismo econômico. Novamente, um critério unicamente de origem, pouco significativa (uma data), e sem análise teleológica da teoria skinneriana, mas que, dito por uma autoridade [Dermeval Saviani] no tema, tornou-se verdade e a teoria do comportamentalismo radical de Skinner é hoje execrada nos currículos pedagógicos. O mesmo Skinner alinhado aos princípios anarcoepistemológicos de Feyerabend (Rocha, 2017) e cujas teorias têm por horizonte a autonomia em sua forma mais radical do sujeito, o primeiro princípio basilar do anarquismo.

Conclusão

Sobre o estado de coisas do mundo material realizam-se juízos de valor associando nomes a adjetivos (Muller, 2023a). Caso se diga, de Pozdnychev (nome), que é um misógino (adjetivo), cria-se uma verdade (operação-verdade nos termos de Wittgenstein (1968)). A veracidade ou falsidade da afirmação é um arbítrio da autoridade-intérprete que o julga. Decidida a verdade, na sequência, basta que escolha justamente aquele conjunto de fatos que lhe aprouver para sustentar a verdade (caso venha a ser questionado e sua verdade, apenas pela sua posição, não seja tomada por autoevidente) (Muller, 2023a).

No caso, quiçá, o simples fato de ter matado a esposa. Escolha-se outro conjunto – o seu discurso sobre a promiscuidade como movimento de libertação da mulher inclusive para esse tipo de crime fosse evitado, algo que o próprio sujeito reconhece ser uma consciência ganhada apenas após o seu crime – e a mesma operação-verdade poderá ser dada como falsa.

A Teoria da Abjeção, em sua forma aplicada à postura de vida, ignora seminalmente as operações-verdade. Interessa olhar a elas não para revertê-las diretamente, mas, antes, para investigar os comportamentos do julgador, ganhar consciência do mundo que o cerca (Muller, 2023a).

É dessa monta que Genet (2015, [s.p.]), seu maior desenvolvedor, dirá:

Uma acusação pode ser feita sem prova, mas a fim de me achar culpado terei a impressão de que devia ter cometido os atos que fazem os traidores, os ladrões, os covardes, mas nada disso aconteceu: dentro de mim, com um pouco de paciência, com a reflexão, eu descobria razões bastantes para que me dessem esses nomes.

A abjeção é uma postura essencial para a proposta econômico-filosófica que Tolstói desenvolve em suas obras. É preciso ignorar seminalmente as verdades do sujeito econômico (o sujeito de falta, a valorização da escassez e a moeda como meio de troca universal) para alterar o comportamento econômico humano. Isso porque tais verdades são gramaticalmente verdadeiras⁶¹, mas não explicam ou dão liberdade para a autonomia humana. Como discorrido durante o artigo, é a impossibilidade de ser e ter tudo que torna a assertiva do sujeito de falta verdadeira. Entretanto, sem significado útil à tomada de decisão, vez que uma falta retórica aplicável inclusive a quem não se identifica com tal falta (ascéticos). Assim também a valorização da escassez, vez que determinados recursos escassos são, de fato, universalmente necessários (água, por exemplo), mas nem por isso a escassez é critério natural (como apregoado) do valor das coisas: sabendo-se do *modus operandi* da ciência econômica em seus moldes liberais clássicos, pode-se passar a autonomamente rejeitar o escasso e reduzi-lo ou anulá-lo o valor, como o fazem os ascéticos. Por fim, ainda que a moeda tenha o caráter quase-abstrato de servir de meio de troca nas transações comerciais, ela é inapta ao que não é monetizável e ela possui o lastro material da autoridade (título promissório legal), de modo que a sua quase-universalidade (inegável) acaba por emprestar o mesmo sentido à autoridade que o assina (algo já forjado) e cria a falsa impressão da impossibilidade de uma vida sem governo (anarquia) e sem propriedade privada.

Para desenvolvê-la, Tolstói empresta sua voz a sujeitos rejeitados de sua época: a mulher, o assassino e o príncipe “ninguém” de lugar nenhum, poeta e extravagante. Presumidamente detestáveis e ridículos, não possuem nada a perder e, com isso, ganham a liberdade de decidirem sua vida à revelia das convenções sociais (à similaridade dos cínicos na helenística), sendo-lhes permitidos a promiscuidade, a racionalização do crime e a valorização da vida ascética, todos como formas de libertação e exercício da autonomia individual. Em última instância, é o reconhecimento da verdade como abstração prejudicial ao ser humano (Feyerabend, 2005) que o liberta. Ou, conforme Genet (2015, [s.p.]):

Por isso recorro às palavras. As que utilizo, mesmo se eu tentar com elas uma explicação, irão cantar. O que escrevo terá realmente acontecido? Será falso? Só este livro de amor será real. Os fatos que foram o seu pretexto? Deles devo ser o receptáculo. Não são eles que restituo.

Referências

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Em nome da (in)diferença: o mito grego e os apologistas cristãos do segundo século**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

⁶¹ Em Genet (2015, [s.p.]): “Cada reflexão ouvida me parece exata, mesmo a mais estapafúrdia.”

- CAMUS, Albert. **O homem revoltado** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Edições Bestbolso, 2017.
- CARPENTER, Edward. **Modern Science: A Criticism**. 1888. Disponível em: <https://web.mit.edu/redingtn/www/netadv/SP20150706.html>. Acesso em: 17 maio 2023.
- COSTA, Fernando Nogueira da. **Por uma teoria alternativa da moeda**. 1994. 344f. Tese Defendida em Concurso para Livre Docência – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Economia. Campinas, SP, 1994. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/wp-content/uploads/2021/03/jornalggn.com.br-por-uma-teoria-alternativa-da-moeda-por-fernando-nogueira-da-costa-fernando-nogueira-da-costa-por-uma-teoria-alternativa-da-moeda.-tese-de-livre-docencia-1994.pdf>. Acesso em 17 maio 2023.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas do subsolo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Abril Cultural, 1970.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Recordações da casa dos mortos**. São Paulo: Nova Alexandria, 2015.
- FEYERABEND, Paul. **A conquista da abundância**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2005.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso** [recurso eletrônico]. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GENET, Jean. **Diário de um ladrão** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- MULLER, Rafael Sarto. **Anticristos econômicos e as filosofias da antiguidade clássica em Deuses econômicos de Dyonelio Machado**. 2023. 253f. Tese (Doutorado em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2023a. Disponível em: https://www.academia.edu/114875829/Anticristos_econ%C3%B4micos_e_as_filosofias_da_antiguidade_cl%C3%A1ssica_em_Deuses_econ%C3%B4micos_de_Dyonelio_Machado. Acesso em 06 maio 2024.
- MULLER, Rafael Sarto. Notas do Subsolo como novela científica. **Temporalidades**, v. 15, n. 2, 12 mar. 2024. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/48741>. Acesso em 06 maio 2024.
- MULLER, Rafael Sarto. O Leitor Perverso: soberania e violência na interpretação literária de Kafka e Camus. **Revista Investigações**, v. 36, n. 1, 30 out. 2023b. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/258337>. Acesso em 13 fev. 2024.
- PROUDHON, Pierre Joseph. **A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: L&PM, 1998.
- ROCHA, César Antonio Alves Da. Skinner e Feyerabend sobre o Método e o Papel da Ciência em uma Sociedade Livre. **Trends in Psychology**, v. 25, n. 3, p. 913–926, set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2358-18832017000300913&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20 mar. 2020.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.
- SKINNER, Burrhus Frederic. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- TOLSTÓI, Liev. **A Sonata a Kreutzer** [recurso eletrônico]. [s.l.]: Centaur Editions, 2013.
- TOLSTÓI, Liev. Das memórias do príncipe D. Nekhlíúfov. In: TOLSTÓI, Liev. **Contos completos: Liev Tolstói** [recurso eletrônico]. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- TOLSTÓI, Liev. **Felicidade Conjugal** [recurso eletrônico]. São Paulo: Editora 34, 2010.
- TOLSTÓI, Liev. **Os últimos dias** [recurso eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WHITE, Edmund. **Genet: a biography**. New York: Vintage Books, 1993.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Editora Nacional, 1968.

NEUROMARKETING E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DE UMA EMPRESA EM PORTO NACIONAL-TO

Stefanny Suzerainny Lopes Souto Pereira⁶²

Rafael Pacheco Camargo⁶³

Flávio Augustos da Mota Pacheco⁶⁴

Vanderli Mendonça Junior⁶⁵

Bruno Gomes Pereira⁶⁶

Resumo

Este estudo teve por objetivo identificar a influência da inovação no Neuromarketing em relação ao comportamento dos consumidores da cidade de Porto Nacional – TO. Tratou-se de um estudo bibliográfico, exploratório, e de campo; de caráter descritivo com abordagem quantitativa. Foi usado um questionário eletrônico, o Google Forms para facilitar a aplicação e obtenção dos dados. O tipo de amostragem escolhida, foi a não probabilística por conveniência. A população do estudo foi constituída por 50 participantes, sendo eles colaboradores e gestores das distintas empresas dos diversos segmentos da cidade pesquisada. Os principais resultados mostraram que, não é uma influência tão grande ainda, pois, muitos empresários e os colaboradores das empresas pesquisadas, não sabem usar essa ferramenta de maneira inovadora, por não terem conhecimentos suficientes na área. Há uma grande necessidade de inserção dessa ferramenta nas empresas de Porto Nacional; para que os profissionais utilizem novas formas de comunicação com seus consumidores, para poder conhecer de fatos suas reais necessidades e supri-las, ultrapassando as expectativas, retendo-os na empresa. Investir em inovação e em neuromarketing é transcender a concorrência.

Palavras-chave: Marketing. Inovação. Neuromarketing. Comportamento do Consumidor.

Abstract

This study aimed to identify the influence of innovation in Neuromarketing in relation to consumer behavior in the city of Porto Nacional – TO. It was a bibliographic, exploratory, and field study; descriptive in nature with a quantitative approach. An electronic questionnaire, Google Forms, was used to facilitate application and data collection. The type of sampling chosen was non-probabilistic for convenience. The study population consisted of 50 participants, who were employees and managers of different companies from different segments of the city researched. The main results showed that it is not such a big influence yet, as many entrepreneurs and employees of the companies surveyed do not know how to use this tool in an innovative way, as they do not have sufficient knowledge in the area. There is a great need to include this tool in companies in Porto Nacional; for professionals to use new forms of communication with their consumers, to be able to know their real needs and meet them, exceeding expectations, retaining them in the company. Investing in innovation and neuromarketing means transcending the competition.

Keywords: Marketing. Innovation. Neuromarketing. Consumer behavior.

⁶² Pós Graduação – MBA em Marketing Estratégico pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduação em Bacharel de Administração pelo Instituto Tocantinense Presidente Antonio Carlos Porto LTDA – Afya. E-mail: adm_stefysuzerainny@outlook.com

⁶³ Bacharel de Ciências Contábeis, Pós Graduado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos pelo (ITOP), Especialista em Legislação Trabalhista e Direito Previdenciário pela (BSSP), e também Especialista em Liderança e Formação de Gestores pela (UFT). e-mail: rafaelpachecodp@gmail.com

⁶⁴ Pós-Doutor em Inovação (UFT). Doutor em Administração (UPM), Mestre em Administração (FACECA). Docente e pesquisador na Universidade Federal do Tocantins no curso Bacharel em Administração, e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Administração Pública-PROFIAP. flavio.pacheco@uft.edu.br

⁶⁵ Mestrando - Mestrando em Administração Pública pela Universidade Federal do Tocantins (PROFIAP) - UFT. Especialização- Gestão Fiscal e Tributária - Estácio. Graduação em Bacharel de Administração pelo Instituto Tocantinense Professor Antônio Carlos Porto LTDA- Afya. E-mail: vanderlimj@icloud.com

⁶⁶ Pós-Doutorando pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente e Pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Ibirapuera (PPGE-UNIB). Docente da Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN) e do Centro Universitário Anhanguera de Santo André (AMPLI). E-mail: b.gomes@kroton.com.br

Introdução

O consumo é o que move o mundo e as pessoas. Cada pessoa, possui necessidades e desejos, sejam eles, fisiológicos, de segurança, de relacionamento, de estima e realização pessoal. Contudo, essas necessidades jamais serão totalmente supridas, pois as pessoas nunca estão plenamente satisfeitas com o que consegue, sempre querem mais.

Lemos e Goés (2015), afirmam que, entender o comportamento do consumidor é extremamente importante para saber como ele fundamenta suas decisões antes da compra. Nesse aspecto, o comportamento do consumidor possui um amplo campo de pesquisa, porque refere-se a uma fonte inesgotável de dados, que são analisados constantemente, levando em consideração a forma, ações e atitudes perante o processo decisório de compra.

Entretanto, viveu-se uma pandemia, devido ao vírus covid 19, onde o inesperado se fez presente e situações que pareciam controladas, tornaram-se desafiadoras, exigindo uma adaptação imediata; para assim, não apenas sobreviver no mercado, mas sim criar um método inovador de ultrapassar as fronteiras virais que, comumente trouxe um colapso econômico. As empresas, passaram a investir mais nas necessidades dos consumidores, proporcionando assim experiências diferenciadas e únicas para cada tipo de cliente. Atualmente as pessoas confiam nas informações que obtêm em pesquisas on-line, para a tomada de decisão, seja de um produto ou serviço, estando ele em uma loja física ou virtual.

A maneira como tudo vem evoluindo, influi intensamente no posicionamento de compra. Deste modo é importante, acompanhar as tendências, inovar e aplicar o conhecimento do consumidor em estratégias que levem em conta o atual cenário de constante transformação.

Nesse sentido, as empresas precisam se reinventar cada vez mais e possuir um diferencial para conseguir conquistar os clientes. Assim, surgem alternativas que buscam a explicação e compreensão de aspectos complexos da mente humana; uma dessas alternativas é o Neuromarketing (Almeida; Arruda, 2014).

O estudo através do Neuromarketing, é um novo caminho para as empresas, pois tem como objetivo compreender qual a influência neurológica que determina as ações de marketing no comportamento do consumidor. Considerando o exposto, questiona-se: De que maneira a inovação influencia o Neuromarketing em relação ao comportamento dos consumidores na cidade de Porto Nacional –TO? Para responder a essa pergunta este estudo possui como objetivo: Identificar a influência da inovação no Neuromarketing em relação ao comportamento dos consumidores da cidade de Porto Nacional – TO.

Neuromarketing

Para compreender em sua profundidade, como se dá o comportamento do consumidor, é preciso buscar entender literalmente, como funciona a mente do ser humano. Só é possível, através da neurociência e o marketing. Decifrando o cérebro e os neurônios junto com os conhecimentos já adquirido nas áreas de marketing como: pesquisa de mercado, publicidade, entre outros.

Neste viés, o neuromarketing surgiu como uma alternativa de pesquisa mais assertiva, combinando os estudos da neurociência sobre a reação do cérebro humano aos estímulos do campo do marketing, com o objetivo de decifrar o comportamento de compra e as motivações ocultas no inconsciente do indivíduo (Fenker; Rodrigues, 2017).

Investigar a mente humana e seu comportamento em relação ao consumo é, pesquisar quais as preferências por certas marcas, quais emoções e reações são vivenciadas e encontradas no cérebro; quando decide comprar um produto ou adquirir um serviço específico.

Deste modo, utiliza-se avançadas ferramentas, junto com testes comportamentais, a fim de desvendar os reais variáveis que influenciam o consumidor, revelando como o cérebro realmente reage às mensagens mercadológicas em níveis mais profundos e como o inconsciente controla o comportamento do ser humano (Lindstrom, 2010).

De acordo com Kotler, Kartajaya e Setiawan (2010), essa ferramenta ajuda a identificar que, 95% das tomadas de decisões são feitas de forma inconsciente ou emocionais, e apenas 5% delas são decisões racionais.

Estratégias e Técnicas do Neuromarketing nas Empresas

Conquistar o consumidor moderno, não é tarefa fácil, são grandes os desafios que as empresas enfrentam; pois, é de vital importância, conduzir sua evolução de consumo, e permanecer na mente dos consumidores dentro de tantas opções presentes no mercado.

No Neuromarketing utilizam-se estratégias para entender a lógica de consumo, focando em analisar o comportamento do público. Estudos científicos sobre cada parte do cérebro ajudam a entender como os consumidores pensam e agem ao adquirir um produto, com esses estudos foram encontrados meios de entrar na mente das pessoas e fazer com que elas assimilem características ou lembranças da marca que está sendo apresentada, fazendo com que isso afete seu comportamento e as motive a comprar (Souza; Pohl, 2018).

Neste viés, será apresentado diversas técnicas que podem ser utilizadas como estratégias assertivas nas respectivas empresas que há no mercado.

Uma técnica de neuromarketing que já é bastante comum é o branding sensorial, no qual os sentidos são seduzidos por aromas, por estímulos auditivos, visuais que forçam os consumidores a comprar, atuando sobre a própria fisiologia, tornando o ato de compra não uma ação refletida, mas imposição exigida pelo organismo levado à desejar a experiência de consumo do produto e o consequente sentimento de satisfação (Mendonça; Coelho; Kozicki, 2014, p. 148)

Especificando mais a fundo algumas técnicas, Silveira (2018), afirma que os gatilhos mentais também são táticas de comunicação cujo objetivo é induzir alguém a realizar determinada ação. Eles mexem com o lado mais instintivo do cérebro, o que costuma levar a reações inconscientes.

Entretanto, outra técnica pode ser aplicada, como: a psicologia das cores, que é uma das formas de perceber o mundo por meio das cores. Para o neuromarketing, elas são essenciais para despertar sensações nos consumidores; são utilizadas para induzir o consumidor a fechar negócio. Por isso, elas são definidas a partir de estudos de perfis e mensagens para vincular a marca às necessidades e valores dos clientes. Cores quentes, como o vermelho, laranja e amarelo, transmitem energia e, por serem chamativas e despertam desejos (Petrocelli, 2020).

O Modelo VCI (2018), apresenta também, algumas estratégias que influenciam de maneira mais sutil, porém têm alto poder persuasivo, trazendo muito resultado no momento de decisão de compra. São elas:

- Emoções: quando um cliente sente, principalmente, emoção ao ver uma propaganda da marca, isso faz com que ele se recorde desse momento como uma lembrança boa, gerando uma afinidade do cliente com a marca. Também acontece ao sentir um aroma ou ouvir uma música que marcou um momento importante na vida desse consumidor;
- Tangibilidade: ao incentivar o cliente a ter um sentimento de posse, poder em ter tal produto, comprar algo que possa ser trocado ou vendido depois, o cliente guarda esse sentimento como uma sensação de conquista.
- Contraste: apresentar o Antes x Depois do produto faz com que o cliente se sinta seguro do que está comprando. Além de mostrar os benefícios da marca, traz a confiança de que vai ser útil;
- Centro das atenções: quando o cliente se sente exclusivo e único. A marca faz o consumidor se sentir apoiado, entendido e oferece algo para satisfazer seus desejos ou necessidades. Isso conquista o cliente e ajuda a torná-lo um propagador da marca;
- Visual: essa estratégia é a que faz o consumidor parar o que está fazendo e prestar atenção na marca. Uma imagem que gera impacto, uma frase ou textos atrativos, baseando-se nas dores do cliente ou com cores que alertam sobre o que está sendo exposto, todas essas características fazem o consumidor reparar na marca e se sentir atraído por ela.

Todas essas técnicas apresentadas a cima e outras mais que existem, podem ser aplicadas nas empresas, em diversos segmentos do mercado, basta saber executar da maneira correta. Muitos, desenvolvem seus negócios da maneira que acha melhor, muitas vezes sem planejamento e estratégias direcionadas, contudo, tem-se o neuromarketing como uma excelente ferramenta, para aplicá-lo, basta apenas, compreender o que é e como funciona, assim, usá-lo conforme a necessidade da empresa e do tipo de consumidor.

Metodologia

Para a elaboração do presente estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos científicos impressos ou eletrônicos (Marconi; Lakatos, 2017). Sendo assim, a pesquisa bibliográfica serviu de base, de fundamento para o assunto que se pretendeu pesquisar, servindo também para ter um maior aprofundamento teórico, comparando os argumentos teóricos com a prática.

Trata-se também de uma pesquisa exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória, proporciona maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Exemplos comuns são levantamentos bibliográficos, entrevistas com pessoas que possuem experiências práticas com o problema pesquisado, visita a instituições ou busca de web sites. Caracteriza-se pela primeira aproximação com o tema, problema e objeto e busca estabelecer os primeiros contatos com o fenômeno de interesse (Filho; Filho, 2015).

Entretanto o objetivo da pesquisa descritiva é, descrever características de uma população ou fenômeno. Também podem identificar possíveis relações entre variáveis, cita-se o estudo das características de um grupo por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população (Gil, 2017).

E por fim, a pesquisa de campo. É a que se utiliza com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos sobre um problema, para o qual se procura uma resposta, ou sobre uma hipótese, que se queira comprovar, ou também, com o propósito de descobrir novos fenômenos ou relações entre eles (Marconi; Lakatos, 2017).

A abordagem escolhida é a quantitativa, pois levantou-se por meio de questionário eletrônico, a identificar a influência da inovação no Neuromarketing em relação ao comportamento dos consumidores da cidade de Porto Nacional – TO.

Consequentemente, a abordagem quantitativa busca apresentar os dados e suas informações por meio de números. Na abordagem quantitativa são utilizadas técnicas estatísticas que traduzem os dados em resultados da pesquisa (Fonseca, 2002). Sendo baseada em questionário, para coletar opiniões e informações que serão posteriormente agrupadas e analisadas estatisticamente.

O instrumento de coleta de dados será por meio da aplicação de questionários eletrônico. No caso das ferramentas de criação de questionários online (e-surveys), a profusão da oferta é ilustrada pelo número de resultados obtidos quando se faz uma pesquisa por survey tools e pelo número de ferramentas disponíveis identificadas (Neves; Augusto; Terra, 2020).

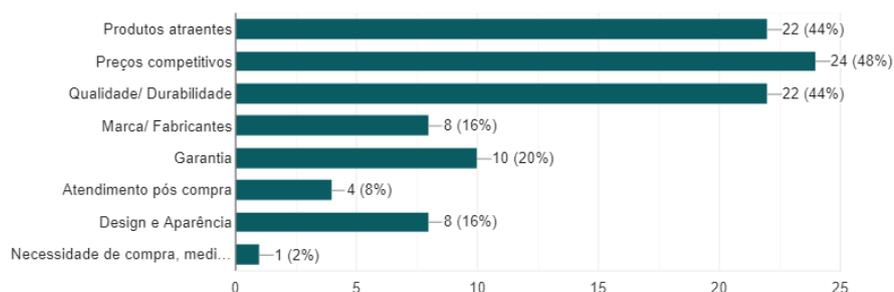
Nos últimos quinze anos, os questionários online afirmaram-se como uma técnica de coleta de dados amplamente usada para diversos fins, tanto de índole científica e acadêmica, como no contexto empresarial (Evan; Mathur, 2005; Lozar; Batagelj; Vehovar, 2005).

Os questionários online têm diversas vantagens para a organização ou pessoa que os desenvolve e aplica. Segundo Vasconcellos e Guedes (2007), o custo de elaboração pode ser reduzido ou nulo, a menos que se opte por uma opção mais dispendiosa; os dados são apresentados imediatamente após o questionário ser respondido; facilidade em usar amostras maiores; os dados semelhantes são facilmente agrupados e podem ser apresentados percentualmente, levando a que as divergências se tornem evidentes, facilitando a análise, reduzindo o erro e o tempo de escrita; entre outros.

Análise dos Resultados

No tocante a proposta do estudo e a dos dados coletados por meio do questionário eletrônico. A seguir será exposto os gráficos que representam o contexto pesquisado. Pode-se ver no gráfico 1 o que influencia a decisão de compra dos consumidores. As colaboradoras e gestores das empresas pesquisadas, afirma que são as marcas, design e aparência dos produtos, correspondendo a 16% cada uma das afirmações. Todavia, 20% relata ser a garantia, 44% os produtos atraentes, e outros 44% as marcas / fabricantes e por fim em seus 48% os preços competitivos.

Gráfico 1: Quais os fatores que influenciam a decisão de compra dos consumidores em sua empresa



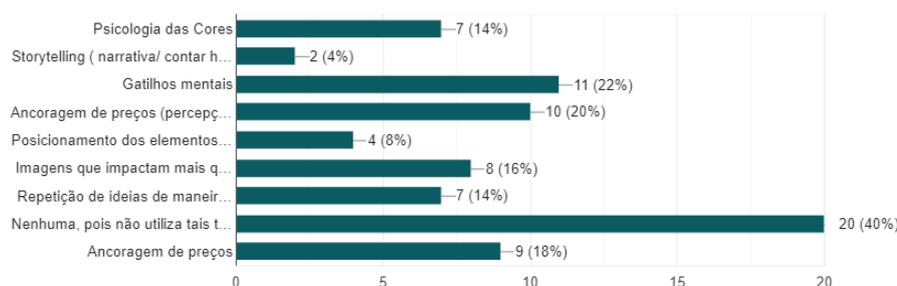
Fonte: Da pesquisa (2021)

O processo de decisão de compra do consumidor depende muito da forma em que a empresa explora o seu comportamento a fim de influenciá-lo na decisão, baseado na necessidade ou desejo, busca da informação, avaliação das alternativas ou posicionamento da marca que causa lembrança na mente do seu público-alvo (Kotler, 1996).

O processo de decisão de compra depende de fatores, como o próprio perfil do consumidor, o produto a ser adquirido, a situação da compra, a comodidade e praticidade encontrada, assim como os outros indicadores expostos acima no gráfico; tudo é avaliado no processo de compra. Ao entender o comportamento do seu consumidor a empresa será capaz de entregar para ele o produto certo, na hora certa, pelo canal que ele prefere e gerando valor.

Pode ser observado no Gráfico 8, sobre as técnicas de neuromarketing que são utilizadas para aprimorar as atividades na empresa. Neste viés, 14% dos respondentes afirmam ser psicologia das cores, outros 14% a repetição de ideias de maneira estratégica, 16% imagens que impactam mais que textos, 20% ancoragem de preços, 22% gatilhos mentais e 40% nenhum desse, pois não utilizam tais técnicas.

Gráfico 2: Quais as técnicas de neuromarketing são utilizadas para aprimorar as atividades na empresa?



Fonte: Da pesquisa (2021)

Como o neuromarketing é composto por um conjunto de técnicas e ferramentas utilizadas para medir as reações e comportamentos dos consumidores, ele pode ser aplicado em diversas outras áreas. Ele independe, inclusive, do tamanho da empresa, pois seus estudos são abrangentes e levam em consideração as respostas inconscientes dos consumidores (Web4 Comunicação, 2017).

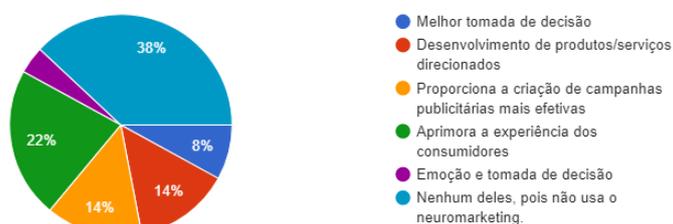
Neste viés, será apresentado diversas técnicas que podem ser utilizadas como estratégias assertivas nas respectivas empresas que há no mercado.

Os aspectos visuais são os que mais influenciam o comportamento do consumidor, algumas marcas optam por mesclar várias tonalidades. Storytelling: por meio de narrativas que não necessariamente envolvem o produto; a marca consegue ativar o lado emocional do consumidor. Posicionamento dos elementos de uma imagem: instinto leva o observador a direcionar sua atenção para lá. Gatilhos mentais: a ideia é transmitir ao consumidor uma informação, objetiva ou subjetiva, que desperte nele a necessidade de consumo. Ancoragem de preços: é mais fácil tomar por base os preços para produtos similares e observar se a oferta em questão está cara ou barata. Repetição de ideias de forma estratégica: torna a mensagem mais poderosa e persuasiva; entre outros (Content, 2019).

Todas as técnicas apresentadas a cima e outras mais que existem, podem ser aplicadas nas empresas, em diversos segmentos do mercado, basta saber executar da maneira correta. Muitos, desenvolvem seus negócios da maneira que acha melhor, muitas vezes sem planejamento e estratégias direcionadas, contudo, tem-se o neuromarketing como uma excelente ferramenta.

Em conformidade ao Gráfico 3, aponta-se quais os benefícios que as empresas, ou onde trabalha tem por usar o neuromarketing. Sendo assim, 8% dos participantes citam que, tem por benefício, melhorar a tomada de decisão, 14% para desenvolvimento de produto/serviços direcionados, outros 14% para proporcionar a criação de campanhas publicitárias mais efetivas, 22% aprimorar a experiência dos consumidores, 4% está relacionada a emoção e tomada de decisão, 38% afirmam não haver benefícios pois não usam o neuromarketing nas respectivas empresas.

Gráfico 3: Quais os benefícios que sua empresa, ou onde trabalha tem por usar o neuromarketing?



Fonte: Da pesquisa (2021)

De acordo com Pires (2016), a utilização do neuromarketing é um novo caminho para as empresas, onde o entendimento do comportamento do consumidor e criação de novas abordagens pode ser o primeiro passo para estarem na frente das demais concorrentes.

Entretanto, é notório, que as empresas da cidade de Porto Nacional, não utilizam o neuromarketing como ferramenta para compreender o comportamento do consumidor, por não terem um total conhecimento sobre a área, as respectivas empresas, estruturam seus negócios a maneira deles, não sabendo que a mente do consumidor é como um mapa a ser dominado. Ao compreender melhor o que o público deseja e sente, os resultados serão mais eficientes, por isso é imprescindível conhecer melhor as características e os princípios do Neuromarketing e perceber os benefícios que a sua aplicação pode trazer para o negócio

Considerações Finais

Considerando o levantamento teórico e a pesquisa realizada durante o desenvolvimento do artigo, juntamente com a aplicação dos questionários eletrônicos, percebeu se que, o neuromarketing, de início pode ser um pouco complicado, por ser ainda uma área de estudo nova, pouco explorada e não muito utilizada nas empresas. Entretanto, está crescendo com um ritmo exponencial.

No que tange ao objetivo deste trabalho, foi possível sim identificar a influência da inovação no Neuromarketing em relação ao comportamento dos consumidores da cidade de Porto Nacional – TO. Contudo, não é uma influência tão grande ainda, pois, muitos empresários e os colaboradores das empresas pesquisadas, não sabem usar essa ferramenta, por não terem conhecimento suficiente na área.

Todavia, nessa nova era digital, os consumidores estão por dentro de tudo o que acontece, estão atentos, mais exigentes e com necessidades específicas a serem supridas. Pelo fato das informações serem em tempo real, não basta apenas oferecer um produto ou serviço de qualidade, não será o suficiente, pois os consumidores esperam mais que isso.

Deste modo, para as empresas ofertarem um produto/serviço diferenciado, totalmente personalizado, oferecendo uma experiência única para cada tipo de consumidor, faz-se necessário compreender a essência; o que influencia o comportamento em uma determinada compra. Neste aspecto, o neuromarketing possui relação direta com o comportamento do consumidor, pois busca entender o que motiva e influencia seu comportamento, como em sua mente ocorre a tomada de decisão de compra de um determinado produto/serviço. As ações de cada indivíduo são involuntárias, e muitas vezes pensam de uma maneira, mas agem de outra, pois são diversos fatores que os influenciam.

Há uma grande necessidade de inserção dessa ferramenta nas empresas de Porto Nacional; para que os profissionais utilizem novas formas de comunicação com seus consumidores de maneira inovadora, para poder conhecer de fatos suas reais necessidades e supri-las, ultrapassando as expectativas, retendo-os na empresa. Investir no neuromarketing é transcender a concorrência.

Referências

- ALMEIDA, C. F. C. de; ARRUDA, D. M. de O. O neuromarketing e a neurociência do comportamento do consumidor: o futuro por meio da convergência de conhecimentos. Fortaleza: **Ciências & Cognição**, 2014. 19 v. (278-297).
- ANDRADE, Maria Margarida De. **Introdução à Metodologia Do Trabalho Científico**. 10ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- CONTENT, Rock. **Entenda o que é Neuromarketing e como aplicar essa ciência na sua estratégia de marketing**. Publicado em: 03/05/2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/neuromarketing/>. Acesso em: 16/10/2021.
- EVAN, J. R., MATHUR, A. **The value of online surveys**. *Internet Research*, 15 (2), 2005, 195–219
- FENKER, Aline Stefanie; RODRIGUES, Alexandre. **O neuromarketing como ferramenta complementar no estudo do comportamento do consumidor**. 2017, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.dnacorporativo.com.br/uploads/arquivos_genericos/31_1.pdf>. Acesso em: 13/10/2021.
- FILHO, M. C. F.; FILHO, E. J. M. A. **Planejamento da pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- KOTLER, P. **Administração de marketing**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- KOTLER, P., KARTAJAYA, H., SETIAWAN, I. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- KOTLER; Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de marketing**. 15. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.
- LEMOS, Felipe; GÓES, Luís Fabrício. **Avaliação do comportamento de consumidores no processo de decisão de compra no M-Commerce e no E-Commerce - XI Brazilian Symposium on Information System, Goiânia p. 127-134, 26-29 maio, 2015**.
- LINDSTROM, Martin. **Buyology: truth and lies about why we buy**. Estados Unidos: Broadway Books, 2010.
- LOZAR Manfreda, K., BATAGELJ, Z., VEHOVAR, V. (2005). **Design of web survey questionnaires: Three basic experiments**. *Internet Research*, 15 (2), 12005, 95–219.
- MARCONI M., LAKATOS E. **Fundamentos de metodologia científica**. Editora Atlas S. A. 2003.

- MENDONÇA, G. M.; COELHO, S. R.; KOZICKI, K. **O princípio da vulnerabilidade e as técnicas de neuromarketing: aprofundando o consumo como vontade irrefletida.** Scientia Iuris, [s.l.], v. 18, n. 1, p.135-152, 31 jul. 2014.
- MODELO VCI. **Neuromarketing. Aprenda 5 estratégias e conquiste seu público-alvo. Vendedor de consórcio imbatível**, 2018. Disponível em: <http://www.vendedordeconsorcioimbativel.com/blog/neuromarketing-aprenda-5-estrategias-e-conquiste-o-seu-publico-alvo/>. Acesso em: 15/10/2021.
- PETROCELLI, Marina. **Neuromarketing: 5 estratégias que incentivam o consumo.** Publicado em: 17/12/2020. Disponível em: https://plataformasolution.com.br/neuromarketing-5-estrategias-que-incentivam-o-consumo/?gclid=EA1aIQobChMIvX48Pb87AIVC4iRCh2PfwXoEAAYASAAEgIfdfD_BwE. Acesso em: 28/09/2021.
- PIRES, Susan P. **Neuromarketing e as influências no comportamento do consumidor.** Publicado em: 04/07/2016. Disponível em: http://antigo.scl.ifsp.edu.br/portal/arquivos/publicacoes/2017/4_NEUROMARKETING_E_AS_INFLU%C3%8ANCIAS_NO_COMPORTEAMENTO_DO_CONSUMIDOR.pdf. Acesso em: 18/10/2021.
- SILVEIRA, Carolina. **O que é uma estratégia de neuromarketing e como aplicá-la?** Publicado em: 27/02/2018. Disponível em: <https://blog.allin.com.br/o-que-e-uma-estrategia-de-neuromarketing-e-como-aplica-la/>. Acesso em: 28/09/2021.
- SOUZA, Brenda Helena; POHL, Rogério. Estratégias do Neuromarketing - Conhecendo suas técnicas de persuasão. Publicado em: 16/03/2018. PMKT – **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia** (PMKT on-line) | ISSN 2317-0123.
- VASCONCELLOS L, GUEDES LF a. E-Surveys: **Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no Contexto da Pesquisa Científica.** X SemeAD 2007;(X):16. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/420.pdf>. Acesso em: 28/09/2021.
- WEB4 COMUNICAÇÃO. **Afinal, o que é e como é aplicado o Neuromarketing?** Publicado em: 15/09/2017. Disponível em: <https://web4comunicacao.com/afinal-o-que-e-e-como-e-aplicado-o-neuromarketing/>. Acesso em: 11/10/2021.